BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE — JORNAIS — COIMBRA

NOVEMBRO 91

ANO II
Nº 5

PREÇO 100$00

A CABRA

SUPLEMENTO

AGARRA QUE É CALOIRO

DIRECTOR: JOSÉ DE ALBUQUERQUE DIRECTOR AJUNTO: TERESA GOMES

CANTINAS DÃO LUCRO

Afirmação Polémica do responsável dos Sociais na DG/AAC



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



"Uma moedinha, ó sócio!"

Morituri te salutant!

ABERTURA DAS AULAS

UNIVERSIDADE A CONTA GOTAS

A MIRAGEM DAS VERBAS



Faculdade a Faculdade, lá vai abrindo a Universidade. Sem verbas nem garantias, a grande maioria dos Conselhos Directivos optou pela abertura, dando assim um voto de confiança ao novo Ministro, figura central nesta polémica. Diamantino Durão, ainda não assumiu qualquer posição, encontrando-se de «quarentena» para o estudo dos dossiers. Sabe-se apenas, por Emídio Gil Santos, novo Secretário de Estado do Sistema Educativo, ao qual ficou ligado o Ensino Superior, que os vencimentos de funcionários e professores, estão garantidos, o que nunca tinha estado verdadeiramente em causa.

Com Medicina e Direito por abrir e as restantes Faculdades em risco de fechar, procuramos aqui relatar o processo que nos conduziu a fazer o ponto da situação. Felizmente ou infelizmente, dado o facto de sermos estudantes, o caso não nos é, obviamente, indiferente e o artigo ressente-se disso.

Tardam em abrir as aulas nas Faculdades de Direito e Medicina, ao passo que não está excluida a possibilidade do encerramento das restantes Faculdades, caso o milhão e seiscentos mil contos que a Universidade entende como o mínimo dos mínimos para o seu correcto funcionamento este ano lectivo, não chege até ao final do mês. Recorde-se que este valor foi atingido após a Comissão de Planeamento e Gestão do Senado ter pedido às Faculdades, em Março, que elaborassem um projecto de orçamento de base zero, ou seja, contando apenas com o estritamente necessário para o funcionamento das Faculdades. Só que, após o projecto ter regressado da sua viagem pelas repartições do Ministério, os cortes tinham sido tão drásticos— por exemplo: na Faculdade de Direito dos 496 317 000$00 pedidos o Ministério atribuiu apenas 297 020 000$ (menos cem mil contos)— que já em Setembro o Ministério tinha sentido a necessidade de descongelar 810 000 000$ para obviar à situação de ruptura no pagamento dos salários do mês de Outubro (verba para todas as Universidades).

À espera do Ministro

Apesar deste paliativo, em plena euforia eleitoralista, a situação para Novembro adivinhava-se já catastrófica. O Ministro da Educação, sabendo-se já de malas feitas, recusava-se a qualquer tomada de posição que ultrapassasse a mera gestão, como se o pagamento dos salários ou as fotocópias não o fossem. Depois foi a longa espera, enquanto Reitores e Conselhos Directivos saltavam impacientes nos estofos subitamente escaldantes, enquanto as pulgas mordiam e a Universidade se inclinava mais que a Torre de Pisa. Houve que aguardar que o Primeiro decidisse quem seriam os Ministros, que os Ministros escolhessem os Secretários e que todos fossem empossados. Como se não fosse bastante, o nóvel Ministro ainda se autoconcedeu umas semanitas para ponderação dos dossiers, tendo mesmo desmarcado a reunião a ter com a Comissão Executiva do Conselho de Reitores, prevista para Terça-feira, dia 12.

Entretanto, colocava-se a questão: seria possivel abrir as aulas? Seria conveniente? Caso se abrisse, até quando seria possivel manter as aulas?

A reunião do Senado

É neste cenário que a 15 de Outubro reúne o Senado Universitário. Por pano de fundo, um buraco de um milhão e seiscentos mil contos (o Ministério considera que são menos 500 mil contos) e 17 mil alunos à espera . Numa reunião algo tumultuosa, em que por entre acusações de má gestão das faculdades —comparações com a Universidade do Minho na qual 17% do orçamento é resultado da auto-gestão— ao apontar da pouca pressão realizada pela Reitoria sobre o Ministério, houve até quem afirmasse que a situação era equiparável à das faculdades constantemente a pedir dinheiro ao Reitor, que a falta de verbas era natural dado o ciclo de austeridade; terminando com a afirmação de que a história era a mesma todos os anos e que no final se conseguia sempre abrir as aulas. Assim, por entre posições totalmente contraditórias e, quando o consenso já se julgava impossível, o Reitor conseguiu avançar com uma declaração que acabou por ser unânime.

Deixando a decisão final de abertura das aulas, que, aliás, não é da sua competência, para os Conselhos Directivos das Faculdades, o Senado deliberou, por unanimidade, apoiar o comunicado do

Conselho dos Reitores, o que em termos práticos significou que, caso até Novembro não chegue o reforço orçamental para o pagamento dos salários e— principalmente— para as verbas de funcionamento e novas contratações, *terá de reconhecer-se a inviabilidade do prosseguimento das actividades académicas*. O Reitor assumia assim uma hábil posição política, em que, não deixando de fazer algumas reivindicações, não se incompatibilizava com o Ministério nem decepcionava os estudantes que nesta altura se encontravam já em Coimbra à espera do início das aulas.

A hora das decisões

Com total liberdade para decidir da abertura das aulas, já sem preocupações de solidariedade institucional e contando com todo o apoio da D.G./A.A.C. qualquer que fosse a decisão tomada, cada Conselho Directivo olhou para o umbigo e meditou um pouco sobre a fatuidade da vida, a vontade do Senhor e o facto de os rios correrem todos para o mar. No seguimento, todas as Faculdades se sentiram em condições de abrir as aulas à excepção de Medicina e Direito. A primeira, necessita de contratar trinta novos Assistentes para os quais naturalmente não há dinheiro verificando-se ainda alguns problemas administrativos. Quanto à segunda, as verbas são tão insuficientes que, no dizer do prof. Orlando Carvalho, já não chegam para a compra de papel higiénico.

Orlando parte a loiça

Foi, aliás, este professor que, manifestando a sua incompreensão pelas Faculdades que em Outubro não podiam abrir as aulas e em Novembro já o podiam fazer, as acusou de abrirem um grave precedente, porque, segundo afirmou, poderia parecer aos Governo, que se as Escolas funcionam sem verba, podem continuar a funcionar ...sem verba.

O professor Orlando de Carvalho assumiu posições extremamente duras, em vivo contraste com a linguagem mais moderada e conciliadora do Senado. Assim, acusou o Governo de não assumir as suas Instituições. Tendo-se recusado a pactuar com aquilo que designou por demagogia dos estômagos. Para o professor Orlando de Carvalho, já não basta o pagamento dos salários, que aliás nunca foi seriamente posto em causa e que o Secretário de Estado já garantiu, chegou a altura de dizer não à política miserabilística da Educação e verbas de funcionamento suficientes, juntamente com a contratação de novos Assistentes, são neste momento imprescindíveis, à Faculdade de Direito e à Universidade.

Ainda nas palavras do Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito, *o Governo não tem nada a ponderar, isto é a vida corrente do país. Se não se garante o metabolismo basal do Ensino Público, então é porque ele já está em vésperas de morrer*. O Prof. recusa-se assim, a colaborar naquilo que denomina mistificação da opinião pública e alerta para a situação de estertor. em que se encontra a Universidade.

Ninguém tem dúvidas

Ninguém tem dúvidas de que o dinheiro virá, como ninguém tem dúvidas que serão pagos os salários do pessoal. Ninguém tem dúvidas de que a situação em Dentária será resolvida a breve trecho e que rapidamente se encontrarão umas salas nas arrecadações da sub-sub- cave, para os alunos de Engenharia Mecânica. Mas também ninguém duvida de que as verbas que o Ministério venha eventualmente a disponibilizar, serão muito inferiores às necessitadas. A pachorrenta indignidade, com extemporâneos pontos de exclamação, em que a Universidade se vem arrastando no seu lento ocaso, continuará até ao estrebuchar final.

Por certo, assistiremos a algumas peripécias, os trampolins já estão montados. Como o próprio Reitor admite, é provável que venha a ser necessário um orçamento suplementar, hipótese que o novo Ministro das Finanças, na sua primeira declaração, recusou liminarmente. Orçamento esse que terá que ser aprovado na Assembleia da República, tornando virtualmente impossível, cumprir o prazo (final de Novembro) dado pelo C.R.U.P. ao Ministério.

Assim, possivelmente, assistiremos ainda, entre divertidos e indiferentes, ao encerramento da Universidade e ao cortejo de declarações de solene indignação de circunstância. Aos estudantes pasmados pelos cafés da Praça da República, praxando caloiros e discutindo futebol, por entre canecas entornadas e caixotes do lixo virados, fazer apostas sobre o início das aulas.

O Reitor e a D.G. gastarão metade dos seus orçamentos em telefonemas desesperados para o Ministério da Educação, que polidamente explicará que está a convencer o colega Ministro das Finanças. Talvez haja uma manifestaçãozita ou outra, uma passeata a Lisboa, ou o encerrar simbólico, da Porta Férrea. Talvez o Reitor não realize a Abertura Solene senão lá para Fevereiro e o Ministro seja vaiado quando cá vier.

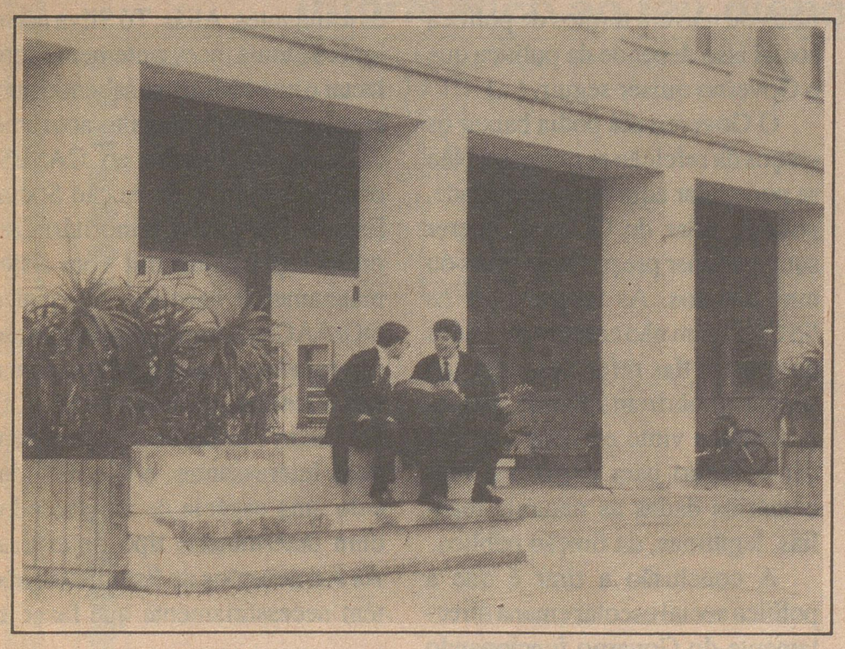
Mas o dinheiro chegará, chega sempre. Será o mínimo dos mínimos, é sempre pouco.

E nós? Lá iremos, cantando e rindo, subindo as Monumentais, para uma Universidade cada vez mais degradada e esquecida. Ninguém terá perguntado, mas que prioridade nacional é esta, que não tem dinheiro para o papel higiénico? Mas que autonomia é esta, em que o Estado se divorcia das suas Universidades? Mas que pedinchice é esta?! Que vergonha é esta?!!! Que Universidade é esta?!!!

Entretanto, o Reitor vai pensando nas propinas, panaceia universal para o nosso debilitado orçamento, esquecendo que mal as lance, o Governo limitará as dotações. Quanto à D.G./A.A.C., prefere deixar estas questões, afinal tão secundárias, para os Conselhos Directivos das Faculdades e envolver-se no seu casulo de lutas intestinas e apertos de mão ocasionais a empresários estabelecidos e jovens políticos em ascensão.

Terminamos com as palavras do Prof. Romero de Magalhães (Economia) na reunião do Senado Universitário, quando se levantou a hipótese de protestos algo mais veementes, com menos luvas brancas e civilização: *Não se está na Idade Média, este é o Governo da Nação!*.

João Figueiredo Saraiva



EDITORIAL

O GUERRINHAS

A Universidade de Coimbra enfrenta, talvez, a sua pior crise desde a revolução de Abril. O momento actual ficará, por certo, na história da Universidade e na história da política educacional deste país. A declaração proferida, no passado dia 7, pelo Prof. Dr. Orlando de Carvalho, assim o exige e assim o determina. De facto, o Prof. Orlando de Carvalho ousou colocar o dedo na ferida e, na Conferência de Imprensa, não poupou a Universidade e muito menos o Governo e o seu Ministério da Educação. A situação é insustentável. As Faculdades de Direito e Medicina mantêm as portas encerradas por falta de condições de funcionamento. Não há verba. No fundo, assiste-se ao repetir da história, e poucos eram aqueles que esperavam que, desta feita, fosse tomada uma posição firme por parte das faculdades. No entanto, a situação não é só insustentável devido à falta de verba para os professores e funcionários. A falta de espaço é gritante. Muito se fala agora das aulas que não começam, mas pouco se falou das aulas que ficaram por dar, por professores e alunos não caberem nas salas. Pouco se disse e escreveu sobre o apelo dramático de alguns professores para que os alunos não fossem todos às aulas, antes se dividissem—hoje vão uns, amanhã outros. A ameaça de ruptura é pois real.

É aceitável que os docentes estejam preocupados com a falta de verba que directamente os atinge. É aceitável que reajam firmemente, em nome de tál carência que impede o regular funcionamento das escolas e demonstra bem a importância e a prioridade que a educação ocupa em Portugal. Agora inaceitável, incompreensível e alarmante é que a Associação Académica esteja amordaçada em todo este processo. O mínimo que se podia esperar da Direcção Geral da AAC, imediatamente após a Conferência de Imprensa da Faculdade de Direito, era uma tomada de posição pública, pronta e clara, de solidariedade com a Faculdade e a Universidade, contra a actual política educacional do Governo. Impunha-se à Associação Académica envolver-se pessoalmente nesta guerra, nesta cruzada pela educação. Impunha-se pois, que em igual Conferência de Imprensa, a mais antiga Associação de Estudantes do país honrasse o seu nome e o seu passado, de contestação e de vanguarda em movimentos deste género. Impunha-se saber que a Associação Académica levantava a sua voz contra a situação presente, que criticava e estava disposta a lutar na primeira linha, na defesa dos estudantes, do prestígio e da dignidade da Universidade. Em vez disto, a Associação Académica viu-se arredada de uma guerra que era a sua, para se ver envolvida em guerrinhas estéreis. Deste modo, a Direcção Geral fez "cavalo de batalha" da construção de um barracão no Jardim da AAC, ainda que contra a vontade da maioria de Secções e Organismos; e ultimamente envolveu-se em mais uma guerrinha, contra a Comissão Directiva do Teatro Académico de Gil Vicente por causa de um Sarau dos Fans que não se realizou no dia desejado, por razões de opção artística e cultural.

A situação é clara. Mais uma vez se demonstra que não interessam à Associação Académica as Direcções partidárias. Talvez se compreenda agora o porquê do investimento das Juventudes Partidárias para os Corpos Gerentes da AAC. Hoje em dia, a Associação Académica está amordaçada pela cor que oculta debaixo da capa negra, está hipotecada ao poder, e deste não se consegue desprender. O problema é grave e é de base, quando se pretende uma posição firme da Associação Académica ela acobarda-se no silêncio e diz que é solidária com qualquer posição que as faculdades tomem. A situação não é nova, e a Associação Académica já tinha sido cobarde quando exigiu a demissão da Bastonária da Ordem dos Advogados e não exigiu o mesmo do Ministro da Educação, quando, é mais que sabido, que o cerne do problema reside na proliferação das universidades privadas.

O cenário é desolador e digno de um filme surrealista. A Universidade em pé de guerra com o Governo, pugnando pela sua dignidade e a do Ensino Superior. A Associação Académica demite colaboradores; levanta e derruba paredes—porque o Jardim dá para tudo; e envolve-se em guerrinhas da qual resultou mais uma demissão, desta feita do seu representante na Comissão Directiva do Teatro Académico de Gil Vicente.

Já agora, Sr. Presidente, da próxima vez que se vir ao espelho, coloque o dedo indicador em riste e demita aquele que lhe aparecer à frente. Não é por nada. É só pela Académica.

José de Albuquerque

POLÉMICAS SUAVES NA ACÇÃO SOCIAL ESCOLAR



Começou por ser um relativamente normal artigo sobre o aumento das cantinas. Entre o protesto fácil e o episódio caricato a recolha de materiais ia correndo calmamente até que, na impossibilidade de contactar com Fernando Guerra obtivemos o depoimento de Tó Silva, responsável pelo pelouro dos Sociais na DG/AAC. Aí as declarações de tão inusitadas obrigaram-nos ao aprofundamento do tema, a ouvir os mais veementes desmentidos de mistura com alguns factos ainda novidade.

Daí esta página.

Como já foi referido na introdução, instado a comentar o recente aumento no preço das cantinas Tó Silva proferiu declarações no mínimo pelémicas. Tendo afirmado não só que não havia, em Coimbra, necessidade de se efectuarem quaisquer aumentos no preço das refeições, como ainda que **todas as cantinas estão a dar lucro à excepção do Grill.** Procurámos posteriormente confirmar a declaração junto do Presidente da AAC que não se quis pronunciar por não se encontrar em posse de elementos que lhe permitissem comentário. Remeteu-nos assim novamente para Tó Silva.

Confrontado com esta mesma afirmação o magnífico Reitor, surpreendido, fez os comentários que abaixo transcrevemos na íntegra:

A Cabra — Que comentário faz à afirmação de António Silva responsável do pelouro dos Sociais na DG/AAC na Universidade de Coimbra todas as cantinas à excepção do Grill dão lucro?

Magnífico Reitor U.C. — Estão a dar lucro?

Estão a dar lucro?! Que bom!

Não, Não! Posso dizer-lhe que não é verdade.

A Cabra — Não tem conhecimento oficial?

Magn. Reitor — Não tenho. Nem oficial, nem sem ser oficial. Não posso acreditar que as cantinas... não, não dão lucro. As informações que tenho são precisamente o contrário!

Então estarei mal informado...?

É assaz invulgar...

Mas Tó Silva não falava assim tão de cor, de facto, os 180$00 do preço antigo cobriam já 50,4% do custo total da refeição. O que significava que os géneros alimentares eram cobertos práticamente na íntegra pelos estudantes. Sobrava assim o pagamento dos salários, coberto pelo Ministério, e os restantes encargos directos, água, luz, detergente, etc. Discutível será concerteza a gestão dos Serviços Sociais no que às cantinas diz respeito. Não se vão lembrar aqui os trezentos escudos pagos recentemente por um prato de feijão com atum no Snack, nem fazer comparações com a ementa e os preços do Zé da Esquina, que por certo não perde dinheiro. Não se vai falar de uma dietísta fã das batatas fritas, mas de facto os preços são excessivos tendo em conta a comparticipação do Estado, a qualidade dos produtos e a gestão de stocks que é possivel realizar com as grandes quantidades, lembre-se os hipermercados. Isto torna inexplicáveis os preços praticados, pelo menos nos snacks.

Actualmente, com o aumento, o estudante passou a pagar cerca de 54% do custo real da refeição social, números estes confirmados pelo Vice-Presidente dos SSUC que após um surpreendido e enérgico: isso é mentira, bolas!, afirmou categoricamente ao nosso jornal que neste momento, o único serviço a dar lucro é o D. Dinis, que oferece de rendimento bruto cerca de 5 500 contos por mês. Ou seja, resumindo a situação e abstraíndo do facto das verbas não chegarem, financeiramente as cantinas estão equilibradas, não existia pois qualquer necessidade real de aumentar as cantinas, e aumentar mais de 12% que a inflacção. Nas palavras do próprio Dr. Luzio Vaz: se o aumento se justifica ou não em termos de política social isso depende da política que o Governo quiser seguir. (...)

O Governo até podia baixar os preços da refeição se quisesse. Não se pode falar aqui em necessidade, pode-se falar do Governo querer subvencionar preços mais caros ou mais baratos. As receitas que os SSUC fazem não cobrem os preços dos custos das refeições, nem são suposto cobrirem. E não são os duzentos e vinte escudos que vão dar dinheiro para pagar aos funcionários dadas as naturais regalias, legítimas, da função pública.

A conclusão a tirar é que a política social escolar emana directamente do Governo funcionando os Vices dos SS´s, o Conselho de Acção Social Escolar (CASES) e o Conselho de Reitores como meras correias de transmissão, é o próprio Luzio Vaz o primeiro a reconhecê-lo, os Vice-Presidentes dos SS´s são meros técnicos, não têm que reivindicar nada. Têm que cumprir o que é emanado superiormente, (...), quem tem de reivindicar são os estudantes. Aliás, Tó Silva não o ignora e tenta incessantemente contactar o novo Ministro sabendo que, era aí que poderiamos alterar o rumo da situação. Quanto ao CASES, orgão consultivo da Acção Social Escolar, no qual a minoritária representação estudantil vota sistematicamente vencida., no qual a DG/AAC exige que a representação dos estudantes seja paritária com a dos Vice-Presidentes dos SS´s. O Dr. Luzio Vaz faz declarações bem mais interessantes, o CASES tem sido uma espécie de amortecedor dum determinado tipo de crítica. As Associações de Estudantes não têm necessariamente que fazer as

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

suas reivindicações através do CASES. Há mais vias...

A AAC pode fazer muita coisa(...), compete às Associações de Estudantes usarem as armas que bem entenderem.

Para bom entendedor...

No que todos concordam é na necessidade premente de reformar globalmente a política de Acção Social Escolar embora decerto nem todos a entendam da mesma maneira.

Terminamos como começámos com as palavras de Tó Silva, o Estado não está a servir os interesses dos estudantes. ■

O AUMENTO

Há uns anos largos as cantinas aumentaram de 35 para 50$, poder-se-ia pensar que os estudantes protestaram, comeram e calaram. Afinal o cenário habitual. Nada mais errado, o Conselho das Repúblicas reuniu e resolveu ocupar as cantinas. Dito e feito, durante uma semana as cantinas foram dos estudantes, serviram-se refeições, conviveu-se e não houve novo aumento durante uns anos. O resultado a médio prazo foi os repúblicos passarem a comer em casa subvencionados pelos SS´s.

ANOS 90

Rouba-se uma caixa registadora—a cantina aumentou.
Come-se pão com manteiga—a cantina aumentou.

São tão bonitos os protestos simbólicos.

BOLSA QUANTO TARDAS

Foram aumentadas em 23% as, até agora invisiveis, bolsas de estudo. Estando prevista a saida das primeiras listas já em Dezembro a DG/AAC tenta ainda propor o seu aumento para 40%.

Recorde-se que na última reunião do Conselho de Reitores o Magnífico Reitor da UC tinha afirmado, sem o aumento das bolsas não devia haver aumento das cantinas. O facto é que as bolsas não chegam e o aumento apesar de todos os protelamentos já cá está. No entanto, os SS´s irão disponibilizar, enquanto não chegam as bolsas, senhas de refeição para obviar a algumas situações financeiras mais delicadas entre os bolseiros.

D. DINIS VAI SER ALARGADO

O Centro Cultural mais frequentado da Lusa Atenas irá a breve trecho ser aumentado com duas novas salas. Um polivalente que será restaurante de dia e discoteca de noite; e uma outra sala, ao lado daquela onde actualmente se encontra o video, que funcionará como sala de exposições e conferências. Também a breve prazo o D. Dinis iniciará a sua actividade diurna indo para tal funcionar como sala de estudo em fundo de música clássica.

A ACÇÃO SOCIAL ESCOLAR NA VISÃO DE LUZIO VAZ

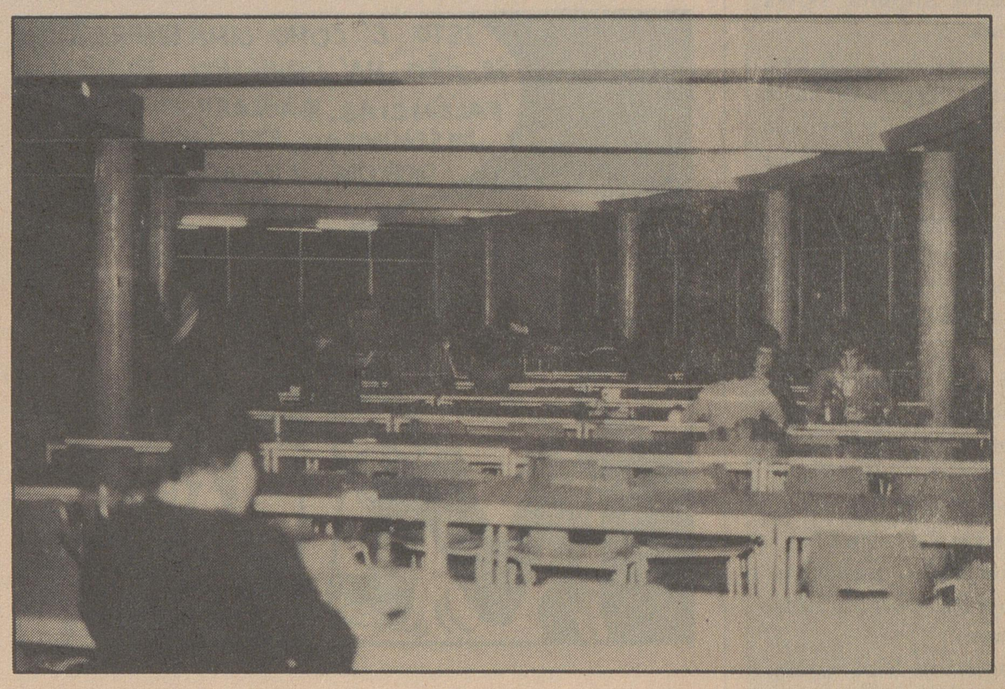
A ideia é simples, o estudante deve pagar os preços reais da alimentação, do alojamento, do ensino, que o Estado pagará depois uma bolsa a posteriori consoante as possibilidades monetárias do estudante.

Os preços reais estimulariam a concorrência com o sector privado tornando a oferta dos Serviços Sociais de maior qualidade. Entende o Dr. Luzio Vaz que assim se praticaria uma política de verdadeira justiça social, hoje marca-se um tecto de capitação e aqueles que ficam à porta, ficam de fora por um ou dois escudos, enquanto que muitos daqueles que têm a possibilidade de pagar pagam a refeição a duzentos e vinte escudos, metade do seu preço real, aquem do preço de custo e quem paga é o contribuinte.

Quem recebe cem contos de mesada pode muito bem pagar os preços reais.

O que tem faltado é a coragem política. Não se distribui nada, a Acção Social Escolar que se pratica é uma coisa muito caseira.

Como hipótese alternativa, para o estudante com posses mas que deseje afirmar a sua independencia face à familia, prevê o Dr. Luzio Vaz a abertura de uma linha de crédito aos estudos, com juros bonificados e amortizável no final do curso, a exemplo do que é hoje vulgar no estrangeiro.



Centro de Informatica da A.A.C.

O teu Centro Informático

Vário material e equipamento informático ao teu dispor.

Disquetes 3.5DD caixa de 10
Bulk: 1,450$00
BASF: 2,150$00
TDK: 2,150$00
SONY: 2,250$00
Disquetes 3.5HD caixa de 10
Bulk: 2,700$00
BASF: 3,900$00
TDK: 3,700$00

Mouse Pad's: 1,200$00
Cabos Centronics: 1,300$00

CIAAC
3º Piso (2º Andar) do edifício da A.A.C.
(Junto à Secretaria da Direcção Geral)
2ª a 6ª, 10h30-12h00, 14h00-17h00

E Computadores...
Gostas de Computadores?
Eis alguns dos modelos MIC que temos para entrega.

i386SX @ 20MHz 366,000$00
Memória: 2Mb
Disco Duro: 85Mb/18ms
Ecrã: SuperVGA (1024x768x256) Policromático
MSDOS 5.0 Português Original
Teclado Português
Rato
Caixa Mini Tower

i386 @ 25MHz 430,000$00
Memória: 2Mb
Disco Duro: 89Mb/18ms
Ecrã: SuperVGA (1024x768x256) Policromático
MSDOS 5.0 Português Original
Teclado Português
Rato
Caixa Mini Tower

i386SX @ 20MHz 268,000$00
Memória: 2Mb
Disco Duro: 44Mb/28ms
Ecrã: VGA Mono 32 Tons de Cinza
MSDOS 5.0 Português Original
Teclado Português
Rato
Caixa Mini Tower

Há outras possibilidades: Discos de 44Mb, 85Mb, 125Mb e 210Mb, Placas/Ecrãs VGA Mono, Policromático, SuperVGA 512Kb e 1024Kb, Motherboard 80286, i386SX20, i386 25, i386 33, i486SX20, i486 33, Caixas Slim, MiniTower e BigTower.

Faz a tua configuração e vem saber qual é o preço.
Vais ter um surpresa!

A CABRA

FICHA TÉCNICA

Director: José de Albuquerque
Director Adjunto: Teresa Gomes
Redacção: António Nunes, Eduardo Jorge, João Paulo N'Ganga, João Saraiva, José de Albuquerque, João Garção, Pedro Meneses, Teresa Gomes, Rui Cunha.
Colaboradores: Prof. Dr. Manuel Rodrigues, Cândida Silva, José Diogo, Carlos Ramos, J. Paulo Pimenta, José Jorge, Luis Nuno, Rui Cunha.
Repórteres Fotográficos: Teresa Gomes, Rui Cunha, Susana Paiva.
Revisão: Carla Silveira
Grafismo e Montagem: João Peres, José de Albuquerque.
Impressão: Tip. Lousanense
Tiragem: 3000 Exemplares
Departamento de Publicidade: Tel:(039)38475
Redacção e Administração: R. Padre Ant. Vieira, nº1
Propriedade: Secção de Jornalismo da A.A.C.
Agradecimentos: República Bota-Abaixo, Rui Veríssimo, às Sandes e à Super-Bock.

Caderno FITAS:
Coordenadores: António Nunes, António Piedade.
Colaboradores: José de Albuquerque, João Saraiva, João Garção, Maria João Gonçalves, Maria Helena Duarte, Jorge Correia, Armando Jorge, Maria Redondo, António Augusto Barros, Cristina Barros.
Fotografia: Armando Jorge, António João Bracons, Maria Redondo, Teresa Gomes.
Grafismo e Montagem: Armando Jorge.

A CABRA
O JORNAL DA ACADEMIA



CARTAS

AO DIRECTOR

PROJECTO C: O CANTO DO CISNE!

Falar de um projecto que chega ao fim, é sempre dificil. Será tanto mais dificil, se toda a nossa vida associativa a ele foi dedicada. Ainda mais dificil se torna quando, quem escreve, o protagonizou nas últimas eleições para a AAC...

Há dez anos o Projecto C foi determinante.

Assumimos a sua determinância na edificação de uma nova Académica, tanto na oposição à obstinação radical dos extremistas e anarquistas, como também na luta contra a atitude feudal e imobilismo "laranjas". A todos estes contrapôs tolerância, trabalho, eficácia na acção e valorou as tradições.

De facto, de 1983 a 1987 e em 1989, a AAC, sob a batuta do Projecto C, catapultou-se para a cidade, cumprindo a sua parte de parceiro social e justificando o epíteto de instituição de utilidade pública. No aspecto associativo criou secções, tornou a AAC num lugar digno e aprazivel, dotando-a de meios tecnológicos numa atitude concentânea com o virar dos tempos. O Projecto C assumiu uma postura fundamentada face às tradições e ao uso do traje, ao saber isolar aqueles que agitavam a capa como simbolo de uma juventude partidária e aos outros que pura e simplesmente a queimavam, por nela reverem um instrumento do regime do pré 25 de Abril; o Projecto C despartidarizou a capa e batina, valorizando-a no seu contexto de solidariedade e igualdade.

O Projecto C era, fundamentalmente, um grupo de estudantes que gostavam da AAC, que a conheciam e por ela se sacrificavam. Do Projecto C, faziam parte todos os associativos, independentemente da sua condição politica ou social. O Projecto era aberto, mas nunca deixou de ser o projecto associativo da Juventude Socialista (JS).

A JS, organização à altura quase inexistente, soube sempre evitar confundir as águas, dando total autonomia ao Projecto C, gerindo pacientemente os louros das victórias na AAC, recolhendo nas suas fileiras jovens socialistas, ou de intenção socialista, a quem o trabalho associativo se afigurava problemático, não por inépcia, mas por inadaptação a um Projecto para onde confluia gente de todos os quadrantes.

O Projecto C ia-se firmando face às investidas das listas eminentemente partidárias da JSD, graças à sua independência e ao seu cariz académico. A JS cresceu como organização, aumentou vertiginozamente o número de estudantes universitários nas suas fileiras e estes constituiram-se em núcleos por faculdades. Como em qualquer outra estrutura partidária, a JS viu-se disputada a todos os niveis de intervenção e, logicamente, as listas do Projecto C não fugiram à regra. O Projecto C perdeu toda a sua criação e postura, deixando de ser o projecto associativo da JS, para se assumir como o terminal político de afirmação de grupos que se interguerreiam no interior da organização partidária.

A exaltação dos valores que coerentemente sempre defendeu, esbate-se agora na postura incoerente dos seus jovens dirigentes, os quais se dizem associativos, não porque o provem no dia a dia, mas sim porque pertencem a um projecto com tradições no meio associativo. É nosso dever aqui diferenciar aqueles que chegam à JS por fazerem parte de um projecto associativo, dos que chegam ao associativismo por colarem uns quantos cartazes do partido, ao qual são filiados. São estes últimos que povoam a JS e nela mandam. São estes que querem preencher os 28 lugares na Lista C.

No ano transacto, a Lista C, por nós liderada, tentou ser um espaço aberto de confluência de muitos estudantes, independentemente da sua formação e filiação partidária. A todos eles foi exigida competência associativa. Unia-nos a ideia de um novo projecto, um projecto solidário, liberalizado face à estrutura partidária, com cariz vincadamente académico. Na JS foi o caos. Acusaram-nos de segregação dos militantes. Afirmaram que os independentes nada trazem de novo. Disseram ainda que nos afastámos erradamente, dos altos dirigentes do partido...

Metade da JS esteve fora da campanha. O resultado foi, também por isso, inevitável.

Assumimos aqui todo o nosso empenho no Projecto do ano findo, com os que estavam, com os que hipócritamente estavam e com os que não estavam; assumimos, mais uma vez, a nossa derrota!

A candidatura foi assumida com determinação e denôdo no ano mais dificil para a Lista C, depois da boa prestação individual do Emídio Guerreiro. Tecnicamente mal preparada e mal dirigida, não pôde, de modo algum, contrariar a eficácia de uma JSD unida e com meios financeiros invejáveis. Tentou-se tornear este "handicap", alertando para perigos de uma Académica parada e de reformas adiadas; de uma Académica das demissões e abandonos como não há memória... Infelizmente, estavamos certos!

E a Lista C? Ao invés de internamente debater as causas dos últimos insucessos associativos, a JS passou a ignorar a derrota como se sua não fosse. Assiste-se, agora, a uma verdadeira ditadura do aparelho, onde pontificam não os estudantes com intervenção académica, mas sim aqueles cujo trabalho associativo não passa de filiar jovens e distribuir bandeiras. Na JS, contam-se pelos dedos de uma das mãos, os estudantes que hoje militam nas Secções e Organismos da AAC.

Não pondo em causa a crença que mantemos nos ideais do socialismo democrático, como garante da democracia e solidadriedade social, não podemos continuar a acreditar e a empenhar a nossa consciência num projecto partidário para a AAC, que a esta nada pode dar de novo.

Assim, demarcamo-nos publicamente das decisões que a JS e a sua Direcção Distrital possam tomar no mundo associativo de Coimbra e da Universidade, bem como não estaremos, desta vez, do mesmo lado da barricada.

A nossa coerência é para com a AAC e a ela devemos a nossa solidariedade. Sabemos que com outra dinâmica, com energia alternativa, a Académica gritará de novo!

Um F.R.A.

Paulo Martins
(Candidato pela Lista C, à presidência da DG/AAC, 1991/92)

ESPAÇO RESERVADO A APOIOS OFICIAIS

(Ainda não foi desta...)

PSICOLOGIA

Encontros com mar ao pé

Organizou o Núcleo de Estudantes de Psicologia de Coimbra na semana passada o IV Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia.

Realizado na Madeira, este Encontro contou com os apoios da Assembleia Regional da Madeira, do Governo Regional da Madeira, do Instituto da Juventude e da DG/AAC que contribuiu com o apoio organizacional.

Ao que parece a qualidade de vida dos psicólogos (futuros) não anda mal de todo. Se os anteriores Encontros organizados pela Faculdade de Psicologia do Porto e pela Faculdade de Psicologia da Universidade Nova se tinham realizado respectivamente no Vidago e em Tróia, Coimbra optou pelas tépidas águas da pérola atlântica do Jardim.

Num Encontro com 15000 contos de orçamento, os bailes eram de gala (proibidos os jeans), os "barbecues" com música ao vivo e os professores não dormiam em menos de cinco estrelas. Ainda assim conseguiu-se arranjar espaço para umas palestras e acções de formação que ficam sempre bem nestas coisas. Claro que os 240 estudantes de Coimbra que participaram tiveram que desembolsar 12 500$.

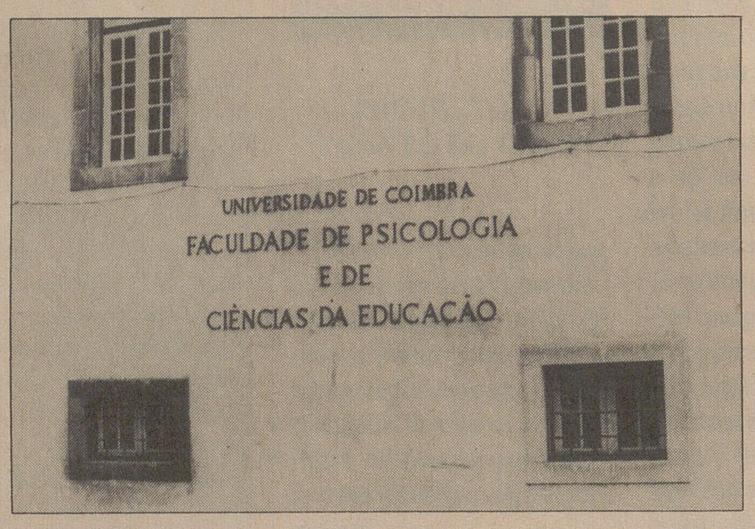
Mas valeu a pena para se encontrarem com o mar ao pé.

ECONOMIA

Economia em debate

A Faculdade de Economia, em conjunto com o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, tem planeado um colóquio a realizar em finais de Janeiro subordinado ao tema: "Saídas Profissionais". Com particular incidência na área dos serviços, este colóquio contará com a presença de gestores de grandes empresas e grupos económicos, abordando as áreas do Marketing e da Gestão Financeira.

Ainda sem data marcada está uma série de conferências sobre: "a questão de ter ou não Portugal aproveitado correctamente a favorável conjuntura internacional como factor de sobrevivência para o pós 92". Para estas conferências a Faculdade de Economia planeia convidar reputados analistas económicos nacionais tendo desde já avançado os nomes de Daniel Maia e de Victor Constâncio.



F.C.T.U.C.

Engenharia Mecânica sem salas

O problema do Departamento de Engenharia Mecânica, ao contrário do da restante universidade, não se prende com falta de verbas mas sim com falta de salas; facto que levou a que ainda não tenha iniciado as suas aulas

Esta situação que se vem repetindo, pelo menos nos dois últimos anos, traduz-se muitas vezes no alargamento dos semestres, do que resulta uma situação de disparidade entre os exames do resto da Faculdade e as aulas dos alunos de Mecânica.

Este ano lectivo a situação é de tal modo grave que a falta de salas levou a que não fossem sequer elarorados os horários. Estes, caso venham a ser afixados, sê-lo-ão sem a indicação das salas, o que poderá levar a um tal alargamento do semestre que, passe ao exagero de em Julho/Agosto ainda se esteja em aulas. Foi esta situação que levou á marcação de uma Reunião Geral de Alunos (RGA).

Na RGA que se realizou no passado dia 8, num Anfiteatro das Quimicas a abarrotar de alunos, foi aprovada, por aclamação, uma moção e recolhidas 150 assinaturas.

Da moção constam dois pontos. O primeiro, pôr o Magnífico Reitor e o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Ciências e Tecnologia ao corrente da situação, exigindo-lhes o seu desbloqueamento de forma a que esta solução não seja meramente provisória mas sim que permita ao Departamento funcionar na normalidade, não obrigando este a andar anualmente à espera de esmolas para funcionar. O segundo consistiu na marcação de uma nova RGA para o dia 13, que servirá para analisar o desenrolar da situação e, caso esta não se tenha resolvido, decidir uma tomada de posição por parte dos alunos. Quanto a esta, Fernando Paulo—Representante dos Alunos no Conselho Pedagógico da FCTUC— declarou-nos ainda não estar decidida, mas que se a situação o exigir o Departamento poderia seguir os exemplos de Electrotécnia, Quimica e Engenharia Civil, e partir para posições mais radicais.

Para já tanto o Magnífico Reitor como o Conselho Directivo da FCTUC já foram notificados, tendo o Presidente deste manifestado a sua solidariedade para com os alunos.



LETRAS

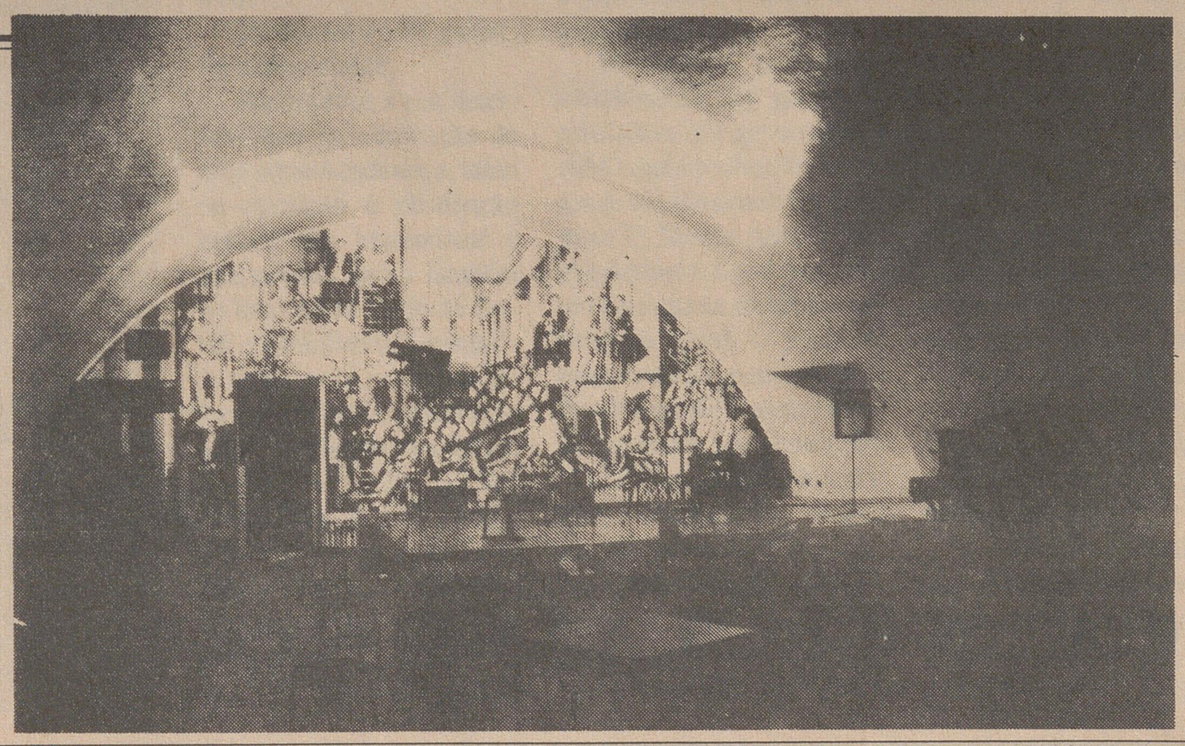
Breves

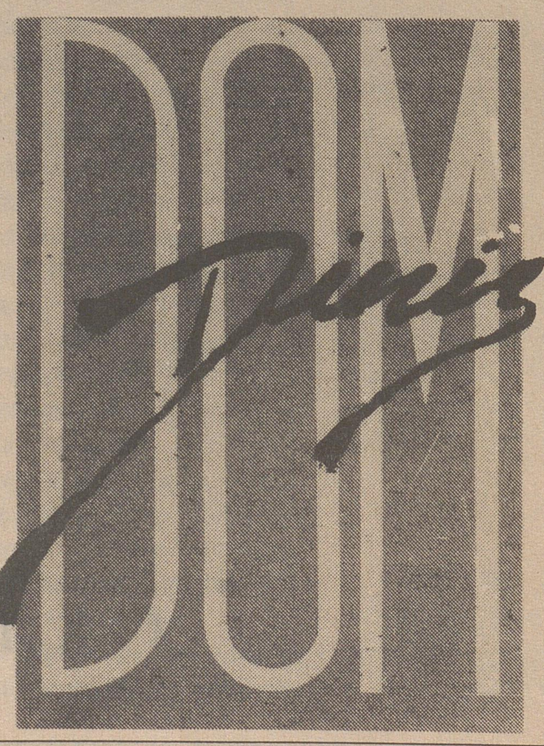
* O Dr. Américo da Costa Ramalho foi nomeado como Académico Efectivo da Academia Portuguesa de História.

* Foi aprovado pelo Conselho Científico desta Faculdade, um voto de louvor ao Dr. Manuel de Oliveira Pulpério.

* A Drª. Maria Manuela Nobre Gouveia Delille foi nomeada definitivamente como professora catedrática desta Faculdade.

*No próximo dia 29 de Novembro irá realizar-se o doutoramento "Honoris causa" de Giovanni Spadolini.





DIREITO

Aulas em Direito ?

O Prof. Dr. Orlando de Carvalho afirmou, na Conferencia de Imprensa realizada no passado dia 7 na Faculdade de Direito, que a abertura das aulas se efectuará nos dois dias seguintes ao anúncio da afectação da verba necessária às Faculdades. Justificando este hiato pela necessidade de notificar os alunos e as familias.

O Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito garantiu ainda que neste momento

Encontram-se já a funcionar em Direito os Cursos não dependentes do Ministério como: o Curso de Registo e Notariado, Comunicação Social e restantes Cursos de Mestrado.



MEDICINA

III CURSO MONOGRÁFICO DE MEDICINA PREVENTIVA

Nos dias 28 e 29 de Novembro irão realizar-se, no Auditório da Reitoria, as I Jornadas Internacionais de Higiene, Segurança da Medicina no Trabalho, organizadas conjuntamente pelo Instituto de Higiene e Medicina Social, pela Direcção de Higienee Segurança do Trabalho e pela Inspecção Geral do Trabalho.

X JORNADAS CIRÚRGICAS

Vão realizar-se de 18 a 20 de Novembro as X Jornadas Cirúrgicas, organizadas pela Faculdade de Medicina em colaboração com a cadeira de Cirúrgia II (Patologia Cirúrgica)—leccionada pelo Prof. Linhares Furtado.

DENTÁRIA SEM ASSISTENTES

Neste momento Medicina e Medicina Dentária encontram-se em grandes dificuldades para iniciar o ano lectivo dado que, no seguimento de uma situação que se arrasta há vários anos, faltam pelo menos 30 assistentes para o normal funcionamento do curso. Podemos datar o inicio das dificuldades em 1985/86, ano em que começaram as aulas dos anos clínicos (4º Ano pré-clínico). O problema reporta-se à inexistência de um quadro próprio de assistentes de Medicina Dentária, o que obriga o quadro de Medicina a englobar as duas licenciaturas. Assim o "plafond" máximo de docentes imposto pelo Ministério da Educação tem-se revelado manifestamente inadequado. Em anos transactos a situação tem sido resolvida com base na indefinição mais ou menos absoluta do Estatuto dos Assistentes, contratados com base numa prometida passagem ao quadro que até hoje ainda não se verificou.

Apesar de todos os esforços envidados pelo Conselho Directivo da Faculdade e pela DG/AAC, que tem mantido contactos regulares com o Ministério, a resolução definitiva do problema não tem sido possivel. Isto deve-se principalmente ao facto de este ser um Ministério de transição e não querer neste momento ultrapassar a mera gestão. Com a tomada de posse do novo ministro fica desde já a promessa de Fernando Guerra (Presidente da AAC), também ele estudante de Medicina Dentária, de contactar o novo ministro no mais curto espaço de tempo. Instado a comentar a situação afirmou: "Não compreendo porque ainda não foi resolvida pois uma vez que o Ministério da Educação ao criar novas licenciaturas deve dotá-las de condições mínimas"

Terça-feira, 12, realizou-se uma RGA dos estudantes de Medicina— com a redacção do jornal já fechada—na qual os estudantes analizaram a situação e decidiram novas formas de luta a adoptar.

Quem parece confiante na resolução para breve do problema é Fernando Guerra que em declarações ao nosso jornal, depois de definir a situação como "no fundo é um problema orçamental" e reiterar que os assistentes são fundamentais para um ensino digno, afirmou que "os governantes vão resolver esta matéria se existir uma pressão conjunta da Universidade, da Reitoria, da Faculdade de Medicina e da DG/AAC".

FARMÁCIA

O telefone de Análises Clínicas

O Laboratório de Análises Clínicas da Faculdade de Farmácia encontra-se com dificuldades de funcionamento. Como primeira medida o Conselho Directivo determinou que a "extensão telefónica do laboratório fosse exclusivamente usada para serviço deste." Talvez assim o Laboratório consiga obviar às suas dificuldades financeiras.

Um pouco mais a sério, foi nomeada como Directora Técnica Maria Lucilia Quintal de Lemos. Quanto à Direcção Científica será assegurada conjuntamente pelos directores dos Laboratórios de Bioquímica e Microbiologia.

Coordenação: João Figueiredo Saraiva
Colaboraram: Cândida Silva, Carlos Santos e Teresa Gomes

CLINFOR
Brevemente no C.C. AVENIDA - 2ª Fase
Provisóriamente no Bº Sousa Pinto, 15

PROMOÇÃO SK COMPUTADORES

SK - 386SX/20	249.000$00	SK - 386SX/25	277.000$00

80386SX A 20 MHZ, 2MB, DISCO 52 MB COM 17 MS DE TEMPO DE ACESSO, DRIVE DE 1.44 MB, 2 PORTAS SÉRIE, 2 PORTAS PARA JOYSTICK, PORTA PARALELA, PLACA GRÁFICA SUPER VGA C/256KB (EXPANDÍVEL ATÉ 1MB), MONITOR SUPER VGA-MULTISYNC A CORES (1024 x 768 PONTOS).

80386SX A 25 MHZ, 2MB, DISCO 52 MB COM 17 MS DE TEMPO DE ACESSO, DRIVE DE 1.44 MB, 2 PORTAS SÉRIE, 2 PORTAS PARA JOYSTICK, PORTA PARALELA, PLACA GRÁFICA SUPER VGA C/256KB (EXPANDÍVEL ATÉ 1MB), MONITOR SUPER VGA-MULTISYNC A CORES (1024 x 768 PONTOS).

SK - 386DX/33	389.000$00	SK - 486/33	499.000$00

80386DX A 33 MHZ, 4 MB, 64 KB DE CACHE, DISCO 80 MB COM 19 MS DE TEMPO DE ACESSO, DRIVE DE 1.44 MB, 2 PORTAS SÉRIE, 2 PORTAS PARA JOYSTICK, PORTA PARALELA, PLACA GRÁFICA SUPER VGA C/512 KB (EXPANDÍVEL ATÉ 1MB), MONITOR SUPER VGA-MULTISYNC A CORES (1024 x 768 PONTOS).

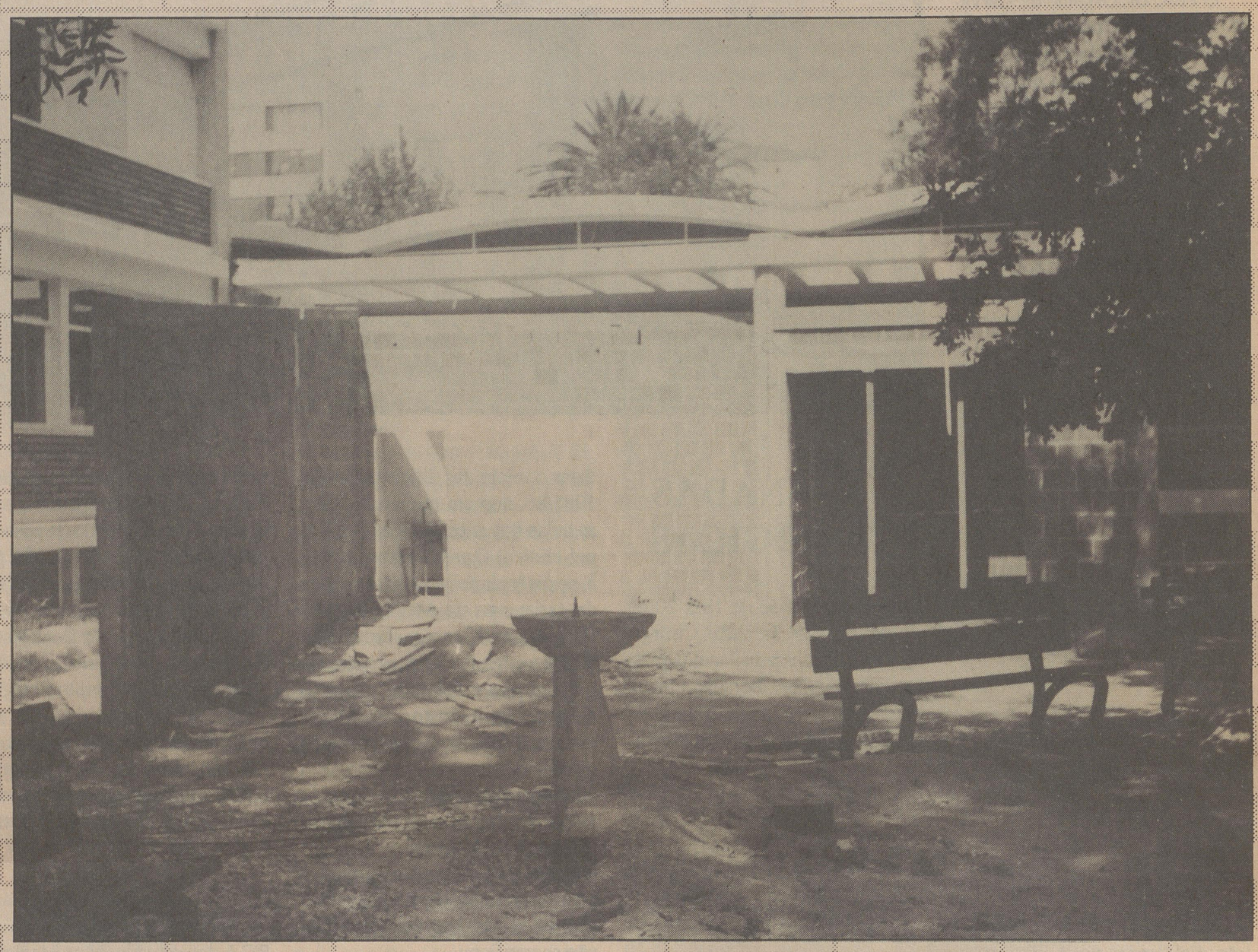
80486 A 33 MHZ, 4 MB DE RAM, 256 KB DE CACHE, DISCO 105 MB COM 18 MS DE TEMPO DE ACESSO, DRIVE DE 1.44 MB, 2 PORTAS SÉRIE, 2 PORTAS PARA JOYSTICK, PORTA PARALELA, PLACA GRÁFICA SUPER VGA C/1MB, MONITOR SUPER VGA-MULTISYNC A CORES (1024 x 768 PONTOS EM 256 CORES).

PREÇOS A ADICIONAR I.V.A. DE 17%

O MURO DA DISCÓRDIA

Guerra e Folclore no Jardim da A.A.C.

Quando pára a obra iniciada em Junho no Jardim da AAC, Fernando Guerra apresenta na Câmara Municipal de Coimbra um projecto de construção que só é aceite com um aditamento posterior. O GEFAC, que origina toda a polémica centrada na preocupação de proteger esteticamente o património associativo, nem por isso se mostra mais satisfeito, e o conflito prossegue até hoje.



Tudo começou em Junho. Máquinas e homens instalaram-se no edifício e jardim da AAC. A fachada era recuperada e uma Esplanada erguida em nome de "uma estrutura higienicamente capaz e que permita uma animação do Jardim de modo a afastar os maus ambientes que aí ocorrem". Assim define Fernando Guerra, Presidente da AAC, a construção da Esplanada. "Um projecto provisório susceptível de permitir uma evolução num sentido mais lato e mais benéfico".

Opinião diferente é a manifestada pelo Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC), que decidiu desencadear um processo no sentido de impedir a construção do muro considerando que era mau "fazerem-nos nas barbas a construção". Palavras de Manuel Rocha, elemento deste Organismo Autónomo.

Assim estalou uma guerra que ainda não terminou. Por entre solicitações ao Magnífico Reitor e pareceres de entidades competentes na matéria, vai-se desenrolando uma novela sem "Tietas", mas agreste, e com um final ainda imprevisível. Talvez um "final feliz"?!

A AAC decide iniciar as obras de beneficiação. Contam-se entre estas a Esplanada, a remodelação do Jardim, da Sala de Estudo e da fachada do edifício. O dinheiro necessário proveio de entidades várias: a Reitoria da Universidade de Coimbra, a Secretaria de Estado da Juventude, o Ministério da Educação e o Governo Civil de Coimbra. No total cerca de 15 mil contos, cifra avultada mas insuficiente, como constata a DG/AAC.

Foram pedidos vários orçamentos a empreiteiros e escolhida a empresa que "melhor satisfez os interesses da AAC". A obra foi adjudicada num valor aproximado aos 15 mil contos referidos. A DG/AAC não quer adiantar documentos comprovativos nem valores fixos, pois considera ser negativa, para futuros contratos, a atitude contrária. Fiquemo-nos assim por este montante que no entanto não conseguiu satisfazer a necessidade de substituição do mobiliário da Sala de Estudo: "o mobiliário vai ser modificado, depois de conseguidos os subsídios necessários, num breve espaço de tempo. Nesta fase não temos capacidade financeira para o fazer", adiantou ainda Fernando Guerra. A Sala de Estudo foi insonorizada, e "vai ter como apoio permanente a Esplanada que servirá produtos diferentes".

Manuel Rocha afirma que houve acordo global, à excepção do Presidente da AAC «que debitou a sua propaganda eleitoral.»

A Esplanada. O tal motivo de tanto problema. Fernando Guerra considera que não existiu de facto um problema grave mas, "uma polémica fruto de algo que se quer e vai fazer. Polémica sempre salutar, pois do diálogo entre as várias partes surgiu uma solução":

Foi assim: o GEFAC apercebeu-se da construção de um muro que lhes foi erigido "nas barbas". Não gostou. Dirigiu-se à DG a título informal, protestando contra a construção. "A DG quis afirmar a existência de um contacto formal com o GEFAC, quando o foi apenas a título pessoal. Responsabilidade não da DG mas de Fernando Guerra que é o grande instigador de toda esta situação", afirma Manuel Rocha.

Dirigiram-se também à Câmara Municipal de Coimbra, onde constataram não haver qualquer autorização para a construção. Adiante-se que não é necessária Licença de Construção, tratando-se de obras públicas, mas é imprescindível um parecer favorável da Autarquia. O Magnífico Reitor não tinha qualquer informação sobre o início da obra, mas, apenas, uma ideia de que iria ser construída alguma coisa no Jardim da AAc. As obras pararam depois da contestação do GEFAC.

Não houve embargo propriamente dito. Segundo Fernando Guerra, como não existe qualquer interesse em levantar questões que vão despresugiar o nome da AAC, a DG decidiu interromper a construção: "não quisemos que nos encarassem de má fé neste processo".

Depois, o GEFAC decide chamar todas as partes interessadas a um debate, visto entender ser o imóvel da AAC "um edifício de grande valor arquitectónico".

Do debate, que ocorreu no Teatro de Bolso do CITAC, resultou que era preciso a criação de um plano director para a alteração nos moldes exigidos pela arquitectura contemporânea, intercedendo-se junto da Reitoria para uma situação de diálogo.

Manuel Rocha afirma que houve acordo global, à excepção do Presidente da AAC "que debitou a sua propaganda eleitoral. Fernando Guerra foi sufragado,

quer a alterar o Jardim e vai fazê-lo mesmo".

A posição de Fernando Guerra traduz-se na convicção de se fazer algo positivo para melhorar aquilo que existia no Jardim. Por um lado, "afastar os maus ambientes (droga e espancamentos)", por outro, recuperar o espaço verde.

A propósito de toda esta situação ,foram emitidos pareceres de várias entidades deixando transparecer uma onda de preocupação em redor da polémica suscitada.

O Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) quer um aumento de instalações, mas num plano global de ampliação do edifício em que haja respeito pela traça originária e pela ideia que presidiu à sua construção.

A Inter-Organismos (TEUC, GEFAC, ORFEON, CORO MISTO, CITAC) apela à moderação do Magnífico Reitor no sentido de ser encontrada uma solução de consenso.

O Departamento de Arquitectura da FCTUC mostra-se preocupado com o desvio à ideia original do enquadramento do edifício da AAC, e o Arq. Bandeirinha, Prof. Assistente deste Departamento, defende que qualquer construção deste tipo deve ser submetida a uma apreciação mais longa.

Entretanto, e sem que uma posição verdadeiramente definida se efective, as obras reiniciaram-se na semana de 4 a 10 de Novembro. Melhoramentos que contemplam a recuperação do Jardim, para o que foi sensibilizada a Escola Agrária, e a contratação de um jardineiro, o primeiro desde à doze anos.

A um projecto inicial criado em Agosto pelo Arqº. Carlos Ferreira dos Santos, foi feito um aditamento . Originou-se, assim, uma situação perfeitamente legal com a Câmara Municipal, que emitiu parecer favorável ao andamento das obras.

A DG/AAC considera que não houve erro da sua parte, mas um erro técnico atribuído à equipa de técnicos que elaborou o projecto inicial e que já foi ultrapassado. A Esplanada "vai estar, assim, operacional na segunda quinzena de Novembro".

Para Fernando Guerra a polémica levantada pelo GEFAC é ultrapassada com o aditamento (melhoria na parede lateral) que permite uma transparência maior por forma a não colidir com os interesses de ninguém, vindo, pelo contrário, servir os interesses da AAC. "A DG/AAC ouviu, foi aberta a novas opções, e o que vai ser criado é fruto de conversas que existiram".

O GEFAC manifesta actualmente uma posição contrária, afirmando que "a DG/AAC passou por cima de todas as opiniões manifestadas e pareceres emitidos, através de um acto de puro terrorismo de opinião que se apoia numa perspectiva democrática".

Manuel Rocha considera ainda que a decisão de Fernando Guerra "enferma de um autismo chocante perante uma discussão frutuosa com especialistas na área".

O mesmo elemento do GEFAC afirma também que, segundo Fernando Guerra, e numa atitude de evidente instrumentalização do Magnífico Reitor, a Reitoria manifestou implicitamente opinião concordante com a DG/AAC em carta enviada à CMC; e que, por outro lado, deu apoio às pretensões do próprio GEFAC. Considerando tratar-se de uma situação de clara ambiguidade, apela, este organismo autónomo, à responsabilidade da Reitoria nesta questão.

«a DG/AAC passou por cima de todas as opiniões manifestadas e pareceres emitidos, através de um acto de puro terrorismo de opinião que se apoia numa perspectiva democrática».

O Magnífico Reitor afirma que a DG/AAC tem legitimidade para actuar, mas também o GEFAC expressa razões perfeitamente atendíveis.

O Magnífico Reitor, em conversa com "A Cabra", afirma que a DG/AAC tem legitimidade para actuar, mas também o GEFAC expressa razões perfeitamente atendíveis. Não considera haver na sua opinião qualquer ambiguidade.

O projecto, desde que com as alterações efectuadas parece-lhe perfeitamente aceitável. Assim, entende que a DG/AAC deve actuar dentro deste limite, o que não exclui a elaboração de um plano geral para o Jardim, proposta defendida pelo GEFAC: "não deixarei de chamar a atenção da DG/AAC para a pretensão do GEFAC. Se houver um plano geral é muito melhor, mas temos de reconhecer duas coisas: em primeiro lugar, se estamos à espera de um projecto global de enquadramento da obra, pode acontecer que não se faça nada. Por outro lado, esse projecto deve ser feito ainda que as obras tenham recomeçado. Uma coisa não invalida a outra, e deve ter-se em conta que a DG/AAC tem legitimidade para proceder às alterações no Jardim".

"É a AAC que tem legitimidade para dizer que não pode esperar. Trata-se de uma questão dos estudantes, são eles quem deve saber resolvê-la. Eu tenho o princípio de só intervir se for solicitado para tal, mas não tenho o poder de embargar o que quer que seja".

É neste pé que vai a Guerra da Esplanada. Entretanto, ficamos à espera daquilo que se diz que vai ser feito: de uma Sala de Estudo mobilada de novo e em funcionamento pleno, e de um espaço de convívio num Jardim que promete ver recuperado o seu tecido verde. Esperamos também pelas novas medidas do GEFAC, que afirma não parar com o seu objectivo de enquadramento global das obras da AAC numa perfeita harmonia arquitectónica e estética.

A propósito, a última acção do GEFAC passa por um abaixo assinado, que fez circular pelas Secções da AAC, com o propósito de conseguir junto do IPPC a qualificação do imóvel como património nacional a proteger.

O GEFAC não vai parar na luta que há muito começou: "não temos nada contra os bares e locais de convívio, mas tínhamos contra a barraca instalada naquele sítio. Fomos contra a barraca porque era um viveiro de pulgas do arco da velha, um antro de mijo e copos de cerveja nas janelas".

João Paulo Pimenta

OPINIÃO

PERDOE-NOS SR. CHICO !

Em Junho do corrente ano, faleceu o funcionário mais antigo da AAC. Faleceu o Sr. Chico. Noventa e um anos de vida, quase tantos como os que dedicou à Académica. Uma vida inteira de contacto permanente com muitos e variados estudantes. Por vezes surpreendia-o a olhar para o quadro que representa o primeiro edifício sede da Associação Académica de Coimbra. Quem não recorda ainda, o Sr. Chico e a sua cadelinha "Académica"?

Mas evocar o Sr. Chico é relembrar aquelas pequenas discussões, pequenas desavenças. Era a eterna tentativa de colar um cartaz na entrada do bar da AAC. Impossivel. Para o Sr. Chico a pintura das paredes era sagrada. "Ninguém cola nada nas paredes", dizia, nem valia a pena argumentar que a Direcção Geral autorizava. "Nas paredes ninguém cola!". E não colava mesmo.

Mas recordar o Sr. Chico é recordar também o aspecto limpo do jardim da AAC. Tinhamos um jardim arranjado? É claro que não, o jardim degradava-se dia após dia. Mas dia após dia o Sr. Chico recolhia o lixo e fazia a sua fogueira. Como quem desfolha a sebenta na véspera do exame ou como quem despeja copos nas noites longas da Lusa Atenas, o Sr. Chico recolhia o lixo do jardim: papelinho por papelinho. Era a sua tarefa e o Sr. Chico sempre foi cumpridor. Zangava-se a sério com os fins que davam ao jardim, "Aqueles drogados! Um dia subo lá cima e despejo-lhe uma mangueira de água", e ria o bom do Sr. Chico imaginando os ditos rapazes com a sua *sopa* estragada pela mangueirada. O jardim era a menina dos seus olhos. Um jardim votado ao abandono pela Academia. Era o orgulho do Sr. Chico, todos os dias a mesma fogueira, o mesmo monte de papeis e ervas secas. A luta era desigual, mas o Sr. Chico não dava tréguas. Tal como quem tenta a mesma cadeira pela centésima vez, o Sr. Chico ia limpando o jardim.

Pior que o abandono do jardim, só mesmo a inércia das empregadas de limpeza, "Não fazem nenhum, aquelas lesmas". Para o Sr. Chico não havia meio termo, era preciso trabalhar para dignificar a Académica. Refilava cada vez que via as pobres mulheres encostadas ou na conversa fiada. Para o Sr. Chico a Académica não era um emprego, era um modo de vida. No fim do dia colocava a sacola no ombro, assobiava para a "Académica" que, presa por um cordel, seguia fiel as passadas do mestre.

Agora perdemos o Sr. Chico. Os caloiros, por certo, já não ouvem falar deste homem. A Academia ainda não encontrou uma prova condigna de perpectuar a sua memória. O grave não é tanto o que não se faz, mas o como se faz, uma homenagem (!) a uma figura ímpar no bem servir a Academia.

No caso do Sr. Chico, a Direcção Geral da AAC depressa tratou de lhe embalar a trouxa, apropriando-se da sala. Ainda poucos tinham conhecimento da morte do Sr. Chico e já a sala fora atribuida, democraticamente à secção que dela mais precisava. De facto "produzir" uma revista cujo orçamento ultrapassa os 18 mil contos, não se compadece com a falta de instalações próprias... Melhor, sempre fez o Conselho de Veteranos ao atribuir à sua nova sala o nome do Sr. Chico. Mas se a Direcção Geral foi lesta a recuperar a sala, não o foi menos a organizar a "homenagem" ao Sr. Chico. O evento foi simplesmente vergonhoso e degradante quer para a figura do Sr. Chico, quer para a imagem da AAC. Integrada nas "Academíadas" (!), que servem apenas para as secções desportivas de alta competição da AAC fazerem os seus jogos de preparação sem grandes custos, esses paga-os a Academia, a Direcção Geral organizou um jogo de hóquei em patins, entre as formações da Académica e do Hóquei de Barcelos, que tinha como objectivo (!) uma Taça, académicamente designada por "Taça Sr. Chico". É pena que uma centenária senhora se tenha transformado na mais reles puta da Rua Direita, na homenagem que fez a uma figura ímpar da sua história. Quo vadis Académica?

É certo e sabido que realizações destas não furam a comunicação social. Não dão lugar à foto nos jornais, nem a tempo de antena na rádio ou na televisão. Mas, e a dignidade? A dignidade de se organizar uma homenagem da Academia para a Academia, aproveitando para explicar aos menos atentos quem foi e o que representa uma figura como a do Sr. Chico para uma Associação como a nossa. Ou só somos "sui generis" quando vamos a Lisboa pedir o subsidiosinho? É pena que as paredes da entrada do bar estejam encharcadas de cartazes. É pena que o jardim esteja num estado deplorável e que tenha funcionado dias a fio como parque de estacionamento. É pena que a Direcção Geral só tenha reparado no jardim quando o GEFAC convocou um debate sobre o mesmo. É pena que, então, tenham surgido aquelas ridiculas tabuletas anunciando a recuperação do jardim, que semana após semana se vai deteriorando. É que a melhor homenagem que a Académica pode prestar ao Sr. Chico é a verdadeira e digna recuperação do jardim. Não é colocar tabuletas. É simplesmente derrubar aquele barracão, que constitui o maior mamarracho, a maior aberração que se fez nesta Academia nos últimos cinco anos. Tenhamos a dignidade e hombridade de reconhecer os erros e aproveitando com eles recuperar de uma vez por todas o jardim da AAC e assim homenagear o homem que por ele mais se bateu. Sejamos irreverentes, sejamos académicos, pode não dar a foto nos jornais, mas será, no mínimo, digno que tentemos a recuperação e a justa homenagem.

É pena que uma centenária senhora se tenha transformado na mais reles puta da Rua Direita, na homenagem que fez a uma figura impar da sua história.

José de Albuquerque

OPINIÃO

CONVENCIDOS MAS NÃO CONVERTIDOS

A Universidade de Coimbra, possuidora de um vasto património histórico-cultural, tem albergado no seu seio estudantes africanos—muitos deles notabilizaram-se como lideres dos seus respectivos países. No presente momento esta instituição alberga, comparado com o número total de estudantes, 5% de estudantes africanos—maioritariamente das ex-colónias portuguesas.

Sendo verdade que as realidades sociais entre Portugal e estes países são muito parecidas existem no entanto diferenças, sendo a adaptação destes estudantes uma etapa sempre dificil, nomeadamente pela diferença de valores e mentalidades. No entanto estes possuem um atributo de vulto: a lingua portuguesa que, como veículo de cultura é o maior factor de intercâmbio entre africanos e portugueses e que permite aqueles (à priori!) ultrapassar um número elevado de barreiras.

Portanto, como membros de pleno direito da Academia, tem uma palavra a dizer, uma perspectiva a defender. Há pois que saber aliar a teoria à prática.

Se muitos factores se prendem com a fraca participação dos estudantes africanos, dois tem um caracter especialmente importantes:—o primeiro relaciona-se com a marginalização/segregação de que são alvo, directa ou indirectamente, pela Academia (lembramo-nos por exemplo da acusação sobre a SIDA); o segundo prende-se com uma certa automarginalização, praticada pelo próprio estudante africano, que revela uma certa passividade letargica perante a Academia. Sendo em certa medida o primeiro factor responsável pelo segundo a realidade é que os africanos se convenceram que são membros da Academia, não se converteram a esse facto, não desfrutam dessa realidade—que o digam o café Académico, as Comissões de Curso, as Secções da Academia, as listas eleitorais, etc., onde a Academia respira o seu ar próprio e onde a presença africana é (quase!) totalmente inexistente.

A conversão dos Africanos é pois fundamental, pois visa o aperfeiçoamento da Academia como um todo e uma interacção salutar entre a realidade africana—de que eles são os principais porta-vozes— e a intelectualidade portuguesa—de que a AAC detem inegável prestígio, dentro da comunidade portuguesa. A correlação destas forças, longe de originar uma aculturação desenfreada, originará um enriquecimento mútuo.

Assim sendo, urge apelar à consciência africana, hoje mais do que nunca, convertam-se à Academia. A África ganha, a Academia também.

João Paulo N´ganga

NOVOS SONS

Ei-los! Chegaram para ficar! Foi chegar, ver e vencer!

São a nova coqueluche da música africana em Coimbra!

Com melodias vibrantes, ritmos dançantes, bem tropicais, os K.O.S. tocam de tudo, mas <<só>> boa música. Longe de perderem a tradição africana, valorizam-na e enriquecem-na com o intercâmbio de outros sons.



K.O.S. no comício do P.S.D.

Aos precursores deste grupo—três estudantes São-Tomeenses: Carlos (Neto Amado), Silva Gomes e Orlando Pontes, de Engenharia, Direito e Teologia respectivamente, juntou-se a voz doce e cálida de Olívia (Cabo-Verdiana), a vocalista do grupo. Com eles tem colaborado um guineense muito versátil—o Ademir—que toca guitarra, compõe e toca orgão.

Com percursos distintos é na heterogeneidade de sensibilidades que reside a força do grupo. Silva Gomes teve uma educação musical simplesmente eclética; Neto Amado já tem calo nestas andanças, pertenceu ao grupo "Intercontinental" na ilha de Cuba; Orlando Pontes iniciou-se no trompete com um professor coreano, tocando hoje viola baixo, com improvisos multifacticos. Que dizer da voz da Olívia e do Ademir?... Só escutando.

Encontramo-los às segundas, quartas e sextas, entre as 15H00 e as 18H00, na cave junto à Sala de Estudo da AAC, gentilmente cedida para os seus ensaios, sempre em busca de novos sons, novos horizontes musicais, na ânsia de voar cada vez mais alto.

Fomos saber a razão de tamanho sucesso.

"A Cabra": Porque surgiu este grupo?

K.O.S.: O nosso objectivo prendeu-se com a divulgação da cultura africana em geral, e da de São Tomé em especial, mas estamos abertos à participação de qualquer colega africano interessado em participar.

"A Cabra": O nome K.O.S. é bem sugestivo. Porque o escolheram?

K.O.S.: Alem de representar as iniciais dos nossos nomes, também sugere cócegas, sinónimo de vibração e alegria, o que espelha bem a nossa música.

"A Cabra": Que música tocam? Só africana?

K.O.S.: Não! Tocamos boa música, venha ela de onde vier. Mas preservamos a pureza da nossa tradição, dos nossos valores culturais.

"A Cabra": De que consta o vosso reportório?

K.O.S.: Somos multifacetados: tocamos música da nossa autoria, músicas antigas com arranjos nossos e músicas de outros compositores e cantores.

"A Cabra": Quem mais influenciou a vossa carreira musical?

K.O.S.: Não podemos negar que a música africana teve um papel determinante, mas houve tambem outras influencias, o que resultou num sistema musical híbrido, em que nós só temos a lucrar.

"A Cabra": Que apoios têm recebido?

K.O.S.: Queremos agradecer ao Instituto da Juventude pela mão amiga do seu delegado, pelo apoio nos transportes e deslocações que nos têm fornecido, e à AAC pela cedência da sala da cave para os ensaios.

"A Cabra": Têm recebido muitos convites para actuar?

K.O.S.: A recepção de convites é grande e as demonstrações de carinho pela nossa música tambem. O êxito que temos tido justifica os lugares em que temos actuado (Montermor o Velho, Cantanhede, Comicio Eleitoral do PSD, Discoteca Scotch, Instituto da Juventude, Lousã, entre outros). A ausência de um agente tem pesado e os convites são feitos um pouco empiricamente.

Cabra": Como explicam tamanho sucesso?

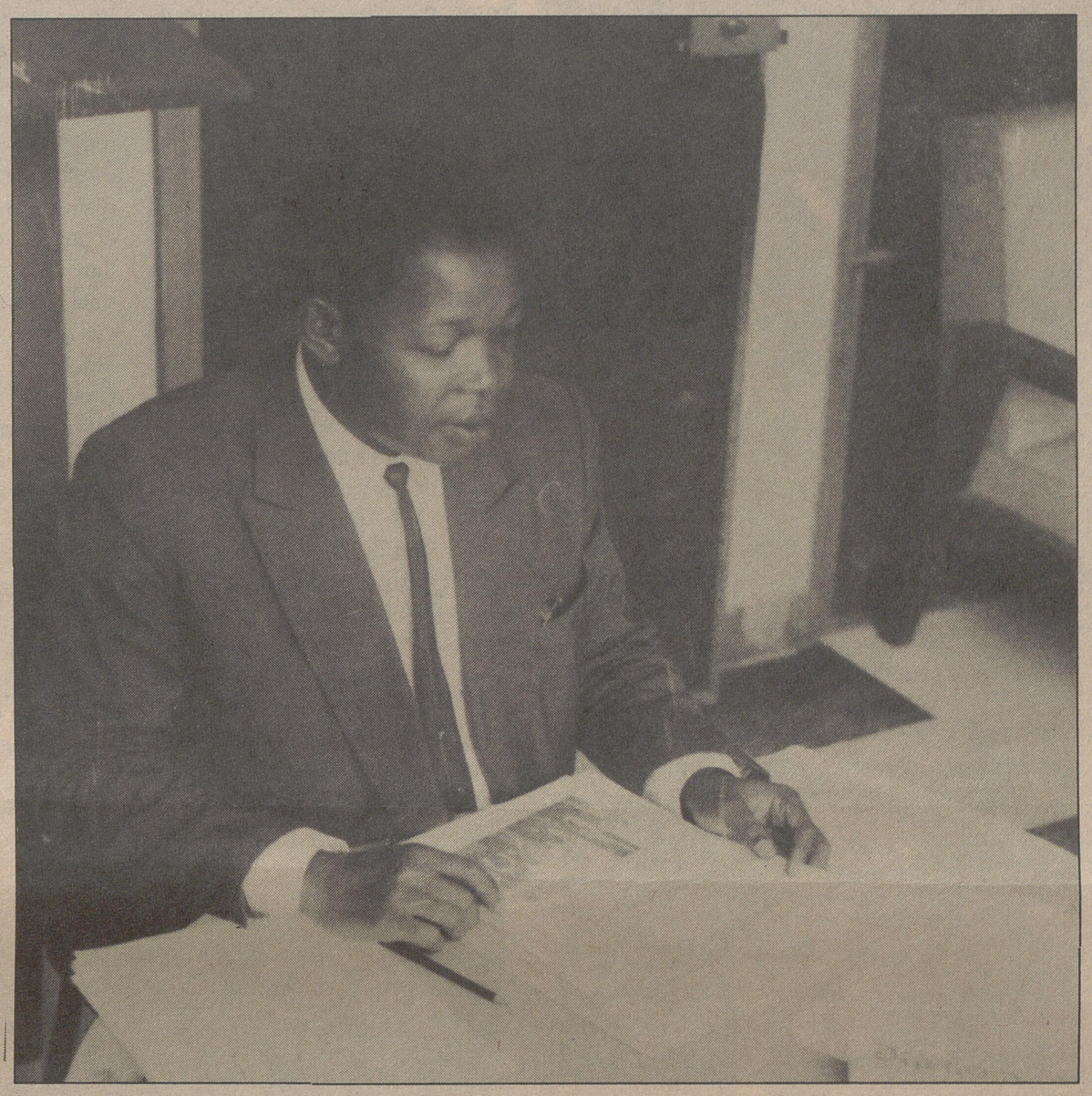
K.O.S.: Fundamentalmente pelo nosso esforço, dedicação e talento e também pela nossa determinação e vontade de vencer apesar das dificuldades.

A CABRA O JORNAL DA ACADEMIA

PALOPSTRÓIKA

Os estudantes dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) em Coimbra constituiram no dia 4 de Outubro uma Associação destinada à resolução dos seus problemas de integração na comunidade, passando pelos dominios da cultura, interveção social, desporto e pelo problema das saídas profissionais.

Bento Miguel Monteiro, principal dinamizador dessa iniciativa, falou à Cabra, abordando em linhas gerais o objectivo e principais dificuldades da Associação.



"A Cabra": Porquê a criação desta Associação e quais são as suas preocupações fundamentais?

Bento: Trata-se de uma Associação de estudantes e para estudantes, uma Associação que surge num momento indicado e que vem ao encontro de um sonho meu, autor de um projecto que chegou ao fim.

A Associação deve ter como ponto principal a resolução de problemas sociais, que são os mais sentidos em Coimbra. Somos pessoas adultas, homens do presente para o futuro, e a única ajuda que podemos dar é encontrar uma plataforma de solidariedade para connosco. Temos problemas comuns que afectam todos os estudantes africanos, em que as nossas representações diplomáticas e autoridades portuguesas (cooperação portuguesa) por vezes, não têm a sensibilidade necessária para ultrapassar.

"A Cabra": Como é que se tem processado a vossa integração a nível da comunidade em Coimbra?

Bento: Até agora têm surgido algumas dificuldades. Obstáculos aceitáveis na medida em que vimos de países longuinquos, com culturas próprias, maneiras de estar específicas, e não podemos exigir uma integração de um dia para o outro.

Por outro lado, não queremos criticar as entidades oficiais pela falta de ajuda nessa integração. A nossa Associação vai procurar dialogar e apresentar propostas no sentido de viabilizar esta entreajuda e cooperação.

"A Cabra": Quais são as vossas actuais relações com a AAC?

Bento: Desde o inicio do nosso projecto a AAc tem estado connosco, apoiando quase todas as iniciativas que desenvolvemos. Temos procurado, de uma forma consciente, resolver alguns dos problemas que vão surgindo.

"A Cabra": E com as restantes entidades oficiais em geral?

Bento: As relações são neste momento muito cordiais, atendendo a que todas as entidades têm, de uma maneira ou de outra, ajudado na concretização do projecto que lhes foi apresentado. Quero de uma maneira muito especial agradecer, de forma inequívoca, a entidades como o Governador Civil de Coimbra, o Instituto da Juventude, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, a DG/AAC, a Reitoria da Universidade de Coimbra, a ACIC, aos empresários que connosco colaboraram e, particularmente, ao Pe. António Pedro dos Santos, ao Dr. João Cunha, o mais elevado respeito de colaboração, entreajuda e solicitude que têm demonstrado para com os estudantes dos PALOP.

A postura destas instituições mostra que a cooperação pode ser concreta, não um mero slogan Edtamos, pois, a lançar o futuro!

"A Cabra": Quais são as vossas dificuldades mais imediatas?

Bento: Não podemos dizer que existem já problemas. Só agora é que a Associação foi legalizada, e só agora vamos verdadeiramente contactar os organismos que nos podem apoiar no sentido de encontrar a resolução das carências que consideramos mais prementes. São elas: as instalações para a sede, um espaço aberto para toda a comunidade estudantil, africana ou não. Pretendemos criar uma estrutura aberta para o convívio, para a cultura, e que seja tambem um ponto de encontro, de entreajuda entre todos os estudantes representativos de Coimbra.

"A Cabra": Como aceitaram os estudantes dos PALOP esta Associação?

Bento: A recepção tem sido boa, individual e colectivamente. As direcções das diversas organizações têm mostrado um grande empenhamento e colaboração para que cheguemos a bom porto. Se, por um lado estavamos limitados devido à não legalização da Associação, agora , com o apoio da comunidade africana em particular e da Academia em geral, estão criadas condições para que possamos avançar no objectivo a que nos propusemos.

"A Cabra": Que actividades preconizam para a Recepção dos Caloiros dos PALOP ?

Bento: Até aqui tem havido uma certa falta de apoio nos estudantes recem chegados e como a adaptação e integração não são tarefas nada fáceis. Estamos a tentar informar-nos do número de bolseiros, através de um contacto com as nossas representações diplomáticas, para antecipadamente procurar alojamento para estes, entre outros esforços. De salientar que longe do aspecto puramente materialista, uma palavra amiga vale mais do que qualquer outro gesto.

"A Cabra": A aproximação das Jornadas Portugal-África-Brasil não será uma oportunidade de manifestação palpavel da Associação?

Bento: Normalmente são as organizações de cada comunidade que se fazem representar só por si, mas a Associação procurará dar todo o apoio que lhe for solicitado sem se imiscuir nas actividades e/ou responsabilidades das respectivas comunidades.

"A Cabra": Está para se realizar uma Assembleia Magna para a eleição de um Presidente, quando e em que moldes?

Bento: De facto é verdade. Há uma Comissão Instaladora até à realização desta Assembleia Magna. Os trabalhos não estão ainda agendados pois haverá uma Assembleia de Cabo-Verde e outra da Guiné, para eleição de uma nova direcção, estando desde já condicionada a Assembleia Magna.

"A Cabra": Que relação têm com as vossas representações diplomáticas?

Bento: Eu pessoalmente sempre tive contactos com as nossas representações. Eles têm responsabilidades directas ou indirectas e lacunas deixadas até, hoje, que convêm colmatar. Estamos a procurar desenvolver e aprofundar estes contactos, beneficios para ambos.

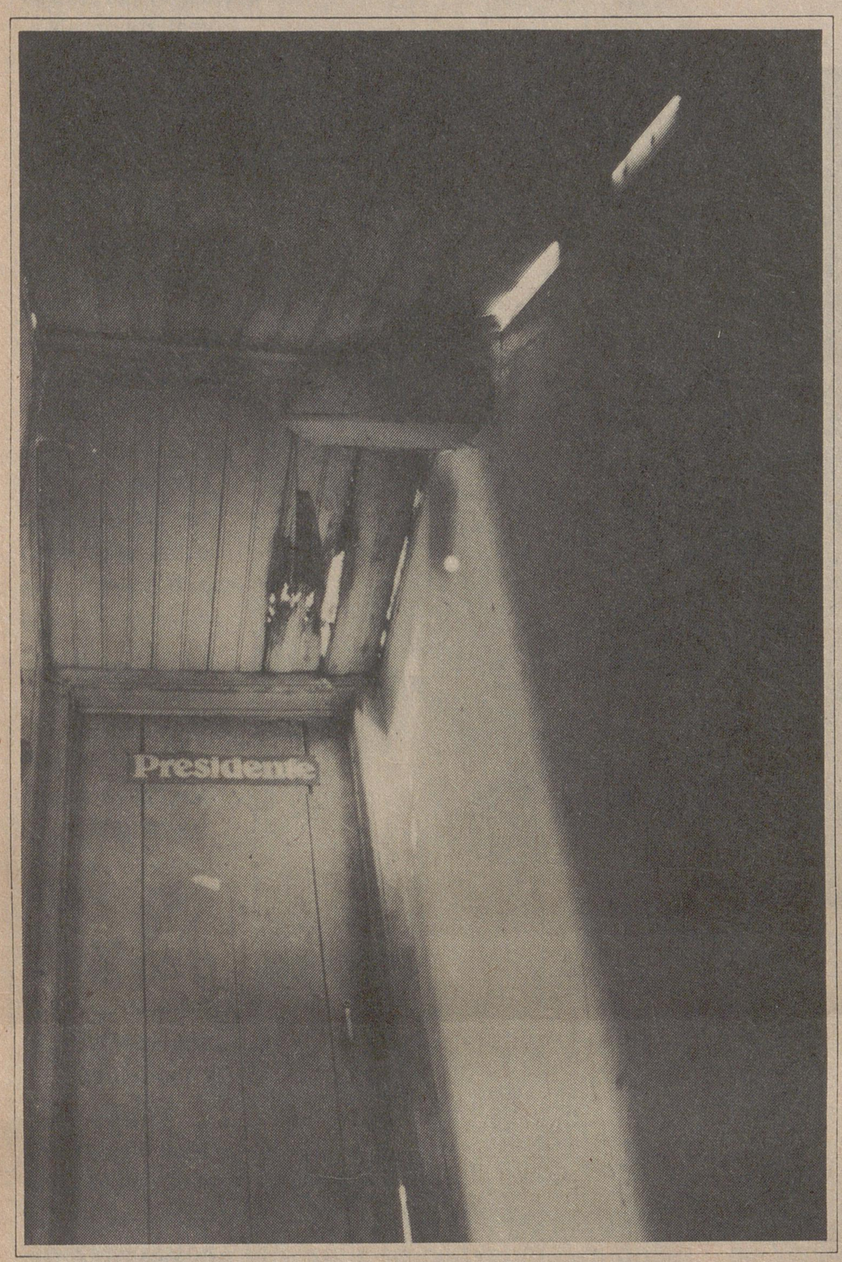
"A Cabra": Que mensagem gostaria de deixar à Academia?

Bento: Que se unam em torno deste projecto, pois todos temos a ganhar. É a primeira vez que se realiza um projecto de tal envergadura em Coimbra e até mesmo em Portugal. Aos Africanos em particular e aos Académicos em geral, que enriqueçam o projecto, incentivando-o e colaborando com ele.

Paulo Pimenta
João Paulo N´ganga

REPÚBLICAS lutam pela Sobrevivência

AGARRA O SUBSÍDIO



República Bota-Abaixo antes dos arranjos

Estas habitações de estudantes, têm atrás de si uma longa história. História hoje tão longa, importante e significativa que pertence já tanto à Academia como à Cidade. Isto porque elas não se esgotam na simples função de albergar um grupo de estudantes, antes, caracterizam-se por uma específica dimensão cultural e social que extravasa e modela peculiarmente os laços académicos que se sedimentam. No entanto, durante a última década, o espírito tradicional , de república, tem se vindo a esvaziar e modelar a uma sociedade conformista e praxista, perdendo-se, por vezes o espírito crítico e intervencionista tão típico e histórico, a que as Repúblicas e Solares nos habituaram.

Mas o passar do tempo revelou-se também um factor corrosivo quanto à própria estrutura física das casas, e estas instituições, depósitos únicos de diversas vivências académicas e sociais estão hoje, mais do que nunca, com necessidades prementes de obras e restauros. Este estado de precaridade exigia das casas uma vigília constante para tentar evitar "males maiores". Desde tectos que ameaçam ruir, e em certos casos até já ruiram; a instalações de gás e electricidade em estado alarmante que põe em perigo não só a própria casa como também as casas vizinhas, de tudo se conta um pouco (ver caixa). No entanto, até há bem pouco tempo, face a este estado de degradação em que se encontra a maioria das casas (salvo raras excepções) só deparámos com indiferença por parte daquelas entidades a quem compete zelar por este valioso património, notando-se um particular desleixo por parte da Câmara Municipal de Coimbra. A conservação das casas esteve assim, durante décadas, nas mãos dos estudantes que as habitavam e que, com os parcos recursos de que dispunham, lá iam remendando aqui e reparando acolá, tentando deste modo evitar a ruína total. No entanto este esforço de recuperação beneficiou no passado do apoio de algumas instituições académicas, tais como: a Reitoria, os SSUC, e a própria AAC, às quais agora se veio acrescentar a Secretaria de Estado da Juventude. A este apoio (15 mil contos), embora modesto para tão avançado estado de degradação das casas, não tardou a elevar-se aos 45 mil contos no acto da assinatura do protocolo. A cerimónia realizou-se no Mini-Auditório da AAC, e contou com a presença do Secretário de Estado da Juventude , Dr. Miguel Macedo; do Vice-Reitor, Dr. Pinho Brojo; do Presidente da AAC, Fernando Guerra; e com representantes do Governo Civil e da Câmara Municipal de Coimbra. Verificou-se, no entanto, a falta da maioria dos representantes das Repúblicas e Solares, facto que pode ser interpretado como uma forma de protesto contra a verba insuficiente atribuida pelo Governo para este fim, ou ainda devido a causas políticas e ideológicas que se defendem nestas casas.

A AAC, com a sua dinâmica, preparou de imediato um levantamento das necessidades de todas as Repúblicas e Solares de Coimbra. Este trabalho, efectuado por uma equipa de engenheiros, aponta as necessidades mais prementes e as prioridades para uma melhor recuperação das Repúblicas.

No desenrolar deste processo realizaram-se várias reuniões, que depressa se tornaram em Conselhos de Repúblicas, dada a adesão total por parte das Repúblicas, o que lhe confere poder deliberatório desde que respeitada a Regra da Unanimidade (ECR). Estes Conselhos tiveram como ponto fulcral uma distribuição igualitária e justa dos dinheiros públicos. Embora nunca se querendo afastar do "Critério das necessiades", nomeadamente aplicando na prética a vistoria realizada por técnicos especializados levada a cabo pela AAC, este processo foi vetado, concluindo-se por se dar a liberdade a cada casa de apresentar um orçamento parcelar sobre as suas necessidades mais prementes. Confiando no espírito e na ética dos républicos, e tendo em conta que havia casas mais necessitadas do que outras, decidiu-se que a atitude mais correcta seria cada casa apresentar um orçamento das necessidades mesmo mais urgentes, proporcionando, assim, às outras a utilização de uma maior parcela de dinheiro... Tal não aconteceu, casas com menos necessidades acabaram por apresentar orçamentos maiores, incluindo nesses orçamentos necessidades não prioritárias, absorvendo parte dos dinheiros que poderiam ser usados para restaurar casa em pior estado, as quais actuaram com um maior espírito de sacrifício e confiança ao delinearem o seus orçamentos. Rejeitou-se assim uma soluçaõ para a distribuiçao das verbas, em princípio justa (proposto pela AAC), para se adoptar um método mais injusto e egoista que proporcionou a certas casas o aproveitamento desta forma de distribuição em prejuizo de outras.

Para além deste problema permanece a questão de o fim de tal dádiva ser ou não uma manobra política por parte do governo laranja, antes ou pós eleitoralista.

Outro agaravante foi o carácter moroso e controverso dos Conselhos das Repúblicas, que nunca deixou de se notar, daí que a unanimidade só surgiria em Setembro por Conselho de Repúblicas, convocado e realizado na República Trunfé-Kopus. Por esta razão muitos républicos defendem que os Conselhos precisam de ser mais dinâmicos nas suas resoluções, sendo para isso necessário uma alteração dos seus Estatutos. Outros, no entanto, preferem a sua morosidade na conciliação geral, rejeitando a Regra da Maioria.

Dentro deste contexto tentámos apurar a opinião de várias figuras académicas directamente envolvidas na questão, assim como a de alguns elementos de Repúblicas (ver questionário - pág. seguinte).



Sótão da República Bota-Abaixo

José Jorge
Teresa Gomes

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE — JORNAIS — COIMBRA

A CABRA

Suplemento



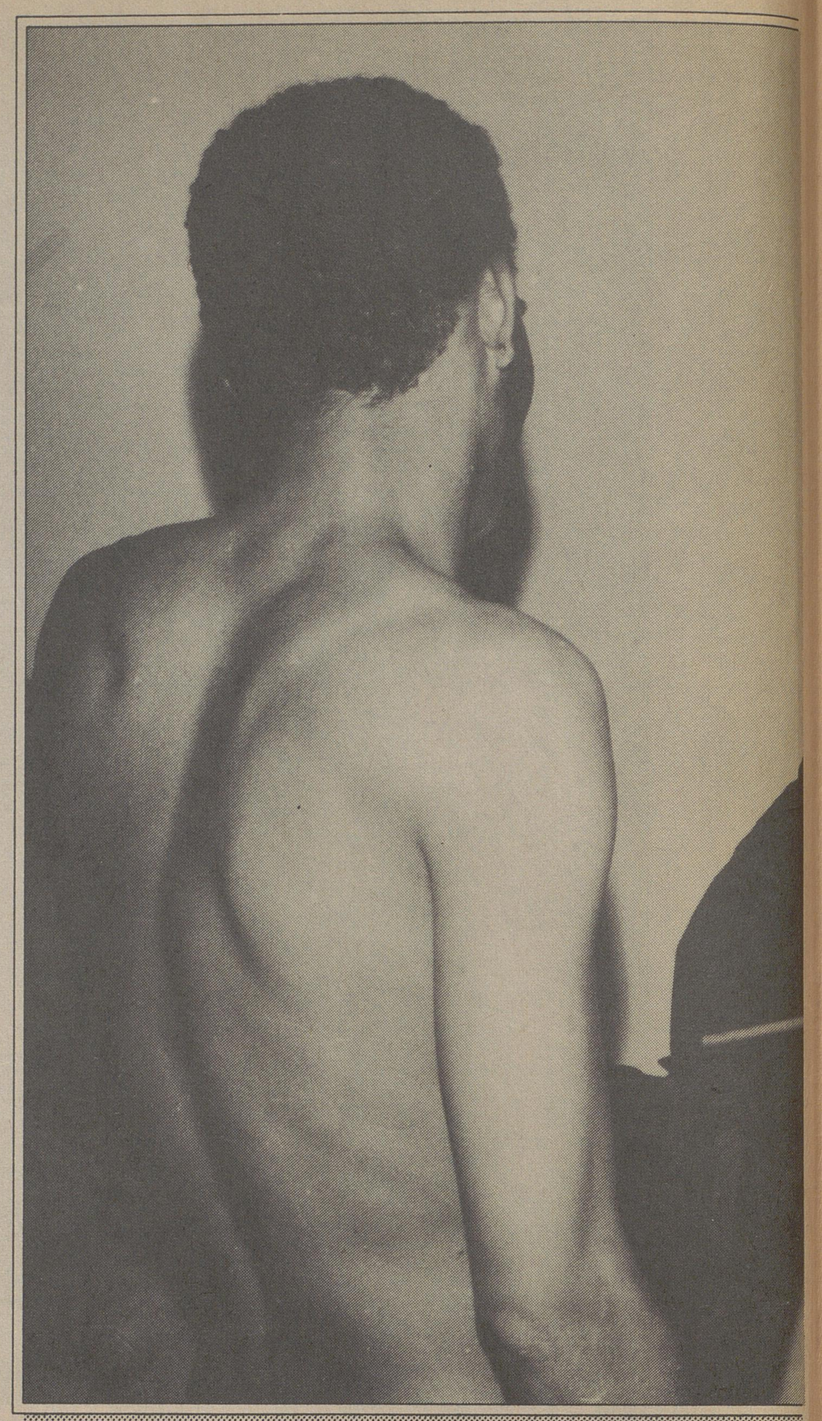
Agarra que é Caloiro

30 ANOS

Teatro Académico Gil Vicente

Suplemento de "A cabra" nº 5 - não pode ser vendido separadamente

Agarra que é caloiro



António Nunes

Alguns, por influência do avô, da tia, do pai, que por andaram no tempo dos Afonsinhos, trazem esboços de uma Academia idealizada, nostalgia de uma Idade do Ouro desaparecida. Outros nunca tiveram familiares na Universidade, mas já ouviram falar de capas negras, e claro, escutaram mil vezes a turística "Coimbra tem Mais Encanto". Outros, ainda, estão-se borrifando para estas coisas da praxe, trauteiam hevimetal, sonham com o curso despachado em cinco aninhos: só sebentas e engates.

Chegam provincianos dos Açores, jetesetes da Madeira, industriais do Porto, bronzeados do Algarve, ridentes do Minho, rudes de agrestes de Trás-os-Montes, lindinhos de Lisboa, rufias de Almada, betinhentos de Coimbra, buscando quarto particular, apartamento, república, residência universitária, beato lar feminino. E nada de esquecer os chinocas, os palopes e os Erasmus.

Nos primeiros vão-se oficiando as burocráticas matrículas, longas e sofridas vias sacras nas bichas assoladas por enegrecidos bandos de Semis, castrados de imaginação, ávidos na venda de autocolantes e postais mariolas. O primeiro período oficial de caça só começa com o início das aulas em cada Faculdade— rituais punitivos, entenda-se, que as troças e assuadas, essas não carecem de datas.

O Paraquedista, caído na bicha da Filantrópica, esperava mais criatividade, mais engenho no dizer e fazer dos encapados. Esperança vã. Pergunta-se o caloiro, aonde pára a originalidade cultural-tradicional universitária, sim, porque tais cousas já as viu ele, no velho liceu, no politécnico da vilória, na delegação da privada, naquela universidade juntinho à rua onde morou durante 17-18 anos.

Pronto, e agora lá vai mais uma matilha a caminho do Pratas, D. Ana, são quatro traçados, duas cervejas e três cachaças, aqui as bestas é que pagam.

POLIMORFISMO INICIÁTICO

Uma caloira ou um caloiro são diferentemente aculturados consoante os grupos, espaços e ideologias onde se inserem. No Centro U. Manuel da Nobrega, o ambiente é comedido, hierético, solidário. Por Novembro organiza-se uma festa recheada de recitais, teatro, música, colóquios e comesaina. Mais acima, no CADC, há debates versando a vida escolar, espectáculo e banquete. Nos lares religiosos femininos as caloiras sofrem as humilhações costumeiras: pinturas, discursos improvisados, pular e dançar, jantarada, espectáculo musical. Pelas residências universitárias, apesar de frágil coesão social, certos blocos vangloriam-se, e especialmente na João Jacinto, os caloiros sofrem as passas do Algarve, com julgamento a carácter, bebedeira e sentença pagável em bom vinho e chouriças magras. No Bloco-D da João Jacinto, o tribunal pinta o diabo, fazendo rir a bom rir a assistência curiosa: danças, desnudação, discursos, declarações de amor, libações a Baco, uivar à lua debruçado pela janela, enquanto os do andar superior atiram baldes de água fria. Só visto, contado ninguém acredita! Nas repúblicas, dado o rigor da selecção e a exiguidade de vagas, poucos caloiros são anualmente recrutados. Fugindo aos paradigmas da Praxe Ortodoxa, nem por isso aqui ficam a salvo das chacotas. Lá para os lados do Calhabé, na República dos Búfalos, a coisa pia fino. Entre ser julgado em tribunal, dormitar no caixão, ou ter de lavar as infindas medas de loiça amontoadas na cozinha, o caloiro que escolha.

Junto aos Arcos do Jardim, os Fans mobilizam os seus caloiros. As hipóteses de integração são múltiplas: participação musical na Fanfarra, militância na Falange de apoio ao futebol, convívio diário na sede do grupo.

Dentro da AAC, cada Organismo ou Secção acolhe os noviços de forma diferente. Por exemplo, no Coro Misto, concretizada a primeira digressão artística, os neófitos escolhem padrinho ou madrinha, e no alto de uma cadeira, por entre benzeduras, cantochão e latinório, lá se faz a cerimónia do Baptismo, regadas as crinas da vítima com cerveja ou vinho.

Na Secção de Fado, estruturalmente masculinizada, os caloiros da Pitagórica e Estudantina apenas são aprovados lá para o final do ano, após mil actos de perícia.

A este paradigma iniciático tem contraposto a Tertúlia Praxis Dixit um modelo de endoculturação polifronte, de facies problematizante, onde ao rito masculino-cavaleiresco sucede o processo etno-praxístico. Os caloiros iniciados na Praxis Dixit deparam, não com dogmas de praxe, mas com uma convergência de posturas, decorrentes de um novo modo de pensar, escrever e praticar a Praxe. Denunciando na Praxe-Código as mesmas limitações que os historiadores da Escola dos Annales apontaram à velha história-crónica, os caloiros são impelidos a interiorizar e reflectir a Praxe, numa atitude interventiva e problematizante. O processo é novo a todos os títulos, porquanto, o modelo iniciático dominante coage o caloiro a obedecer cegamente, cerceando-lhe de todo em todo, a capacidade de agir e intervir, activamente, na construção do processo histórico do seu tempo.

O primeiro período oficial de caça só começa com o início das aulas em cada faculdade - rituais punitivos, entenda-se, que as troças e assuadas, essas não carecem de datas

Por fim, há aqueles que não são praxados. São casos raros, mas largas centenas: os Erasmus, os macaenses, os africanos, os antipraxistas confessos.

MIMÉSIS PRAXÍSTICA

Para a socióloga Maria Eduarda Cruzeiro, a Praxe "é um conjunto de práticas institucionais especiais, cujas funções básicas de conservação de uma originalidade fundada na tradição, tendem a cristalizá-las em fórmulas quase rituais."

Até aos anos de 1960 os praxistas universitários não tiveram dores de cabeça com os fenómenos de "imitação da praxe", salvo o caso ocorrido com a Universidade do Porto. Em dois séculos de história, a jesuítica Universidade de Évora, extinta às mãos de Pombal, não deixara praxe digna de registo. Os liceus distritais masculinos com o Regime Liberal, apesar de terem adoptado os paradigmas universitários, quer no trajo, quer nos costumes e festividades, nunca chegaram a concorrer com a Academia. O mesmo se diga da Escola Superior Agrária, nascida em 1888, dotada de praxes e trajo próprio.

O problema da mimésis emergiu com a restauração da praxe, primeiro numa quadratura exógena, depois endógena. Os

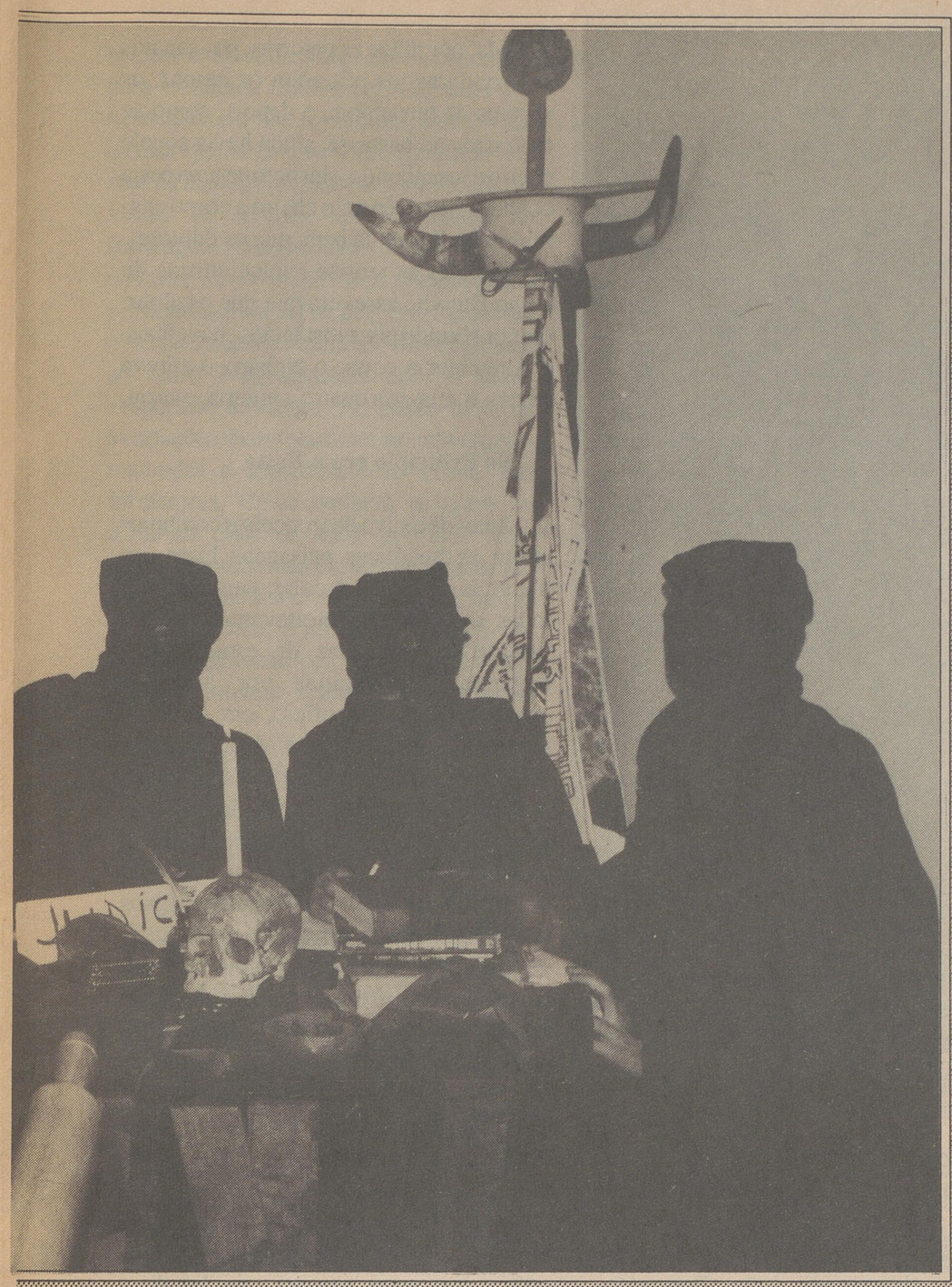


FOTO DE ARQUIVO

novos estabelecimentos de ensino superior cedo perceberam o trunfo que seria recorrer à importação do modelo universitário coimbrão, como melhor forma de legitimar e vender uma imagem de credibilidade científico-pedagógica, com refracções ao nível das saídas profissionais. Na primeira metade da década de 80 quase todas as Universidades públicas, privadas e politécnicos, em acelerado processo de proliferação, adoptaram a Capa e Batina, a Queima, os Saraus, serenatas, cortejos alegóricos, garraiadas, missas, bailes e nomenclatura regional coimbrã.

E, se em alguns espaços urbanos a adoção mimética e imposição dos modelos importados tem deparado com o indiferentismo e alheamento da população local (vejam-se os exemplos de Lisboa, Aveiro e Ponta Delgada), noutros casos a panorâmica é francamente rentável, concitando mesmo investimentos do turismo, comércio e indústrias locais (Porto, Braga, Covilhã, Vila Real).

Em Coimbra, os politécnicos iniciaram a partir de 1984 o assalto desenfreado à Praxe Universitária, norteados por dois vectores dominantes: apropriação e igual partilha; infiltração e integração face às estertórias resistências do ethos universitário. As barreiras levantadas revelaram-se incapazes de tolher o passo ao fenómeno mimético no interior do espaço citadino. Entretanto, em 89, a Escola Superior Agrária desligava-se do movimento politécnico, enveredando pela recuperação, estudo e adaptação das antigas praxes. Longe de resolvido, o conflito tem sofrido altos e baixos, apaixonando pais, estudantes e jornalistas. Até ao momento nenhum dos politécnicos de Coimbra criou rituais específicos ou pugnou pela elaboração de um espaço festivo individualizado, porque, o que verdadeiramente interessa é a confusão científico-pedagógica.

AS ARTIMANHAS DA DG/AAC

O processo de aculturação dos caloiros denuncia sempre um projecto educacional. Como tal, a aculturação de um grupo social com estatuto transitório (os caloiros) poderá ser bem ou mal conduzida. Via de regra impera a segunda vertente, por evidente ausência de formação histórico-praxística, por carência de imaginação, por curteza de vistas de todos aqueles que privam os novatos de acesso ao teatro, à dança, à música, ao folclore, à Canção de Coimbra, mentalizando-o que a iniciação se confina ao autocolante, à bebedeira, à tourada, ao relato das estórias fantásticas do tempo da Salvé Rainha.

Sucede frequentemente que o poder instituído, pelo seu conforto logístico, económico e ético, se apropria da cultura tradicional, capitalizando-a em imagens politicamente rentáveis. Etnograficamente se designa tal processo por captura da praxe, cujos perigos, entre outros, são o do evidente etnocídio cultural.

É o que se passa actualmente com um programa festivo, gerido pela DG/AAC, intitulado Festa das Latas. Praxisticamente, tal organização pertence aos Quartanistas Grelados. Aliando a ignorância dos estudantes em geral, a uma constatada desmobilização e desinteresse participativo dos Quartanistas, a DG/AAC, vale-se do seu poderio económico para vender e explorar os proventos da festa, autêntica imagem do poder instituído, canalizada no sentido de angariar simpatizantes e votos.

Enquanto pelos magistérios primários e universitários de Lisboa e porto se foram estruturando programas festivos, designados por Recepção ao Caloiro, na Academia de Coimbra, a continuidade e especificidade da cultura tradicional trilhou outros caminhos. No início do século, os republicanos impuseram modelos iniciáticos de índole festiva e humanizante, enriquecidos nos decénios seguintes com as Imposições de Insígnias, Serenatas dos Grelados, e naturalmente, Latadas das Faculdades.

Sucede frequentemente que o poder instituído, pelo seu conforto logístico, económico e ético, se apropia da cultura tradicional, capitalizando-a em imagens politicamente rentáveis

Em 1979-80, a DG/AAC—PSD, em pleno movimento de restauração da praxe, pretendendo aliciar votantes, organizou uma festa de inicio de ano, a que chamou Semana de Recepção ao Caloiro, nomenclatura importada de Lisboa e Porto, programa extraído da Queima.

As coisas mantiveram-se neste estado até 1988, ano em que foi possível iniciar as primeiras grandes reformas de base, após aturado estudo e pesquisa de fontes documentais escritas, iconológicas e orais. Reformado o Cartaz, a designação (para Festa das Latas) e parte do programa, partiu-se da ideia de que as mudanças se concretizariam nos anos seguintes. A bipolarização político-partidária, e a tentativa de evidenciar uma demarcação cultural entre os projectos C e D, condenou as reformas ao malogro: em 1989 voltava-se à Recepção. No ano seguinte, a DG de Emídio Guerreiro recuperou os ensaios de 88, mas como nem sequer consultou o autor do projecto da reforma, o programa concretizado assumiu-se disfuncionalmente como "miniqueima", mantendo a estrutura da recepção. O erro é duplo: adoptada parte do programa da Queima, enxertando no tempo da iniciação ritos característicos da emancipação/passagem; diz que é Festa das Latas, mas continua a adoptar o esqueleto da recepção, festa na realidade estrangeira. Em Junho de 1991 foi apresentada ao Pelouro Cultural da DG o esboço arquitectural da reforma, daquilo que se pretende assumir como uma Festa das Latas, de gesta moderna, nova, dado não ter passado histórico, em sintonia com as especificidades da cultura tradicional académica. O elemento responsável pelo Pelouro, António Simão, foi marcar passo para a tropa, e o projecto ficou na gaveta. Seguindo o costume de anos anteriores, a DG confiou os destinos da organização festiva a uma comissão, que empossada

EDITORIAL

Agora chegados à cidade
de Antero, do Zeca e Adriano,
carregam sonhos, cheios de
tudo... e nada.

Os homens chegam de
mansinho
à cidade do Mondego,
descarregando à chegada
a vontade de ficar
na memória de uma casa,
que se renova e se constroi
na luta que gerações
encerram,
no engrandecimento duma
causa
que, já nobre, adormece
agora,
no recondito canto dos
partidos,
das coligações do "status
quo" e
do imobilismo instituido

Agora és tu caloiro!
Besta numa Praxe que te
convida a participar.
A Academia é vossa,
a Universidade conta
convosco,
não só para os cinco anos do
curso,
mas antes para vos ensinar
a crescer na casa comum
que nos une há mais de um
século.

Várias são as Secções,
muitas sejam as vontades
que,
chegadas de novo,
possam abanar as estruturas
dum edifício que, após cem
anos,
carece de vestimentas novas
que lhe sacudam a poeira
e lhe tracem outras rotas.

Também tu, caloiro,
tens as tuas
responsabilidades.
A Académica é de todos.

Sê bem-vindo!

José de Albuquerque

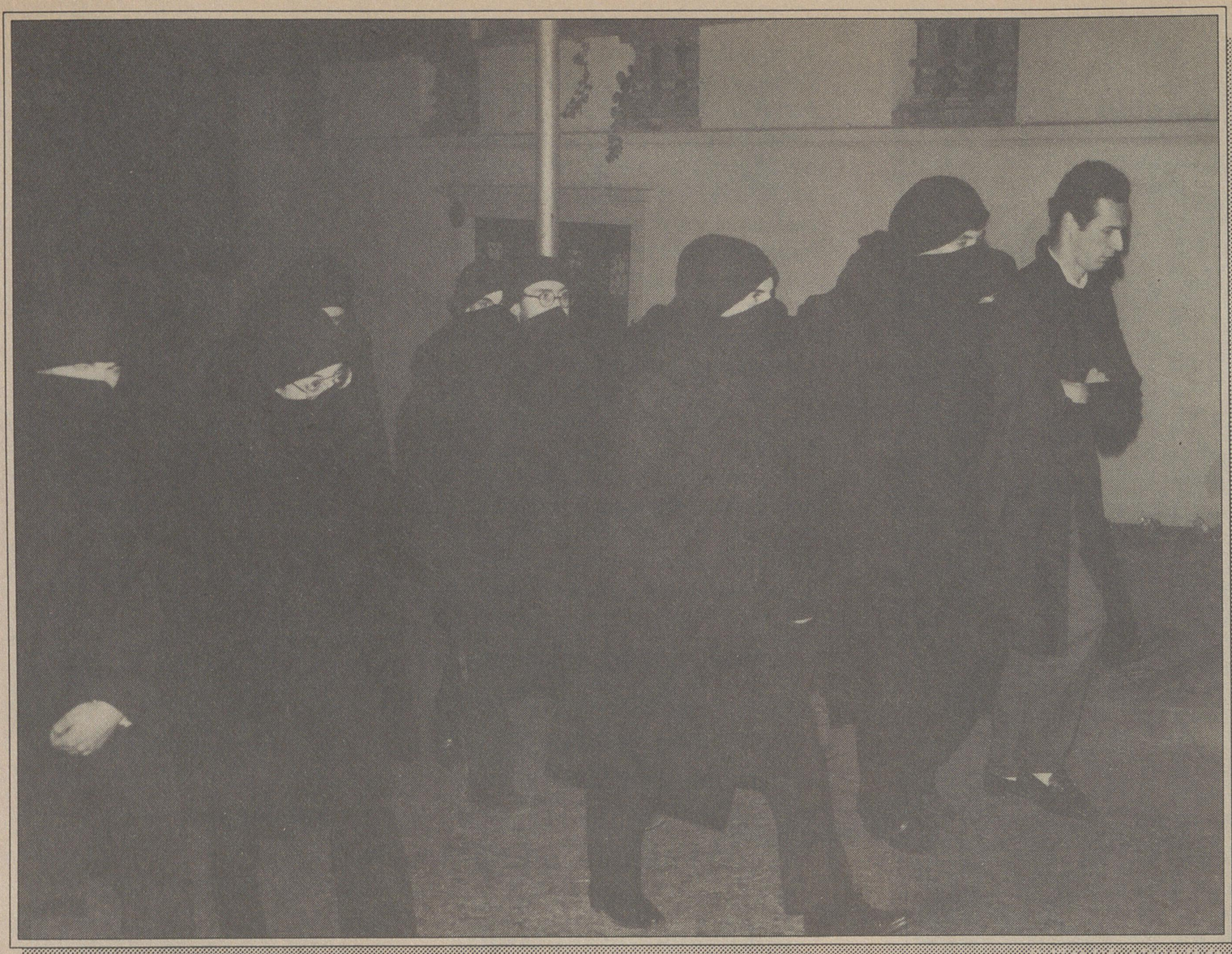


FOTO: JOSÉ CARLOS

O número da besta

Bem equivocado andou o pobre Dédalo, ao acreditar na morte do horripilante Minotauro de Creta. Ainda as universidades não eram universidades e já o alucinado do S.João proclamava no seu Apocalipse que a Besta reinaria no Templo de Minerva, tendo como distintivo emblemático um cornuptíssimo 666, escondido entre o coiro crinal e as ditas propriamente cujas.

Nos antigamentes, isto é, quando os animais falavam, caloiro que demandasse a Escola Real do monarca Lavrador, tinha a vidinha negra. As praxes iniciáticas eram violentas, despidas de conteúdo humanizante, ao ponto de alimentarem assaltos nocturnos, distúrbios, pedradas, tiros, tortura física, e até mortes. No século XVIII, as investidas cruentas dos elementos de uma sociedade secreta, o Rancho da Carqueja, redundaram em assassinatos, raptos e violações de moças, e aos pobres caloiros, entravam-lhes pelo curro e vai de rapar o crinal rente pelo casco e distribuir palmatoada de fazer sangue. O farfalhudo D. João V escreve ao Reitor exortando-o a tomar medidas, entre elas a pena de expulsão dos veteranos abusadores. Ao caloiro chamavam João Fernandes, alegoria de João Ninguém, João Toleirão, Pobre Diabo, ferozmente caricaturizado e troçado, servo da gleba destituído de outra vontade que não a de obedecer cegamente ao veterano. O novato era um animal, o bode expiatório da Comunidade Académica, e ai dele, estava sujeito às mil e uma judiarias, às mais desvairadas e imaginosas chacotas e piadas, aos mais extravagantes ritos de desbestialização. Cavaleiro da triste figura, bombo para toda a festa, o nosso João Fernandes tinha por símbolo o corno, vejam bem, um retorcido par de chavelhos. Chamavam-lhe rês, besta cornuda, animal crinudo, patudo, mau hálito, habitante do curro, inquilino do estábulo. O caloiro tinha por voz o relincho, por cabelos as crinas, por vestes a albarda, por mãos as patorras, por sapatos as ferraduras, os pés eram os cascos, os sapatos as ferraduras, e depois, como se tudo isto não bastasse, ainda havia aquele cheiro nauseabundo, sim porque uma besta conhece-se ao léu pelo cheiro a corno chamuscado. Vejam lá bem, que os doutores, secundando as teorias evolucionistas do velho Darwin, asseveravam que o caloiro era constituído por substâncias chavelhais. E a rematar a coisa, o bicharoco atirava coices, metia-se a quatro e ingeria ervaçal.

No Princípio era a Besta

Antes de o silvo dos ronceiros comboios atroar as bucólicas paisagens lusas, no início de cada ano escolar, caravanas de todas as províncias afoitavam-se à Universidade, carregadas de estudantes e bagagens, conduzidas por arrieiros experimentados no ofício, em jornadas longas que reclamavam descanso nas velhas estalagens de beira da estrada real. A meio da Ponte de Santa Clara, ou no Largo da Portagem, tão certa como a Trova da caprichosa Cabra era a investida dos novatos. E aí, tudo podia acontecer, aos caloiros pasmos ante aqueles estudantões vestidos de negro, desde o terem de pagar lautos jantares no Paço do Conde, a esportularem os cobres em copázios na taberna do Calhabé, ou abrirem os recheados farnéis preparados pelo amor de mãe. Os repontões apanhavam sopapo de criar bicho, eram enfreiados e albardados, tendo de marchar a quatro patas com um veterano escarrapachado nos costados. Conta o poeta Nicolau Tolentino que foi muito maltratado, e que entre penares, um bando o arrastou até junto do Mosteiro de Celas onde teve de comprar lautas doses de manjar branco, afrodisíaco doce freirático, com que a veterania se regalou. Na Portagem, a coisa ainda se suportava, pior mesmo era o Canelão à Porta Férrea, durante o primeiro dia de aulas, também chamado pega de caras: por entre duas filas de Quintanistas avançavam os novatos, aos encontrões e caneladas, até que uma misericordiosa pasta de quintanista lhe pousasse no toutiço e o protegesse. Só que às vezes não chegava a pousar...

Nos ritos iniciáticos cabia de tudo um pouco, desde a improvisação de bizarros discursos, à dança do urso saltimbanco, passando pela tourada com passes de capa, sortes de muleta, pega e rabejamento. Os

Agarra que é caloiro (cont.)

quinze-vinte dias antes, engloba todos, mesmos Grelados, colaboradores experientes, e claro, o próprio autor do projecto Festa das Latas.

A Comissão orientada por António Pinheiro folheou os dossiers dos anos transactos, plagiou o programa, enfiou-lhe dois ou três artistas novos, preparou a coisa em cima do joelho, com um mês de antecedência, e tomem lá.

Curiosamente, a Academia e a DG não se poupam em enunciar críticas "às outras universidades que nos copiam". Esqueceu-se que o programa dessa festa a que chamaram recepção é inteiramente copiado, na sua estrutura e espírito, daquilo que nasceu e evoluiu nas Universidades de Lisboa e Porto. Todos fazem a Queima de Coimbra. Coimbra faz a Recepção do Pro-to! Nesta medida a actuação política da DG cumpre as instruções do Ministério da Educação: não há diferenças entre politécnicos, públicas e privadas; toda a realização profissional passa pela licenciatura; fazer a recepção é abafar a diferença cultural, anular as resistências e as hipóteses de constatação; concretizar a recepção, em tempos de ignorância geral da praxe, é assegurar o voto e garantir o mando.

CALOIROS

Para o Dux Veteranorum, o conceito de abuso ou violência da Praxe pode identificar-se através de actos como a venda coactiva de postais e auto-colantes. Os ritos de iniciação acobertam frequentemente violências de ordem física ou psicológica, bem mais evidentes noutros estabelecimentos de ensino superior, e denunciados pela comunicação social.

O Conselho de Veteranos diz--se atento. Em 25 de Setembro publicou numa "Informatio" (decreto informativo), e pelas diversas faculdades, à medida que vão abrindo as aulas, surgem elementos fiscalizadores. O desejável seria que tais elementos se integrassem em grupos, ou orientassem momentos iniciáticos, o que não sucede devido ao facto de "o Conselho de Veteranos atravessar um periodo de transição", face ao esgotamento da "geração de 1979". Segundo o Dux, os estudantes exercem e divulgam mal a Praxe "devido à igno-rância". Além dos costumes mais usuais, constatou-se este ano uma proliferação de "recepções", em Psicologia, Economia e Farmácia, de traça similar ao fabricado em todas as universidades portuguesas, recheadas de canções, febras e misses caloiras. O fenómeno parece evidenciar a reivindicação de um praxismo autonomista, ao encontro daquilo que poderá vir a ser a imagem da Praxe, numa Universidade fragmentada em "polos". Pedro Cabral defende que tais manifestações poderão ser positivas "se realizadas com imaginação, porque hoje é necessário criar coisas novas, face ao comodismo".

Relativamente à Festa das Latas, devido à complexidadde da organização, bem como do aumento das verbas, acha o Dux que a DG é o orgão mais capaz no que toca à realização do evento, até porque "dele se têm alheado progressivamente os Quartanistas". Os estudantes "preferem gozar a festa" mas não arcar com as responsabilidades da sua organização. Mesmo assim, o

baptismos em fontenários e as mobilizações para trabalhos domésticos em casa dos veteranos, ou nas repúblicas, não invalidavam que o caloiro fosse passeado nas ruas da Baixa, montado num burro, com as vestes do avesso, ante à risada da futricagem. Durante todo o ano lectivo o novato estava vinculado às troças e podia ser apanhado pelas trupes, que rondavam a cidade durante a noite, caso não recolhesse ao curro imediatamente após o toque vespertino da Cabra. As trupes além de exortações morigeratórias, aplicavam palmatoadas e tonsuravam as crinas dos infractores. Havia também os graus ou tribunais onde os mais atrevidos eram julgados, numa sala escura, decorada com ataúde, caveira, tocheiros, ossadas, mocas de pau, penico, e juízes embuçados. As sanções aplicadas pelo tribunal variavam entre a tonsura crista de galo, santo

Só ao fim de um ano de provações a Sociedade Académica integrava os seus novatos, agora desbestializados, homens novos, após a morte ritual da Besta.

antoninho, cruz, geral, o desnudamento, o abandono em local ermo, o salto mortal, a sangria, o fuzilamento, a selagem com cera quente, as inscrições cabalísticas, o enforcamento, a depilação. Os supliciados, claro está, deviam elaborar testamento e escrever aos pais, anunciando-lhes o passamento.

Estudantes mais imaginosos organizavam caçadas à raposa, corridas intermináveis de cavalos, porta de armas junto às entradas das repúblicas, e provas de perícia como surripiar de um capoeiro tenros galináceos, ou entrar numa farmácia e pedir 20 gramas de pó de corno chamuscado. Nem todos os caloiros eram bazarôcos: alguns como o Mata-Carochas, coevo de Antero, faziam-se passar por mais velhos e exigiam pagamentos de chouriças e trouxas de ovos aos ingénuos caloiros, a troco de falsas promessas de imunidade. Outros sabiam que em determinadas circunstâncias podiam invocar protecção, se tocados pelos vapores benfazejos de Baco, se enfiassem o cocuruto debaixo do avental da servente, ou dessem o braço a uma gentil dama que invocasse o direito de proteger. Tocar divinamente um instrumento musical podia ser uma hipótese de fuga às investidas da tesoura e palmatória.

Com a chegada do comboio em 1863, transferiram-se as atenções para a estação velha, onde eram aguardados os caloiros, e depois de amarrados uns aos outros com cordas, chapéus e casacos virados do avesso, malas às costas, as suas e as dos veteranos em viagem, toca de marchar até aos meandros da Velha Alta. Os tormentos findavam em Maio com as emancipatórias Pegas de Rabo. Só ao fim de um ano de provações a Sociedade Académica integrava os seus novatos, agora desbestializados, homens novos, após a morte ritual da Besta.

A Epopeia de João Fernandes

Em 1746 vem a lume o Palito Métrico, poema heróico-cómico, escrito em latim macarrónico, onde o autor, António Duarte Ferrão, relata as desventuras de um triste caloiro arribado a Coimbra, saído da casa paterna, cheio de vontade de chegar a doutor. As troças de que foi alvo contribuíram para o chumbo com que os jesuítas do Real Colégio das Artes o brindaram nas provas de acesso. Sem dinheiro, lá regressou a casa, onde ficou a guardar cabras, de castigo.

Era uma vez uma fera besta, de sua graça João Fernandes, que por desejo paterno aspirou ao canudo de Minerva. Carrega-se o burrico, enche-se o farnel, mais uns cobres no bolso para a estadia, cartas de recomendação, e despedidas feitas, lá trota o nosso caloiro, desde as terras remotas da província, conduzido por astuto arrieiro. Os atalhos são perigosos, a jornada longa. A meio caminho toca de pernoitar numa estalagem, e reconfortados novato e macho, ei-los de novo a caminho da Lusa Atenas, por onde serpenteia o Mondego de águas claras. A certo passo, o arrieiro prepara-a, e das boas, está farto de marchar em autopata, enquanto o caloiro se espaira no lombo do jerico, que desça já, *Nos Quoque Gens Sumus Et Bene Cavalgare Sabemus*, sim porque um almocreve também é gente, que vá abrindo a garrafa do vinho, João Fernandes não gosta da cantilena do arrieiro, chove batatada, junto às margens de um ribeiro, e sabe-se lá como, o caloiro

A nova praxe é baril

Numa sociedade de desencanto, o reencantamento da Escola poderá ser um dos percursos possíveis, simbolizador do futuro, mediante a junção de fragmentos paradigmáticos do passado.

Há escassos 4, 5 anos, a Praxe em geral, e os ritos de iniciação de caloiros, em particular, diluíam-se profusamente numa teoria emergente de panpraxismo nacionalista, cultivado oportunamente aquém e além fronteiras. Politécnicos, públicas de parto recente, privadas, ávidas de doutorice à Zé Povo, cedo perceberam quão rentável seria vender uma imagem de ancestralidade, tomada de assalto à cultura tradicional, que a Academia de Coimbra entendera despejar no caixote do lixo. Para quê perder tempo, investindo em imagens regionais, quando o plágio à Universidade facultava um nascimento de barbas e cabeleira?

Até há cinco anos, a Academia de Coimbra com a sua gritante falta de imaginação, com as suas recepções à porteiro de hotel, com seus martelinhos tripeiros, com suas tichârtes, bibinhos e calção saloio, com seus balõezinhos piolhosos de bancada de estádio, com suas larilas declarações de amor ao Manel Polícia, com seus libidinosos abraços aos institutos politécnicos da urbe sidosa do sr. Manuel Machado, essa Sociedade Académica modernista e rétro, era tudo menos especificidade regional, espaço etnohistórico individualizado. Em todo este zarzuelismo coxo de elegância, uma nota dominante: a clamorosa ignorância do passado histórico, pestilência endémica que assolava os estudantes, do velho ao novo, do peixe miúdo à pescada graúda. Tourada de curiosos amadores, os ritos de iniciação dos caloiros atinham-se ao gaiteiro carnaval dos rostos pintalgados, e à venda dos autocolantes dos senhores semiputos, ao impingimento dos postais das senhoras semis, ao cantar o pacóvio atirei o pau ao gato, ao longo dos escassos quinze dias de tesão do mijo praxeiro-foleiro. Qual vela ao longe solta em mar de broncos, desde 88, ergueu-se a voz e a arte de bem praxar da Tertúlia Praxis Dixit, movimento sem paralelo na Academia de Coimbra, malevolentemente incompreendido, senão votado ao ostracismo, como todas aquelas coisas incómodas ao poder instituído.

O nosso estudantinho praxeiro desloca-se cinéfilo e anónimo, nas ruas esconsas da noite coimbrã, namorado, cigarrado, numa boa, derrubando tambores do lixo, num ritual de cobardia larilas. Vai à romaria das latas e ao coçanço dos grelos, como cão por vinha vindimada, sem saber quem é o santo a que sacrifica as flatulências de ocasião.

Uma caloira é sempre uma boa bifana, de preferência batida e salgadinha, com muito molho. O que interessa aos pavões dos doutores é mesmo empranchar a gaja. Um caloirinho muito bem engrachadinho é sempre um pitéu tragável pelas boas doutoras, a quem o gaguejar francês e o tocar berimbau, condenou a ficar para titias.

A DG da AAC desfaz-se em mesuras, distribui papelada, com timbre e coisa e tal, abre-se toda, ai os caloiros são os nossos futuros votantes, uma latadita ramelosa, um sarauzeco manco de culturite, oié, a coisa tá a dar, topas a cena, já a topei há boé times, por um voto és capaz de abrir o perril. Os betinhos do burgo, cabeleira de melenas à gel deslavado, capindó naftalinóide, ensaiam mais uma eleição da misse caloira pernocas boas, a bela mama, o redondo cú, o ancal celulítico, tá feito, por Medicina a Xuchinha, por Farmácia a chiquérrima Titizinha, por Economia a maravilhosa Pupuzita, por Psicologia a muitoine Tétépida, quem é o padrinho, ai o meu padrinho é o doutorzão Zé Peitaças, o Zé Peitaças anda com aquela misse podredaboa.

Os lindinhos do apartamento, crinal cocuruto galinha pedrês pescoço pelado, calcinha vermelha punquesmetal, camisa preta tédibói, sapato rocabilivanguarda, namoram-se ao espelho lisonjeiro, entra na onda do teu cabelo, a noite é jovem com empranchа, meu butelá, ainda vou apanhar a garina, tás a ver a Joanenha, não é a Joaninha, é a Joanenha, assim com esta voz deamélia dearquitecturaepsicologia, a malta encontra-se na Pia, no convívio dos Piçómetros, aquela merda é só caloirasfixes. Ele há o edecétra, a secotche, a estaites, a sétima-dimensão, o milenovedez, a broduei, o corneto, o calipo e o olá, parvónios fresquinhos, é pró doutor e é prá doutora, já não dá três, nem duas, mas apenas uma, e é com preservativo pêésse, se não quiser apanhar a Laura Aires ou o vírus de Boliqueime. A Pia tá uma curte, concurso do melhor chapéu, desfile da minisaia, o setripetise, vem gozar a noite ao ritmo do répe do gueto pula ó men. Por causa de uma verruga no mamilo direito, a Catucha ainda não tinha arranjado boi da junta, ainda bem que foi abanar o capacete à cavedasquímicas, ó pá, dançou toda a noite com um supercaloirão das Caldas, ele encantado com a verruga, ela fascinada pelas Caldas, juntou-se a fome com a vontade de comer. Eu tirei montes de fotografias com o fato, o fatodemacaco, não brutinho, o fato académico, agora a gente não diz capaebatina, ai a recepção põe-me louco, desde pequenito que sonhava ser porteiro, como a DG, que chama Festa das Latas à coisa e continua com o programa copiado do Porto. Eu nem gosto dessa merdice da Praxe, mas para empranchar, pá, um gajo faz o sacrifício de vestir o fatodemacaco, a coisa é barilboénaice.

ANTÓNIO NUNES

Dux recorda que "em 1983 ocorreu um pequeno litígio entre Quartanistas e DG, tendo os estudantes de Medicina organizado a sua Latada à parte". Todavia, fazer as latadas em sete dias diferentes "além do esforço humano e económico, seria a paralização caótica da cidade". O Conselho diz-se consciente das festas (recepções) feitas a nivel geral do país, e defende a necessidade de individualizar o espaço universitário coimbrão. Quanto à Imposição de Insígnias, a mensagem é clara: "o nabo não se rouba, compra-se com dignidade". "Há que fazer coisas novas, nós tradicionalmente fomos pioneiros, com esta festa andamos a reboque dos outros".

O que não pode manter-se por mais tempo "é a mistura da Festa das Latas com a Tomada da Bastilha", isto "é já uma luta velha, a Tomada da Bastilha tem mais a ver com a DG, infelizmente está pouco dignificada. Antes tinha um sarau, uma serenata, o cortejo dos archotes e os magustos, agora tem vindo a decair".

O problema de invasão da festa universitária pelos politécnicos preocupa igualmente o Conselho de Veteranos. "Aqui teremos que destacar os estudantes da Escola Superior Agrária (ESA), que já fizeram a sua integração do caloiro, segundo os seus costumes". Tem havido conversações com os restantes institutos, eles esboçaram desejos de criar um Conselho de Anciãos para estabelecer as suas praxes. Quanto ao uso da Capa e Batina "isso é aceitável", agora a "Pasta Académica e as Insígnias são simbolos exclusivos dos universitários, mas a resolução destas questões passará muito pela boa vontade deles".

ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA:

RECEPÇÃO AO CALOIRO — 1991

Na Escola Superior Agrária de Coimbra formou-se uma Comissão de Praxe constituída por elementos de cada curso, com vista a reconstituir e adaptar o mais possível o Código das Praxes dos antigos Regentes Agrícolas, buscando incutir nos mais novos "o espírito agrário", e promover o actual trajo da escola.

As praxes aos caloiros iniciaram-se aquando do acto de matrícula (essencialmente pinturas faciais), prosseguindo nas duas semanas posteriores de aulas, com tarefas ditadas "em cada Ordem do Dia", com as habituais refeições sem talheres, ou com estes assaz reduzidos, além de terem de obedecer aos caprichos dos praxadores.

O grande dia da Recepção aos Caloiros foi sem dúvida a "Quarta-Feira da Real Praxe". Esta teve início às nove e meia da matina, e após terem privado os caloiros de um dos sapatos, organizaram-se percursos de marcha ao longo da Escola. Seguiram-se "aulas de canto coral" e ósculo a um cão (aperto de pata aos maiores de 18 anos). Ao meio dia foram recebidos no Auditório pelo Presidente da Comissão Instaladora (Prof. Fernando Páscoa, acolitado por dois outros membros), Presidente da Associação de Estudantes, Comissão do Traje e Comissão de Recepção ao Caloiro.

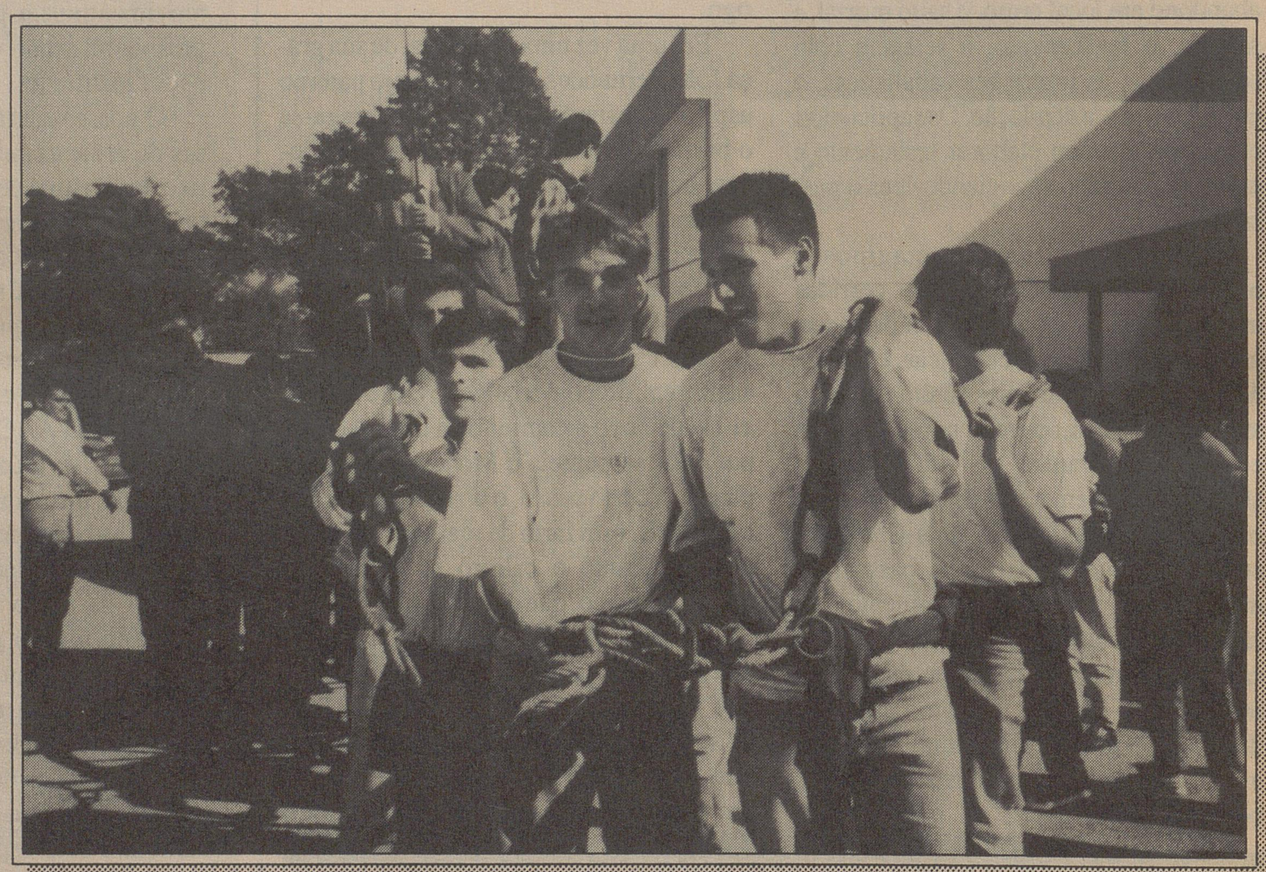
Logo após o almoço tiveram lugar "os sacrifícios da tarde", que constaram de um passeio e charrete, puxada por alguns dos melhores exemplares de caloiros, ao som do Hino da ESAC e Hino do Caloiro.

Já próximo da Casa do Bispo, junto à piscina, instalou-se o pânico após o anúncio de uma banhoca simulada (não é que não precisassem). A tarde continuou com as orações ao nosso padroeiro "Sto. Isidro", regadas pela distribuição do nunca por demais apreciado "mijo do Baltazar" (aguardente vinícola), tendo o caloiro como opção uma dose de pinturas faciais à base de graxa.

Em "pilinha pirilau" foram conduzidos ao Picadeiro onde os aguardavam umas "pequenas brincadeiras". A finalizar o dia o já esperado Baptismo, precedido da escolha dos respectivos padrinhos.

O "líquido baptismal" era uma mistela de bosta de vaca e cavalo, leite em pó, água estagnada, três ovos, ração de vaca e palha.

Para os mais afoitos houve banho facultativo no lago da Escola. A Recepção encerrou com o jantar tradicional, onde foram eleitos "o caloiro e a caloira do Ano", seguindo-se o Baile do Caloiro.



O número da besta (cont.)

consegue fugir pelos caminhos que vão por Conimbrigae. Horas mais tarde, o caloiro faz-se à Ponte de Santa Clara, olha deve ser a Portagem, hi, tanta gente vestida de negro, alto aí seu caloiro, bradam os magotes de veteranos, eu não vejo caloiro nenhum, ora sua besta deixe-se de cantigas, topa-se logo pelo cheiro, e também com esses chavelhões espetados no meio do cachaço queria o quê? Que trate de desmontar e abrir o farnel, não e não, teima João Fernandes, pobre desgraçado, começa a investida feroz, sopapos, albarda e freio, pinotes, relincho.

Há festa rija. Da Portagem faz o giro das tabernas, onde vai pagando sentenças de petiscos e copázios de excelso Baco, sem poder chispar migalha, o bico fechado senão apanhas mais. À noite fica ao serviço dos veteranos, descalça-lhes e engraxa-lhes as botas, e vê-se coagido a dormir no tabuado, esfalfado e morto de fome. No dia seguinte, mal espreita a manhã, compra o trajo académico e presta exames de aferição no Colégio das Artes, donde sai miseravelmente perseguido pelas raposas. Chumbado e sem dinheiro, lá regressa a casa, tão triste quase a chorar, o pai faz-lhe uma festança, então filho já és doutor, ó pai eu sou um grande doutor. Mas nada do que se faz à face da terra escapa aos olhos do divino Baco. O zeloso deus envia um emissário ao pai de João Fernandes, homem o teu filho não deu conta da sebenta. Furibundo, o nosso homem agarra na corda e toca a encher João Fernandes de pancadaria de criar bicho. Quando o pobre coitado pôde largar os banhos de vinagre, foi para o monte apascentar o rebanho das cabras.

Caricaturização dos costumes académicos vigentes nos séculos XVII e XVIII, a epopeia de João Fernandes não apenas cristalizou um mito burlesco, como doou à posteridade uma deliciosa crónica de costumes, a qual teve o condão de fixar o perfil transistórico do caloiro da Universidade de Coimbra.

A EVOLUÇÃO DA PRAXE AGRÁRIA

Durante séculos fizeram escola em Coimbra os estudantes universitários. Os SACAS de CARVÃO, com os seus costumes próprios. No século XVIII apareceram os seminaristas ou FORMIGÕES. E em 1888 foi a vez dos regentes agrícolas ou CHARRUAS. Um mesmo espaço onde se cruzavam diferentes atitudes.

A Escola Superior Agrária de Coimbra conta mais de cem anos de existência, ricos de um passado muito peculiar, que indicia uma vivência e uma forma de estar individualizada, relativamente ao universo estudantil coimbrão. Desde o início, tal diferença seria alimentada pelos regimes jurídicos sancionatórios decorrentes do ethos académico: "para cá de metade da Ponte de Santa Clara, a jurisdição cai na alçada dos Charruas; aquém da Ponte mandam os universitários." Uma separação não apenas geográfica, antes de costumes, vivências e atitudes polimórficas.

Os estudantes envergavam duas fardas — a de trabalho (uso obrigatório durante as aulas), e a de Gala (só para ocasiões especiais). O trajo era completado por uma pasta de ganga, onde os finalistas colocavam oito fitas verdes e brancas (que deviam ser recolhidas ao meio da Ponte de Santa Clara). Os alunos viviam em regime de internato, o que proporcionava o espírito de grupo e a consolidação das tradições praxísticas. O corpo central das praxes estava consignado no Livro das Praxes, o qual estabelecia a hierarquia interna dos estudantes: Bicho (1º ano); Semi-Puto (2º ano); Híbrido (3º ano); Veterano (desde o segundo período do 3º ano). Cada Veterano finalista tinha direito a um ou dois secretários (Bichos), que mobilizava para arrumar o quarto, engraxar as botas, passar apontamentos, ou desempenhar tarefas de que fosse incumbido. O Bicho só estava autorizado a sair do internato, se munido de um "livre trânsito", autenticado com o selo branco da Escola, a assinatura legível do Veterano mobilizador e a descrição da tarefa a desempenhar.

Existia um Conselho de Veteranos, presidido por um chefe, a quem cabia abrir o ano praxístico. No final do ano lectivo realizavam-se as Festas da Escola, em honra dos finalistas. Delas faziam parte provas desportivas inter-escolas, provas de perícia, torneio de tiro aos pratos, provas hípicas, saraus culturais, banquete, chá-dançante, e o famoso Baile de Gala.

Para garantir o exercício da praxe e a reintegração dos infractores havia trupes de policiamento, que podiam aplicar colheradas e rapanços, quer nos Bichos, quer nos Híbridos, acaso fossem apanhados fora do internato após o toque de recolher.

Para gáudio dos Veteranos, os Bichos estavam vinculados, entre outras praxes, a fazer as camas com régua e esquadro; a serem bichos-rádio, cantando música a gosto, com a cabeça enfiada na mesinha de cabeceira, e tendo de sintonizar outras estações consoante uma certa picadela no respectivo; a servirem de cão de caça; a medirem o instituto com palitos, etc.. O castigo mais usado com o refractários era a "chulipa", ou pontapé no traseiro. Ao Conselho de Veteranos cabia a fiscalização das normas e a presidência dos julgamentos. Certos exageros (como o facto de o julgado ter de ficar totalmente incomunicável em relação a toda a Escola) motivaram queixas, algumas delas tendo chegado ao Ministério. Numa fase mais tardia, o regime de semi-internato propiciou a eclosão de repúblicas, na margem sul do Mondego, como a Calma—I.H.—Ramos e a Canjavitae, em S. Martinho e Santa Clara. Com o tempo as praxes mais violentas foram abolidas, e a passagem da Escola de Regentes Agrícolas a Escola Superior Agrária ditou o fim das praxes.

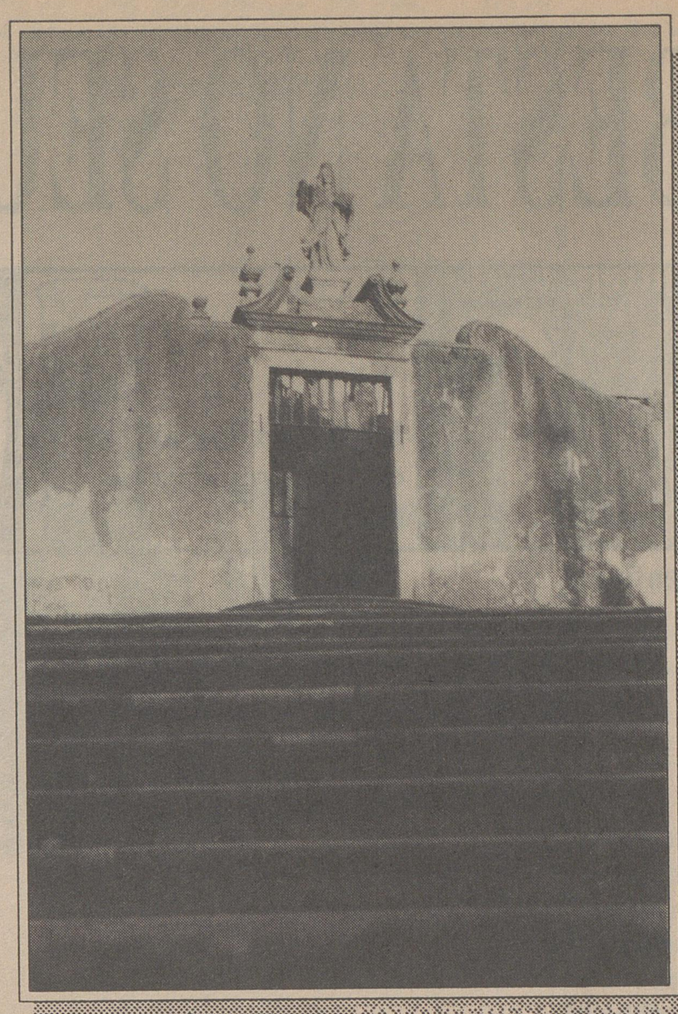
Depois de um período de colagem às praxes universitárias, os estudantes da ESAC constituíram-se em comissões de estudo, recolha e readaptação dos antigos costumes académicos. Um dos momentos mais significativos desta nova fase consistiu na adopção de um trajo inspirado na antiga farda dos Regentes Agrícolas.

Maria João Gonçalves

ROTEIRO HISTÓRICO-MONUMENTAL

O **Largo da Portagem** é por excelência a área de entrada de Coimbra. Ali se situam o **Banco de Portugal** e o **Hotel Astória**, trabalhos do arquitecto Adães Bermudes, o mesmo que na primeira década do nosso século desenhou o edifício da **Escola Central de Santa Cruz** na Av. Sá da Bandeira, junto da Manutenção Militar. Mas o que sem dúvida mais chama a atenção é a estátua de Joaquim António de Aguiar, conimbricense emérito que foi Ministro do Reino e da Justiça e que em 28 de Maio de 1834 referendou o decreto que extinguiu as ordens religiosas masculinas. Por esta razão a estátua é também conhecida pelo nome de **Matafrades**. Se descermos a pequena escadaria que conduz à Rua dos Gatos e uma vez ultrapassada esta, atingimos a **Praça do Comércio**, denominação que em 1874 foi atribuída à então Praça Velha, durante séculos um dos locais de Coimbra com maior animação. Esta praça era também conhecida por Praça de S. Bartolomeu devido à igreja que aí existe e cujas origens remontam ao séc. X, sendo então da invocação de S. Cristóvão. A **igreja de S. Bartolomeu**, tal como hoje se apresenta, é fruto da remodelação efectuada em meados do séc. XVIII. No outro extremo da praça encontra-se a **igreja de S. Tiago**, exemplar dos finais do séc. XII mas que ao longo dos séculos sofreu um processo de descaracterização do qual ainda não recuperou totalmente, pese embora um restauro efectuado já neste século. Chegados à Rua Visconde da Luz, anteriormente a Rua de Coruche, menos ampla, entra-se na antiga Praça de Sansão, hoje Praça 8 de Maio. Aí encontramos o **Mosteiro de Santa Cruz**, cuja origem remonta à primeira metade do séc. XII, e a **antiga igreja de S. João de Santa Cruz**, actualmente um café—restaurante. A fachada da igreja do mosteiro é dos inícios de Quinhentos. O portal foi traçado por Diogo de Castilho e os trabalhos de escultura são de Nicolau Chanterene, excepção feita às três esculturas que encimam a porta de entrada e que foram realizadas por João de Ruão. O arco que antecede toda esta cenografia é trabalho já dos princípios do séc. XIX. O interior do templo guarda os túmulos de D. Afonso Henriques e D. Sancho I, obras primas da arte nacional, e muito particularmente o magnífico púlpito da autoria de Nicolau Chanterene, por este realizado em finais do 1º quartel do séc. XVI. A **Rua da Sofia**, aberta também neste século, vem no seguimento da Praça 8 de Maio e nela se exibem as fachadas de vários **Colégios quinhentistas**, uma parte do **Convento de S. Domingos** e a setecentista **igreja de Santa Justa**. Na Rua Olímpio Nicolau Fernandes encontra-se uma das mais interessantes construções de Coimbra, a **Fonte do Claustro da Manga**, estrutura traçada por João de Ruão e hoje desenquadrada do primitivo tecido arquitectónico envolvente. Em frente, a chamada **Fonte Nova**, barroca, edificada nos inícios do séc. XVIII. Bem mais acima, junto da Associação Académica, fica o **Edifício das Caldeiras**, imóvel construído no princípio dos anos 40 e que veio substituir a sala que no velho Hospital da Universidade abrigava as caldeiras necessárias ao seu bom funcionamento, perigosas por se situarem por debaixo de uma grande enfermaria. Subindo a Rua Padre António Vieira — assim chamada em honra do conhecido orador jesuíta por se julgar que por esta zona, anteriormente uma mata, havia Vieira deambulado — e passando para a Couraça dos Apóstolos, encontramos à direita a **igreja de S. João de Almedina** e o **antigo Paço Episcopal**, onde hoje está instalado o Museu Machado de Castro. À esquerda, a **Sé Nova**, outrora pertença da Companhia de Jesus e que integrou o extinto Colégio das Onze Mil Virgens. Perto deste templo, no Largo Marquês de Pombal, estão dois edifícios de feição clássica, ambos projectados por Guilherme Elsden e cuja construção decorreu em finais do séc. XVIII, integrada na reforma pombalina da Universidade. Tratam-se do **Museu de História Natural**, que ostenta no tímpano um trabalho escultórico de Joaquim Machado de Castro, e do **Laboratório Químico**, onde durante as invasões francesas o lente Tomé Sobral fabricou pólvora destinada ao batalhão académico. Este último edifício chegou a ser considerado pelo Barão Von Eschwege, braço direito de D. Fernando na edificação do Palácio da Pena, como o "mais moderno da Europa". Da velha alta, infelizmente, perdeu-se muito daquilo que durante bastantes anos povoou o imaginário estudantil, destruído aquando da construção da Cidade Universitária. Passado o **Pátio da Universidade**, pleno de significado histórico e artístico, descemos pelas **Escadas de Minerva** e atingimos o **Colégio de Santo António da Pedreira**, primeiro, e o **Colégio de Santa Rita** — actual Secretaria Geral —, depois. Continuando a descida encontramos a **Sé Velha**, uma das mais importantes construções românicas portuguesas. Construída na segunda metade do séc. XII, incorpora um claustro gótico — a segunda estrutura erigida em estilo gótico no território nacional, logo depois da igreja abacial de Alcobaça — e a maravilhosa Porta Especiosa, trabalho de João de Ruão realizado nos anos 30 do séc. XVI. Metendo pela Rua dos Coutinhos e continuando a descer, chegamos à **Torre de Anto**, antiga torre defensiva que fazia parte da muralha medieval, famosa por nela ter residido no século passado o poeta António Nobre, quando estudante de Direito. Perto fica a entrada principal do **Colégio de Santo Agostinho**, actualmente ocupado pela Faculdade de Psicologia. Um pouco mais abaixo situa-se a **Casa de Sub—Ripas**, imóvel quinhentista felizmente recuperado, aí funcionando o Instituto de Arqueologia. Passado o Quebra - Costas, chega-se ao **Arco de Almedina**, antiga porta da muralha que envolvia a urbe. E eis-nos chegados novamente ao Largo da Portagem, lugar onde iniciámos este roteiro. Este pode multiplicar-se e considerar outras paragens, como sejam as que consideram o património industrial, sempre tão pouco conhecido, ou a arte paisagística, que enformou obras como o Jardim Botânico, o Parque de Santa Cruz e o Penedo da Saudade. O importante é não nos cingirmos aos estereotipos, antes mantendo a nossa capacidade de, numa cidade repleta de importantes pontos culturais de referência, olharmos também para além deles e deixarmo-nos tocar pelo que mais nos agradar. Ou seja, mantermos o nosso coração de criança.

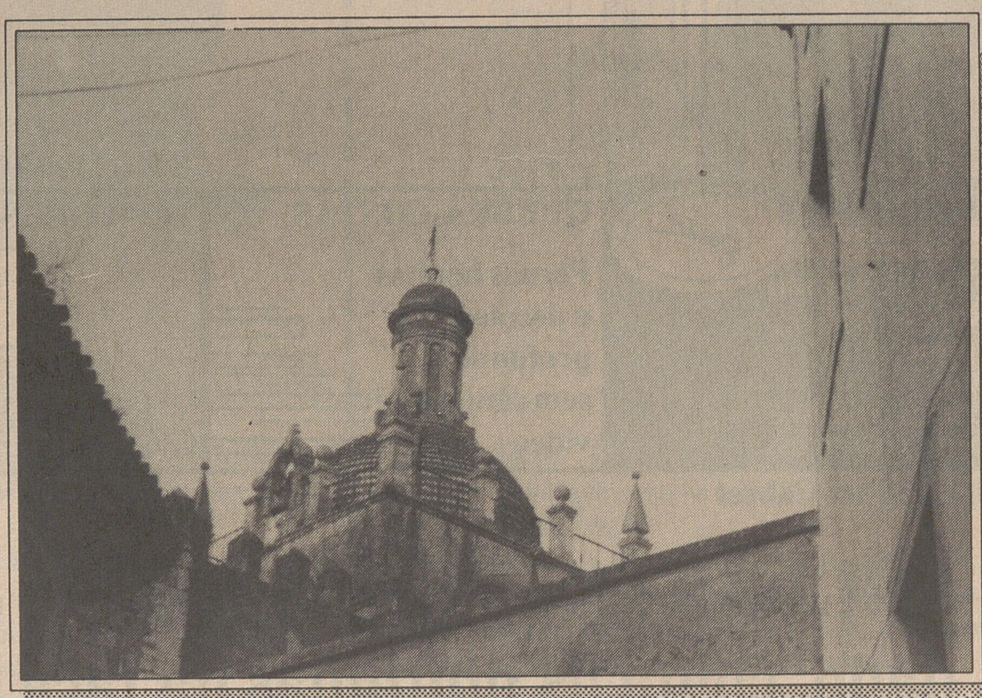
João Garção



Escadas de minerva — FOTO TERESA GOMES

Os Museus e Bibliotecas são lugares privilegiados de fruição e enriquecimento cultural. Aqui ficam algumas indicações a esse respeito:

— Museu Nacional de Machado de Castro: Aqui se encontram importantes colecções de pintura, tecidos, estatutária, porcelanas e faianças e ourivesaria, sem esquecer, sob as instalações do Museu, o criptopórtico romano. Encerra às segundas e feriados.
— Museu Nacional da Ciência e da Técnica: Fica situado na Rua dos Coutinhos, perto da Sé Velha. Encerra durante o fim-de-semanae nos feriados.
— Museu Militar: Em Santa Clara, na Ala Norte do Convento. Aberto todos os dias.
— Museu do Laboratório Antropológico: Situado no Bairro Sousa Pinto. Aberto todos os dias úteis.
— Museu dos Transportes Urbanos: Na Rua da Alegria, aberto também de segunda a sexta.
— Museu de Arte SAcra e Biblioteca Joanina: Ambos no Páteo da Universidade. De segunda a sexta.
— Museu Mineralógico e Geológico: Situado no Largo Marquês de Pombal, perto da Sé Nova.
—Casa Museu Bissaya Barreto: Junto dos Arcos do Jardim. Pode ser visitada de terça a domingo. Encerra nos feriados
— Biblioteca Municipal: NA Rua Olímpio Nicolau Fernandes, frente à PSP. Possui centenas de milhar de obras.
— Hemeroteca Municipal: Junto ao Mercado D. Pedro V, é uma secção da Biblioteca Municipal que permite a consulta de publicações periódicas.
— Secção para Deficientes Visuais: Situa-se na Rua Ferreira Borges, no 3º Piso do Edifício Chiado. Obras gravadas e livros em Braille.
— Biblioteca Geral da U.C.: Pode ser utilizada em regime de horário contínuo (das 9 às 23h).
— Arquivo Histórico Municipal: Funciona na Torre de Almedina e possui documentos desde o século XIII. Aqui está guardada a conhecida Lei das Sesmarias.
— Arquivo da U. C.



Sé velha — FOTO TERESA GOMES

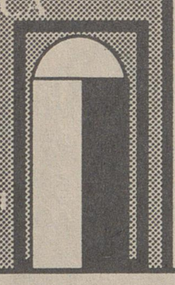
Jogo: A BESTA NO SEU LABIRINTO

ESTAÇÃO VELHA



Chegaste
lança o dado

FILANTRÓPICA



Estás duas
horas na bicha
Duas vezes sem
jogar

PRATAS



Estás a recuperar
da Filantrópica a
traçados



AULA FANTASMA

Animal que és não
topas nada
Deixas que todos te
passem á frente

MANDARIM

Como todos os caloiros
vieste cá parar



CASA

A tua senhoria velha e
zarolha pediu-te os



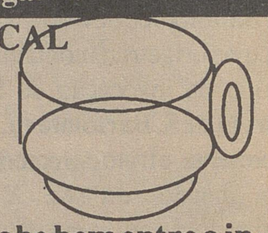
25.000 da renda
Asno, pagaste
1 vez sem jogar

CANTINA



Depois de uma hora
à espera apanhaste
a tua primeira in-
toxicação alimentar
Duas vezes sem
jogar

TROPICAL



A bica sabe bem entre a in-
telectualidade de esquerda

VALE POSTAL



A tua mamã
lembrou-se de ti
Avança 3 casas

QUIM DOS OSSOS



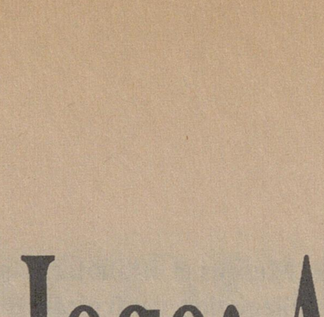
Comeste e bebeste que nem
um abade

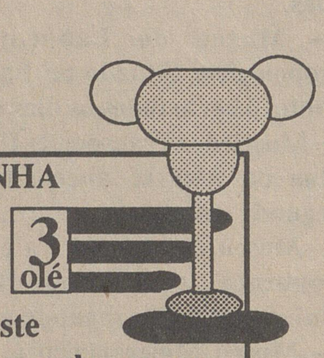
MONDEGO



De tão bêbado lá caíste
Volta à ESTAÇÃO
VELHA

MADRINHA

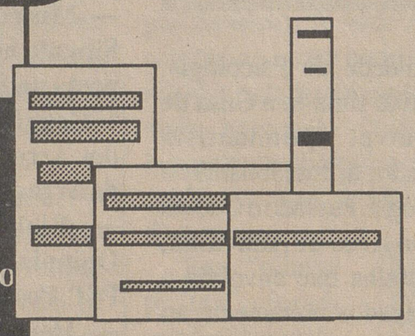




3
olé

Conseguiste
És um jovem de sucexo
Os três já eram

HOSPITAL



Acalorado ou alcoolizado
depois de 3 horas
o teu jogo terminou

WC AUTOMATICO



As sebes estão ocupadas
A Máquina encravada
Vai até ao Dom Dinis
(último WC aberto)

SCOTCH



Chegaste até aqui
És um herói
Extravasa

RUA DIREITA

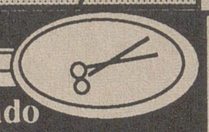


arranjas-te uma
velha desdentada
Com calores vai
para o HOSPITAL

Joker: Vilhena

Joker: Paulão

TRUPE

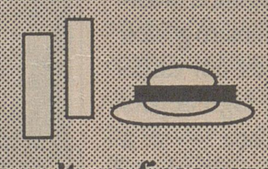


Foste agarrado
Rapadinho
conseguiste
fugir
Lança o dado e
anda para trás

QUEBRA-COSTAS

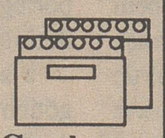
Pernas bonitas
e decotes
profundos,
sem câmara de
video

DOM DINIS



De tanta cultura ficas uma
vez sem jogar

RÉPUBLICA



Já lá vão duas Grades
Ainda vais dormir
no caixão

BAR / AAC



És caloiro mas não és
parvo de todo
Deves voltar mais
vezes
Avança duas casas

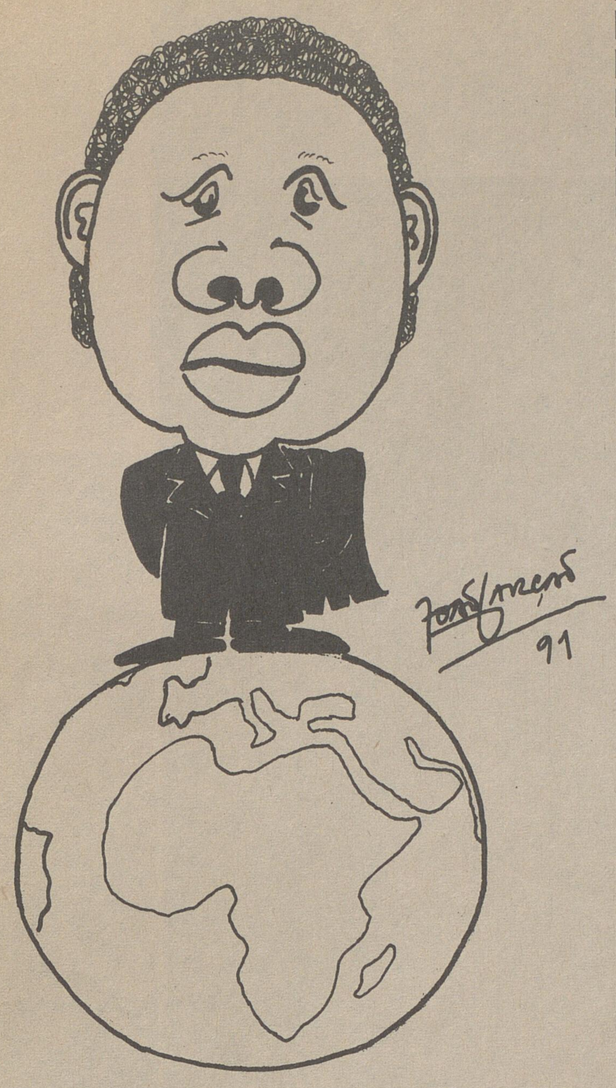
Joker: Dux Cabral

Joker: Beto Guerra

REGRAS : Escolhe um JOKER que será o teu padrinho e lança o dado, conta as pintinhas da face superior e trota pelas casas fora.

JOKER´S

BENTO MIGUEL MONTEIRO



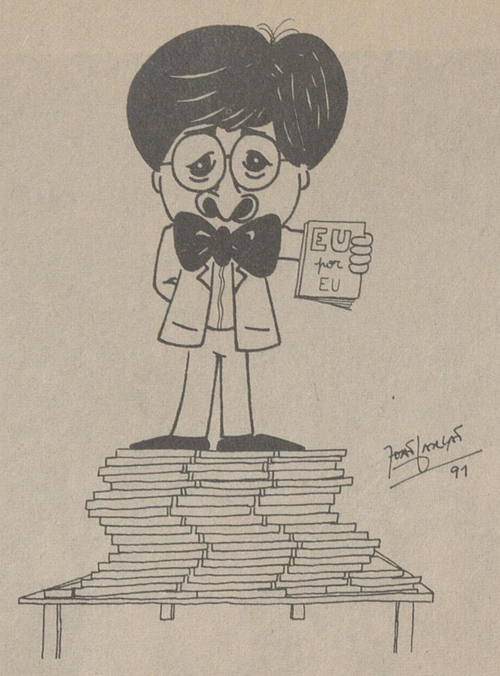
O Bentinho, alter ego de Eddie Murphy, o charme personificado em metro e meio, passeia África pela Associação. Pisca olho aqui, beija mão ali, mas... por favor não toquem no meu carro!
A propósito, já viram o filme do São Teotónio?

JOAQUIM REIS



O Quim das carnes, um homem de peso na Academia, noventa e tantos quilos de fado! Cornos ao alto, qual bandeira destemida, na Estudantina que passa vai o Rei da Academia.
Da barbicha mefistofélica saem farpas eriçadas, nos intervalos da rádio lançadas.
Bar AAC, a sua Meca, a sua mesa, a sua gente. Quem é rei, rei é, mas D. Quixote por D. Quixote, moínhos há muitos, votos nem tantos, meu palerma.
'Reis-o-partam' c´u pessoal até curte o gajo.

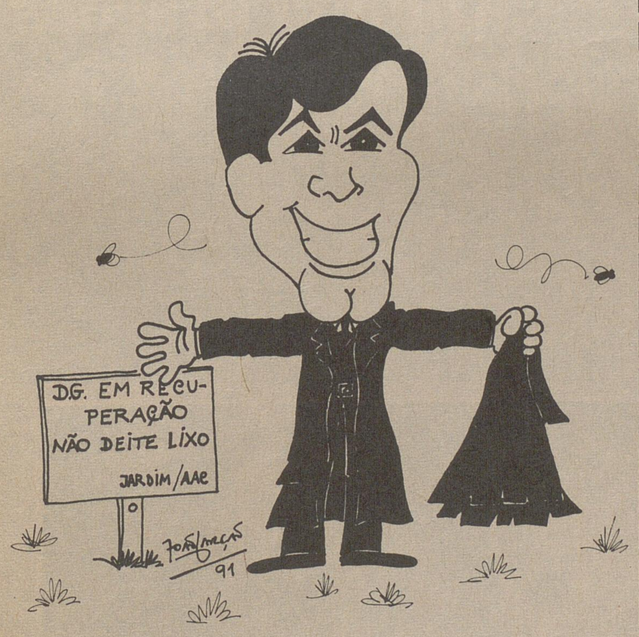
ANTÓNIO VILHENA



À vontade de bem querer, alentejano já sou(1).
Desenvolvido nasci, com laço industrial (2).
Gel carregado de sal,
para temperar meus amores (3),
cansados de mal comer(4).
Natália foi meu fado (5),
Na balança me sentei,
A queda foi tão grande (6),
Ai, novo partido formarei (7).

(1) "Ser alentejano é fazer amor com a terra."
(2) O laço é meu design
(3) Aiiiii.....
(4) Segundo fontes seguras
(5) Amor fetal
(6) 0.7%
(7) Obrigatória inscrição em verso

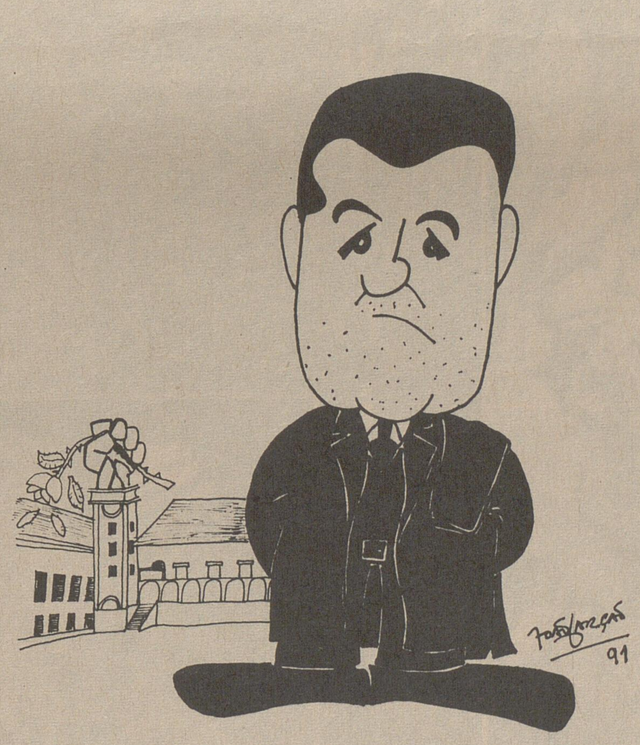
FERNANDO ALBERTO (BETO) DEOMÉTRIO GUERRA



Balança mas não cai.
Nasceu com "n" portugueses na Alfredo da Costa. Tez morena, boca pequena e olhar trocista. Mil, oitocentos e tal milimetros; noventa mil e qualquer coisa gramas.
Amante do convivio com os amigos, sai à rua de mão dada com os estudantes. Quando as coisas se proporcionam canta um fadinho ou qualquer "musicol" oriundo de um Quim Barreiros ou Dino Meira.
Sócio fundador da Liga dos Amigos do Jardim/AAC.
Viva o nosso Presidente!
E venha o gato!!!

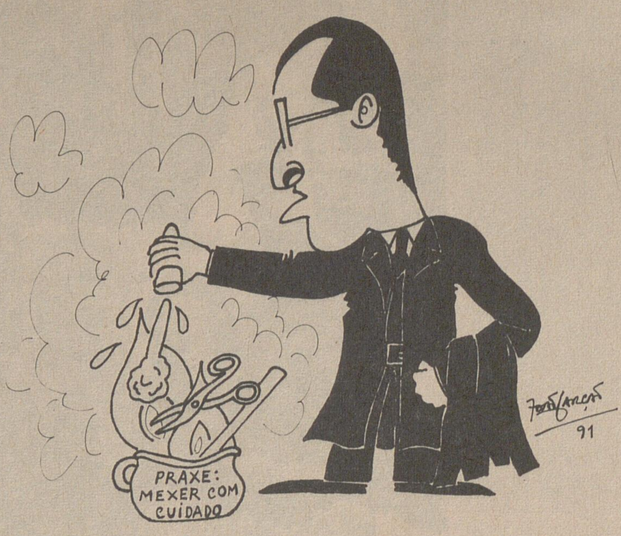
(Para um estudo mais aprofundado vide Movimento Pró Academia, Nº6, 26-02-91, Ano II)

PAULO JOSÉ CUNHA MARTINS vulgo PAULÃO



Refugiado num conspícuo Centro Cultural, o homem do cavaquinho remói passadas guerras.
De cerveja em cerveja vão aumentando uns quilinhos peitorais que, com o devir dos tempos, descaíram ligeiramente.
Quanto à bamba não se lembra, é coisa que ignora, o Scotch é que ele adora. Mas porque a noite tem sombras que a própria noite desconhece, "há machados que cortam a raíz do pensamento".
Ai DG, quão longe estás.

PEDRO CABRAL DUX VETERANORUM O MAU DAS FITAS



O nosso "duche" é o mau das fitas. Duxaramix do burgo. Por mais que revolva o caldeirão não há meio de acertar com a poção.
Bom rapaz, pai de todos, verdadeiro académico, o Pedrito é fan das borgas mestras. Entre FRA´s trôpegos, cabelos laterais ao vento, o Pedrito reclama a ternura dos quarenta aos olhos do Magalhães.
Entre pipas e fitas, prefiro as bem cheias.

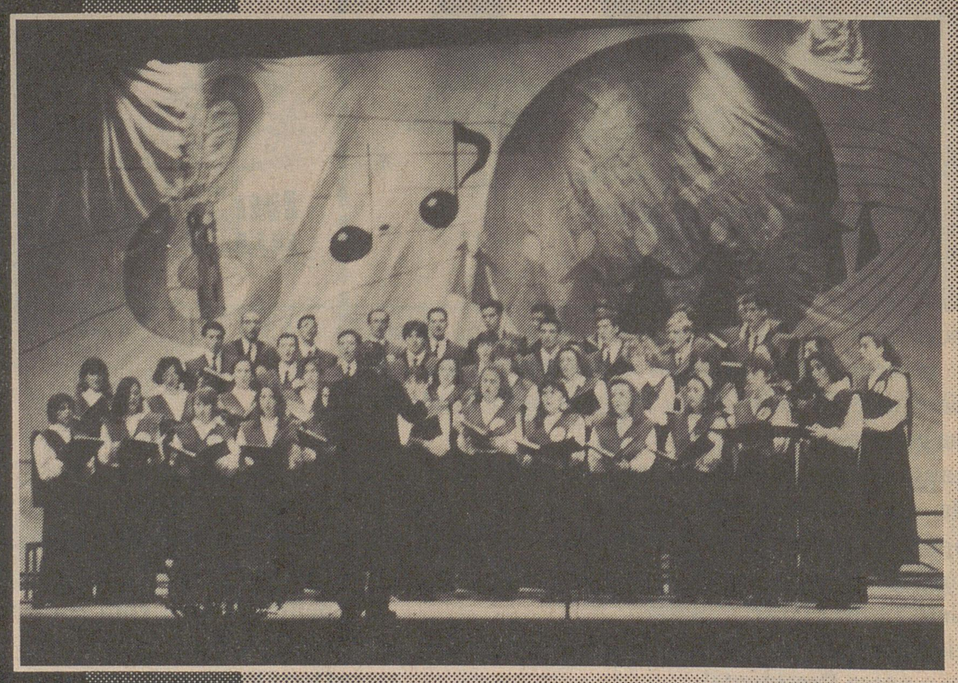




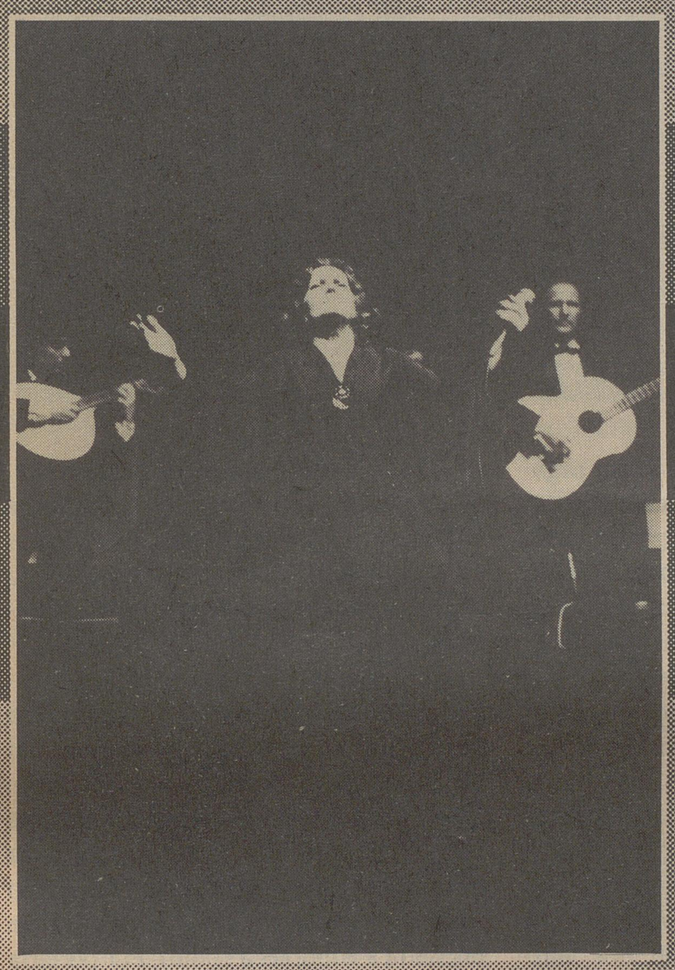
QUASE PORTFOLIO

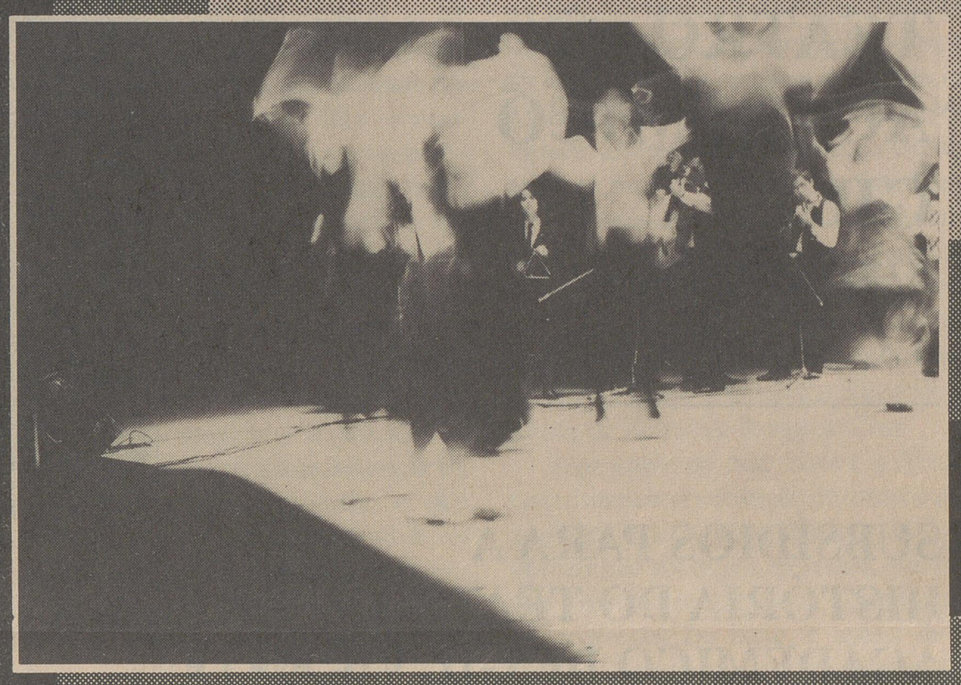
António Bracons











As bocas, os assobios, os aplausos forçados a princípio, mas que acabam por sair sentidos, o diálogo de "sons" entre publico e palco.

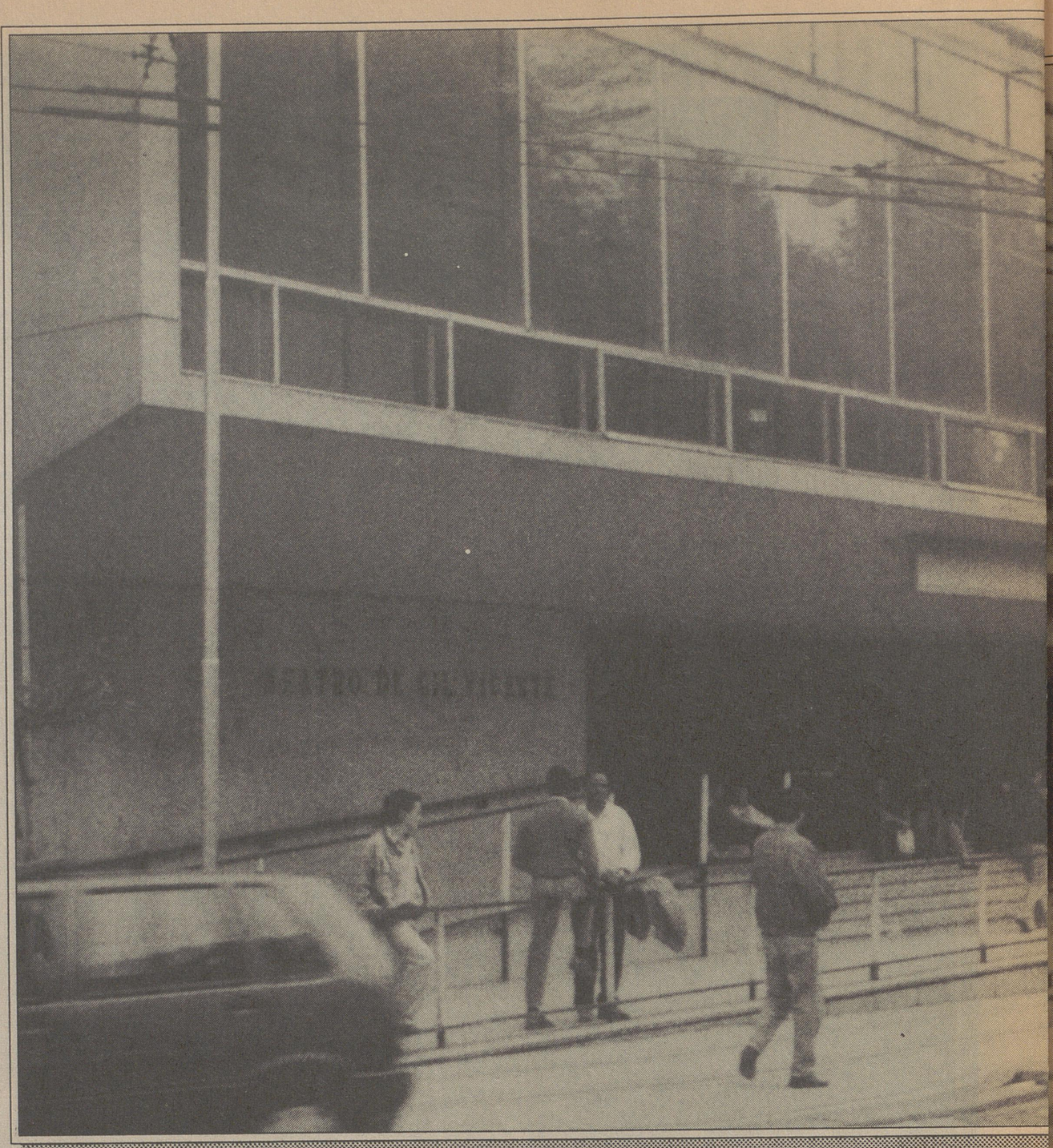


30

A N O S

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE

12



SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

António piedade

Fujo à fragilidade da memória que não resiste ao esquecimento e sacudo o pó dos documentos submersos no tempo em que o modo de viver era também o de contestar e agir. Ensinar-me a mim e a vós, sem as pretensões académicas de uma Universidade tanto definitiva quanto umbilical, não é tarefa fácil, dificultada que foi por, sobre este assunto, nada ainda ter alguém escrito. Rompo assim o silêncio da escrita e dou forma ao que disperso se encontra, e ao que oralmente se conta. Incorro assim, humildemente, no risco de contar, para que a memória do Teatro Académico de Gil Vicente não se confunda com a do esquecimento.

O Teatro como origem da Associação Académica

Data de 16 de Outubro de 1546 um Alvará do rei D. João III a determinar que "o lente de gramática, de mais alta regra que há no colégio de São Jerónimo seja obrigado a fazer e a representar, em cada ano, uma comédia nas escolas e nos lugares que pelo Reitor lhe fosse ordenado." Este Alvará terá então regulamentado a ocorrência normal de manifestações dramáticas da Universidade e dos estudantes, das quais há conhecimento.ocorrerem mesmo anteriormente à visita do monarca em 1538, quando terá ocorrido um espectáculo solene para festejar o acontecimento. Desses tempos conhece-se também a inclusão de récitas e da composição de obras dramáticas nos métodos pedagógicos e da apetência das manifestações dos estudantes recaírem sobre representações teatrais. As notícias sobre este género de actividades organizadas por Lentes e estudantes, decorrentes do citado Alvará Régio, ocorrem abundantemente até 1759, ano da expulsão dos Padres Jesuítas da Universidade, não existindo informação de mais iniciativas similares após esta data.

Em 1786, pela primeira vez um grupo de estudantes beneditinos levantou um teatro no seu Colégio de S. Bento para interpretar Moliére, podendo também considerar-se esta organização como a primeira vez que um grupo de estudantes se associaram por sua livre iniciativa em torno de uma vontade comum. Por outro lado, outras fontes afirmam com segurança "ter sido o "teatro" montado por alguns académicos numa casa da rua da Sofia, em 1801, o primeiro conjunto dramático de estudantes organizado fora da autoridade académica", apesar de o vice-reitor o ter mandado "desmanchar" dado nele se terem feito críticas à vida Universitária. De novo, no ano lectivo de 1813/14, associam-se 40 estudantes e fundam o "Teatro do Museu" no rés-do-chão do Colégio das Artes (mais tarde edifício dos antigos Hospitais da Universidade), o qual foi proibido por causa das "tendências liberais do seu reportório".

É então em 1836 que um "novo Teatro do Museu" surge por iniciativa de alguns estudantes utilizando os baixos do Colégio das Artes como sede. Teve lugar neste segundo Teatro do Museu, a 4 de Abril de 1836, uma representação da tragédia de Catão de Almeida Garret para comemorar o aniversário da Rainha D. Maria II.

Em 1837, em assembleias gerais de 15, 19 e 22 de Abril, foi constituída a Academia Dramática, com o fim de dirigir e orientar os trabalhos do Teatro do Museu, sendo nesse mesmo ano publicados os seus estatutos.

Este segundo Teatro do Museu é encerrado no inverno de 1837-1838 devido a graves incidentes ocorridos durante um espectáculo de uma companhia espanhola. Pouco tempo após o encerramento, alguns estudantes resolvem fundar uma nova associação, agora no colégio de São Paulo (edifício situado no local onde hoje se encontra a Biblioteca Geral). Por portaria de 4 de Dezembro de 1940, foram aprovados os estatutos da Nova Academia Dramática, mas só em 1941, por carta de lei de 15 de Setembro, foi concedido à Nova Academia Dramática o usufruto do edifício do Colégio de São Paulo, apesar dos estudantes já nele representarem desde 1839. Sendo este edifício conhecido entre os estudantes por "Teatro Académico", constituíu durante quase cinco décadas, o único local onde estes se agrupam e convivem.

A primeira representação pública do Orfeão Académico de Coimbra, verificou-se neste Teatro Académico, a 7 de Dezembro de 1880, por ocasião das Comemorações do Tricentenário da Morte de Camões.

Dado o acentuado estado de degradação do edifício do Colégio de São Paulo, o perigo da sua ruína tornam-se evidentes e as autoridades académicas tornam pública a itenção de demolir o edifício.

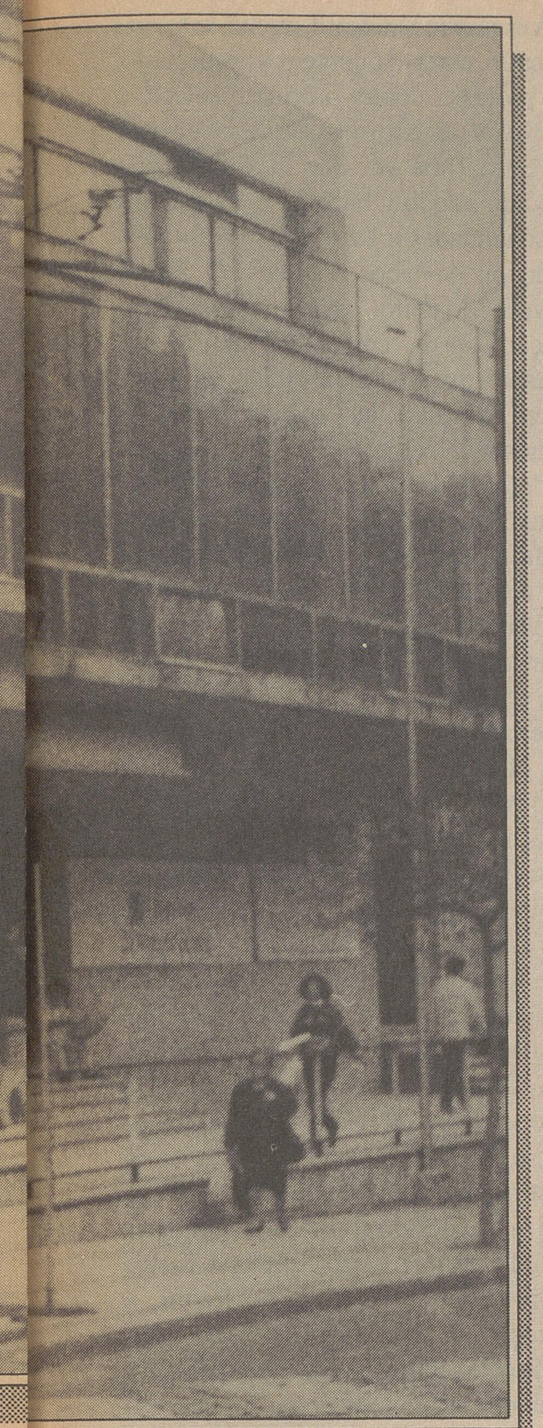


FOTO ARMANDO JORGE

A 18 de Maio de 1887, realiza-se no Teatro Académico a última Récita de Despedida, A Fonte da Sabedoria, do V Ano Jurídico, ocorrendo nas noites de 9 e 10 de Fevereiro de 1888 os últimos espectáculos naquele palco.

A Academia Dramática perdurará até 1887, ano em que, por iniciativa de António Luís Gomes (presidente da Academia Dramática de 1885-86 até 1890, primeiro presidente da A.A.C. e Reitor da Universidade de Coimbra entre 1921 e 27 de Janeiro de 1924), ocorre uma reformulação dos seus estatutos, passando, por alvará de 3 de Novembro de 1887, a denominar-se Associação Académica de Coimbra.

A demolição do Colégio de São Paulo em 1889, com a promessa de no mesmo local vir a ser construído um novo teatro para estudantes, o que não viria a acontecer, priva a A.A.C. de palco próprio, passando todas as seguintes manifestações artísticas da academia em Coimbra a realizarem-se até à decada de 60 do presente século, nos palcos existentes na cidade, predominando a utilização do Teatro Avenida.

Do que até aqui ficou dito, e reconhecendo-se que a vertente cultural da Academia, composta por grupos, como a TUNA, o Orfeão (fundados no final do século XIX) ou o TEUC (criado em 1939), ou a tradição de festejos académicos que in-0cluem Saraus, Récitas e Tardes de Arte, ressalta a ideia de uma Academia que para além de uma sede, sempre necessitou de um palco, de um Teatro.

O Teatro incluído no projecto das novas Instalacões Académicas

A consciência veemente da necessidade deste espaço, esteve presente nos directores da Academia aquando da discussão e elaboração do projecto para a construção da Nova Cidade Universitária e das Instalações Académicas. O documento apresentado em 1954 pelo então presidente da DG/AAC, Dr. Mendes Silva, ao Ministro das Obras Públicas e à Comissão encarregada das Obras da Cidade Universitária, para além dos diversos gabinetes, salas de ensaio, biblioteca, sala de estudo, salão de convívio e jogos (actual "snack"), ginásio (actual cantina B ou "Grill") e salão de baile (actual cantina A) que deveriam constituir as novas Instalações Académicas e sede própria da Associação Académica de Coimbra, incluía a construção de um espaço que serviria para acolher as diversas produções artísticas da Academia e constituir auditório das reuniões (assembleias magnas, reuniões gerais de alunos, etc) dos estudantes. Esta proposta, apesar de ter sido substâncialmente melhorada no projecto final, deu origem à construção de um Teatro contíguo às Instalações Académicas, o qual foi considerado pela imprensa escrita do início da década de 60, "como a melhor sala de espectáculos da cidade de Coimbra e como uma das melhores do país", Teatro esse "integrado nas modernas Instalações da sede da AAC, na Praça da República". O projecto é "da autoria do Arquitecto Alberto Pessoa e as suas obras de arte do Arquitecto João Manta".

Mas, apesar de o novo Teatro ter sido construído contiguamente à sede da AAC como pertendido pelos dirigentes associativos de 1954 e sequentes, à medida que as obras do complexo Académico íam chegando ao seu termo e a respectiva inauguração à vista, a academia apercebeu-se que não era vontade do Estado e do poder Universitário entregar aos corpos gerentes da AAC a sua administração e gerência.

Cenário da contestação estudantil ao Governo no final dos anos 50-princípio dos anos 60; sua repercussão na relação Academia-Teatro de Gil Vicente

O final da década de 50 é marcado por uma grande agitação e contestação da academia a várias tentativas do Poder Central, nomeadamente contra a promulgação do decreto-lei nº. 40900 de 12 de Dezembro de 1956, que ao regulamentar as Associações de Estudantes, "visava o controlo das organizações estudantis através do reforço da tutela do Ministério da Educação Nacional e dos Reitores das Universidades", deixando as Assembleias Gerais de ter representação directa e carecendo as Direcções de homologação ministerial podendo ser facilmente substituidas por comissões administrativas designadas pelo Governo.

Apesar de a reacção da academia contra o decreto-lei 40900 ter evitado a sua promulgação, as tensões academia versus Governo não diminuiram.

Este estado das coisas, precipitado pela realização de 9 a 11 de Março de 62, em Coimbra, do Primeiro Encontro Nacional de Estudantes, (proibido pelo Ministro do Interior por notificação ao Presidente da A.A.C. datada de 2 de Março), a que seguiu o impedimento pela Polícia de Choque de os estudantes de Coimbra e do Porto se deslocarem a Lisboa para alí comemorarem o Dia do Estudante, levaram a que os estudantes se manifestassem em frente da Reitoria pedindo a demissão do Reitor Professor Doutor Braga da Cruz, cuja atitude era a de um sepulcral silêncio, repleto de cumplicidade ao Governo.

A estes acontecimentos, seguiu-se de novo a vontade do Governo em acabar oficialmente com a autonomia administrativa da AAC, alterando os seus Estatutos, intenções estas expressas através da publicação do Decreto-lei nº 44632, o que viria a desenrolar o cenário da crise académica de 1962.

A aplicação do referido Decreto acarretava expulsar os legítimos representantes eleitos para os corpos gerentes da AAC, impedir a criação de novas secções culturais, proibir arbitrariamente realizações de alto significado cultural e de reconhecido (ou temido) valor humanista.

Entre 1960 e 1961, a proximidade do acabamento das obras das novas Instalações Académicas e consequentemente do Teatro, leva os dirigentes estudantis e os Organismos Autónomos da AAC à necessidade de elaborar um documento com a Reitoria que estabelecesse regras salutares para a utilização por parte da Academia do novo Teatro. Esta tentativa é dificultada pelo Poder Universitário, transparecendo desde logo a inexistência de vontade em entregar a administração da vida do Teatro aos estudantes, o que significaria entregar um espaço onde os estudantes se poderiam reunir, e logo experimentar acções artísticas e outras que podessem fazer germinar e desenvolver valores contrários ao do Governo.

A Inauguração prematura do Teatro. A "greve de zelo"

No meio destas negociações com a Reitoria, e contra a vontade dos dirigentes associativos e maior parte dos Organismos Autónomos e Academia em geral, o Teatro é inaugurado "prematuramente e à pressa" (uma vez que algumas obras finais de electrificação e de refrigeração/aquecimento estão por acabar), a 9 de Setembro de 1961, com a peça "Antígona" representada pelo TEUC, espectáculo igualmente de abertura da VIII DEIFÍADA (cuja comissão de Honra é presidida pelo Ministro da Educação), organizada pelo TEUC conjuntamente com o distinto Professor Doutor Paulo Quintela, grande porpocionador desta iniciativa. Tudo leva a crer que o próprio nome do Teatro, até aí referido por "Novo Teatro na Praça de República integrado nas novas Instalações Académicas", terá sido sugerido pelo Prof. Doutor Paulo Quintela, tendo-se excluído a referência à palavra "Académico" e ficando (como ainda hoje é possível ver em letras metálicas na fachada frontal do Teatro) "Teatro de Gil Vicente". Em toda a imprenssa escrita que noticia a inauguração com a VIII DELFÍADA, o teatro é referido como o novo "Teatro de nome de Gil Vicente, da academia de Coimbra" e alude-se ao facto de ter sido inaugurado sem estarem as obras inteiramente acabadas.

Esta inauguração prematura do Teatro com um grande acontecimento internacional apoiado pelo Governo e pela Reitoria, apesar de organizado por um distinto Organismo Autónomo Academia, constitui uma primeira "pedrada no charco" que surpreende as aspirações estudantis de poderem gerir o Teatro.

Depois da realização da VIII DELFÍADA, que terminou em 18 de Setembro de 1961, o Teatro encerra também durante algum tempo.

Em Abril de 1962 as novas Instalações Académicas ficam prontas mas, pela tensão existente não são de pronto ocupadas.

A Direcção Geral da AAC volta a ter divergências com o Reitor a propósito da realização do I Ciclo Sinfonia (organização da TUNA, que virá a ter futuramente várias edições no Teatro de Gil Vicente) nas instalações do Teatro. Durante estas negociações, a Direcção Geral "reivindica o Teatro de Gil Vicente em termos de auto-gestão e prévia entrega", o que é intransigentemente negado pelo Reitor Professor Doutor Braga da Cruz. Na sequência destes acontecimentos, a academia decreta em Assembleia Magna de 16 de Abril de 1962, "apoiar as posições da Direcção Geral e delibera proibir a entrada de estudantes nas novas instalações académicas (incluindo obviamente as do Teatro) sem estar definido o estatuto da sua utilização". Nessa mesma Assembleia Magna, é também exigida pelos estudantes, "em ambiente de grande emoção, a demissão do cargo de Reitor do Professor Braga da Cruz".

Esta greve de zelo contra o Teatro, consistia na não utilização do mesmo para qualquer espectáculo a realizar pela academia e não pôr os pés no Teatro, qualquer que fosse o espectáculo ou iniciativa que ali ocorresse. De facto, e apesar de ao longo dos tempo um ou outro agrupamento académico ter efectuado espectáculos no Teatro de Gil Vicente, quebrando progressivamente a greve, muitos estudantes e dirigentes associativos da altura só ali vol-tariam a entrar depois do 25 de Abril de 1974. De igual modo, e até aos finais da década de 70, todos os Saraus alusivos às tradições académicas efectuaram-se no Teatro Avenida, assim como os importantes "Ciclos de Teatro" organizados anualmente entre 1959 e 1971 pelo CITAC.

A 3 de Maio, na antevéspera da eleição para os novos corpos gerentes da AAC, a direcção é demitida por portaria ministerial, sendo nomeada uma Comissão Administrativa, mas os estudantes que a compõem recusam-se a aceitar a nomeação. Correndo a informação de que a sede demissionária da AAC, no Palácio dos Grilos, iria ser encerrada pelo Governo, os estudantes acorrem em massa à sede, tentando, pela sua ocupação em massa dissuadir o Governo de o fazer. Apesar da defesa pela ocupação, a sede da AAC é cercada pela Polícia de Choque que, escandalosamente e pela primeira vez na história da academia, entra no seu interior, prendendo 44 estudantes. A breve trecho a AAC é encerrada por um período de cerca de um ano.

Resultando ou não directamente destes acontecimentos, mas concerteza sujeito a enormes pressões pelo Conselho de Repúblicas e pela academia em geral privada de qualquer sede, em 1963 o

»»»

»»»»

Professor Braga da Cruz é destituido das suas funções de Reitor, sendo substituído pelo Prof. Doutor Andrade Gouveia, e é permitido a abertura e transferência da AAC para a sua nova (e actual) sede na Rua Padre António Vieira, o que vem a acontecer, sem grande festa, em Outubro de 1963.

O Teatro de Gil Vicente, longe da pretensão estudantil, é administrado directamente pelo Gabinete do Reitor até 1966. Durante este período, as únicas utilizações do teatro por parte dos estudantes são efectuadas por grupos estudantis ligados ao Governo (CADC, núcleo em Coimbra da Juventude Musical Portuguesa, etc) ou entidades académicas que de certa forma tem relações de empatia com o Governo (Orfeão, Tuna, por vezes o CELUC e as sucessivas Comissões Administrativas da AAC nomeadas pelo Governo entre 1965 e 1969).

Como exemplo, deve referir-se que todos os Ciclos Sinfonia organizados pela TUNA, os saraus comemorativos de aniversários do Orfeão e da TUNA, efectuam-se no Teatro de Gil Vicente.

Início da programação regular de cinema e espectáculos no Teatro de Gil Vicente.

Em 1966 a administração do Teatro deixa de ser uma função directa da Reitoria e passa a pertencer aos Serviços Sociais da Universidade criando-se para esse efeito a figura de Administrador das Instalações Académicas que, recorde-se, englobam o edíficio da AAC, os edifícios onde actualmente funcionam as cantinas A,B e "snack" e o Teatro de Gil Vicente. Para desempenhar esta nova função foi nomeado o Dr. João Lourenço que permanece até 1972 a desempenhar o cargo. Durante este período, o Dr. João Lourenço é o responsável quer da progamação do Teatro, quer da ementa daquilo que a estudantada come nas cantinas existentes.

E, é em 8 de Janeiro de 1966, com o Dr. João Lourenço a nortear a vida do Teatro, que é anunciada o início de uma programação regular de cinema e espectáculos, tendo ocorrido nesse dia uma sessão de cinema com o filme de Nicholas Ray, "55 dias em Pequim"

Anos 70.
Início da utilização do Teatro pela Academia.
A primeira Assembleia Magna no Teatro de Gil Vicente

Durante o "reinado" do Dr. João Lourenço a greve de zelo ao Teatro foi sendo progressivamente esquecida, para o que terá contribuido a programação cinematográfica regular e a realização no Teatro de Gil Vicente de importantes e inesquecíveis espectáculos musicais, teatrais e bailados de grande qualidade, tendo, como exemplo, pisado aquele palco, gigantes da dança mundial como o par Margot Fonteyn e Rudolfo Nureyev.

Em Fevereiro de 1970 a Academia aflui, possivelmente pela primeira vez, em grande número ao Teatro de Gil Vicente. Não para presenciar um espectáculo ou determinado filme, mas para demonstrar o seu apoio incondicional à nomeação para Reitor do Prof. Doutor Gouveia Monteiro. Este, nomeado para Reitor pelo Governo, teria então colocado como condição *sine qua non* para aceitar a sua nomeação, o apoio total da Academia. Esta simbólica manifestação de apoio ao novo Reitor ("que viria a demonstrar significativa independência no desempenho da sua função"), efectuado pela Academia no Teatro de Gil Vicente, terá desenvolvido temporáriamente a convicção de o Professor Gouveia Monteiro poder atribuir aos dirigentes académicos, responsabilidades na vida do Teatro. Mas, o Prof. Doutor Gouveia Monteiro tem reinado curto, terminando o seu reitorado em 1971, e com ele qualquer possibilidade no avanço neste assunto.

A primeira notícia de uma Assembleia Magna ocorrida no Teatro de Gil Vicente (em que a sala se encontrava superlotada com os estudantes que alí tinham ocorrido), data de 3 de Abril de 1970. Nesta assembleia deliberou-se constituir uma delegação que se deslocaria "ao Palácio de Belém para fornecer explicações ao Presidente da República acerca dos incidentes de 17 de Abril de 1969", deliberação esta que viria a ser veementemente contestada pelo movimento estudantil lisboeta.

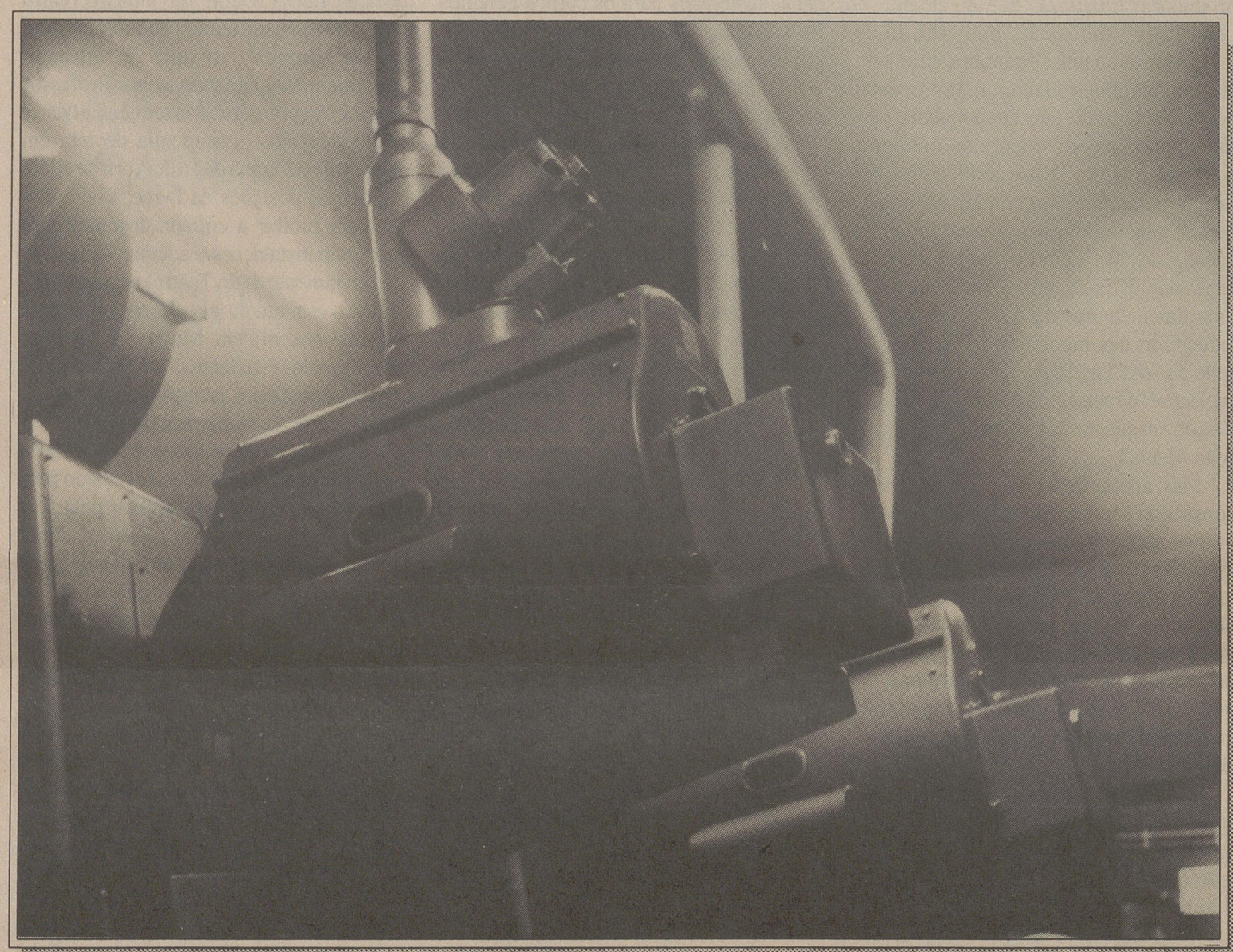


FOTO ARMANDO JORGE

Tiroteio e pedradas

Na noite de 9 para 10 de Maio, um incidente grave opondo estudantes contrários à política governamental e a Polícia de Segurança Pública, ocorre no Teatro de Gil Vicente.

Em cena nessa noite, a Oficina de Teatro dos Estudantes de Coimbra - O.T.E.C. - ("grupo de estudantes nacionalistas revolucionários", pró-governo, criado para contrapôr a actividade teatral do TEUC e CITAC, e de outros Organismos Autónomos ligados à esquerda) apresentava a peça O Livro de Cristóvão Colombo, de Paul Claudel, estando presente o Ministro dos Negócios EstrangeirosFranco Nogueira.

A esquerda estudantil, reunui-se à porta do Teatro, cerca-o e começa a apedrejá-lo, para protestar contra o critério selectivo usado para o acesso nessa noite ao interior do Teatro, uma vez que lhes tinha sido impedido adquirir bilhetes e só a certas "personalidades e estudantes" o foi permitido ou enviados convites. O Reitor Gouveia Monteiro, dada a gravidade da situação tensa, comparece junto dos estudantes para com eles dialogar. Estes exigem ao Reitor que mande suspender prontamente o espectáculo, alegando que este "ofendia os preceitos da ditadura intelectual das esquerdas". Gouveia Monteiro manda interromper o espectáculo no início do 2º acto, perante a indignação geral dos espectadores e do Ministro (este, em memorando enviado ao Presidente do Concelho de Ministros no dia 11 de Maio, não se apercebendo do que estava a acontecer antes da interrupção da peça, refere que teria ouvido um barulho semelhante a forte chuvada durante o primeiro acto. Obviamente que esta chuvada não seria de água, mas sim de pedras violentamente enviadas pelos estudantes sobre o tecto do Teatro).

Os responsáveis pela OTEC deliberam, prontamente, resistir a esta "humilhante capitulação perante as imposições da ditadura associativa e não sair do palco", a que se sucedem os ataques ao reitor, acusando-o de "proteger os comunistas", e ao Ministro presente. Enquanto isto, a Polícia, que já tinha iniciado acções de força contra os estudantes no exterior, entra no Teatro para proceder, por ordem do Reitor, à evacuação da sala, "não se responsabilizando pela segurança dos espectadores, a não ser que saíssem um a um". E de facto "algumas pessoas que iam a abandonar a sala, eram apedrejadas pelos esquerdistas, escorados no apoio do reitor", (como conta Jaime Nogueira Pinto no seu livro Portugal os anos do fim. A revolução que veio de dentro, 1976).

Dos confrontos entre os estudantes e a Polícia, vários estudantes foram levemente feridos, alguns presos, e um ficou gravemente ferido com um tiro no abdómem, o que o levou posteriormente a ser "submetido a duas intervenções cirúrgicas, das quais resultou a extracção do baço e do rim esquerdo atingidos".

Este incidente foi seguido por uma greve geral da Academia de Coimbra a 13 de Maio, tendo-se verificado a 15 do mesmo mês o encerramento de todas as Universidades portuguesas pelo Ministro da Educação.

Instabilidadde administrativa no Teatro de Gil Vicente. Finais dos anos 70, o início da utilização perferêncial do Teatro de Gil Vicente por parte da Academia

Em 1972, por razões pouco claras, o Dr. João Lourenço é substituído nas suas funções pelo Arquitecto Alves Martins, o qual permanece à frente dos desígnios do Teatro até 1976. Mantem-se, no entanto, a mesma forma de estrutura administrativa.

Segundo algumas fontes, é o Arquitecto Alves Martins o primeiro a admitir, como princípio, a possibilidade de os dirigentes estudantis e os Organismos Autónomos da A.A.C. participarem na orientação e administração do Teatro de Gil Vicente.

Mas as transformações sociais e políticas que caracterizam Portugal durante o seu mandato, apesar de profundas e radicais, não permitiram a estabilidade de diálogo para a elaboração de uma nova estrutura administrativa para o Teatro.

De referir que durante os primeiros tempos a seguir ao 25 de Abril de 1974 e até ao final dos anos setenta, o Teatro de Gil Vicente foi palco de assembleias magnas e outras manifestações em massa da Academia.

Também depois da revolução dos cravos, a programação do Teatro tornou-se permissível a espectáculos que não poderiam ser admitidos anteriormente. São disto exemplo os espectáculos de grupos folclóricos russos que começaram a efectuar-se regularmente após a revolução.

Em 1976, também por razões pouco claras, mas possivelmente como consequência das transformações sociais e políticas decorrentes da revolução, o Arquitecto Alves Martins é destituido das suas funções, não sendo substituído por ninguém. Apesar do vazio administartivo deste modo criado, a programação do Teatro, assim como a sua administração, é sustentada pelo Senhor José Carvalho funcionário dos Serviços Sociais desde 1972, a trabalhar no Teatro de Gil Vicente desde a sua inauguração. O Senhor Carvalho acumula então as funções que anteriormente desempenhava como chefe de sala, com as de responsável pela programação e de administração do Teatro, tendo sido assistido regularmente na área do cinema, pelo Centro de Estudos Cinematográficos da AAC.

A Academia em geral começa a utilizar perferencialmente o Teatro de Gil Vicente para realizar as suas iniciativas, tendo nele lugar a primeira edição da "Semana Internacional de Teatro Universitário", organizada pelo TEUC em 1978 (iniciativa que viria a transformar-se em 1986 na Bienal Universitária de Coimbra).

Passagem para a dependência da Reitoria do Teatro de Gil Vicente

Esta situação é mantida até Maio de 1980, altura em que em consequência da publicação de uma nova Lei orgânica dos Serviços Sociais, o Teatro de Gil Vicente deixou de estar integrado nos Serviços Sociais da Universidade, passando, a partir de 1 de Janeiro de 1981, para a dependência da Reitoria.

Para novo administardor do Teatro, a Reitoria nomeia o Dr. Pinto Mendes, cargo que este mantem até Dezembro de 1984.

Se a antevisão da administração do Teatro antes da sua inauguração foi, como ficou dito atrás, uma preocupação dos dirigentes estudantis, a profusão das iniciativas e actividades desenvolvidas na AAC no final da década de 70 e o retomar das tradições académicas, com toda a sua componente de saraus e outros espectáculos a elas alusivas, no princípio dos anos 80, levou novamente os dirigentes associativos e os Organismos Autónomos a terem necessidade de elaborar regras de utilização do Teatro de Gil Vicente, por modo a não serem atropeladas iniciativas simultâneas provindas da AAC, nem ocorrerem colisões com a programação regular do Teatro.

Se o diálogo foi inexistente, ou impossível, na década de 60, as circunstâncias políticas e sociais dos anos 80 tornaram possível a conjugação de interesses entre uma Academia necessitada de um palco a que tivesse acesso facilitado, e a Reitoria da Universidade, a quem entretanto passou a caber a depência do Teatro de Gil Vicente. Por outro lado, as alterações administrativas e a nível do pessoal a terem lugar em consequência da alteração da dependência do Teatro, e a necessidade de reequipar e actualizar o Teatro, que poucas ou nenhumas melhorias recebeu desde a sua inauguração, abriram um território de reflexão e discussão à volta do Teatro.

A Academia passa a ter representação numa nova estrutura administrativa do Teatro Académico de Gil Vicente

Este esforço negocial da Academia, protagonizado principal e inicialmente por alguns elementos dos Organismos Autónomos, e só mais tarde também pela DG/AAC, e a necessidade da Reitoria em responder à nova realidade, fez com que uma comissão encarregada de elaborar uma proposta de reestruturação do Teatro, fosse nomeada pelo Reitor Prof. Doutor Rui Alarcão, em finais do ano de 1983. Esta Comissão, composta pelo Vice-Reitor Prof. Doutor Manuel Pulquério, pelo Dr. Carlos José Luzio Vaz, pelo Presidente da AAC, Ricardo Roque e pelo representante dos Organismos Autónomos, António Augusto Barros, trouxe à luz do dia, a primeira e única estrutura administrativa do Teatro que contempla na sua composição estudantes.

A partir do trabalho desta Comissão, foi elaborado um regulamento para o Teatro Académico de Gil Vicente (a partir da existência da Comissão foi inserido oficialmente a palavra "Académico" na designação do Teatro, que passa a designar-se oficialmente "Teatro Académico de Gil Vicente"), que define o Teatro Académico de Gil Vicente (Artº 1º) como "um centro de cultura ao serviço da Universidade, na depedência da Reitoria, funcionando também como um polo de actividades culturais da cidade de Coimbra. No Artº 2º do regulamento faz-se imcumbir ao Teatro "a) promover, em geral, a realização de espectáculos e manifestações de índole predominantemente cultural; b) Proporcionar, em especial, à AAC e aos Organismos Autónomos, local para o desenvolvimento da sua acção artístico-cultural; c) Funcionar como um espaço privilegiado de intercâmbio entre academias nacionais e estrangeiras".

O regulamento institui a criação de uma Comissão Directiva que administra e gere o Teatro e que é composta por dois representantes da Reitoria, por um representante da DG/AAC, por um representante dos Organismos Autónomos e pela nova figura de um Director Artístico, nomeado por dois anos pelo Reitor após Concurso Público, a quem cabe a programação artística do Teatro. É instituido também a criação de um quadro de pessoal próprio do Teatro que compreende um Gabinete Técnico, um Serviço Administrativo e Serviços Auxiliares que darão assistência à Comissão Directiva.

São estabelecidas normas para a cedência das instalações do Teatro à Academia, respeitando as tradições académicas e as iniciativas culturais desenvolvidas e produzidas na AAC, assim como fica consagrado a reserva adequada do Teatro para a realização da Recepção ao Caloiro, Comemoração da Tomada da Bastilha, Sarau e Tarde de Arte da Queima das Fitas, Bienal Universitária de Coimbra, Jornadas Culturais do GEFAC, outras iniciativas semelhantes que venham a surgir no seio académico e estreias de espectáculos produzidos pelos organismos académicos. O regulamento estabelece ainda passar a existir um desconto no preço dos bilhetes a estudantes do ensino superior.

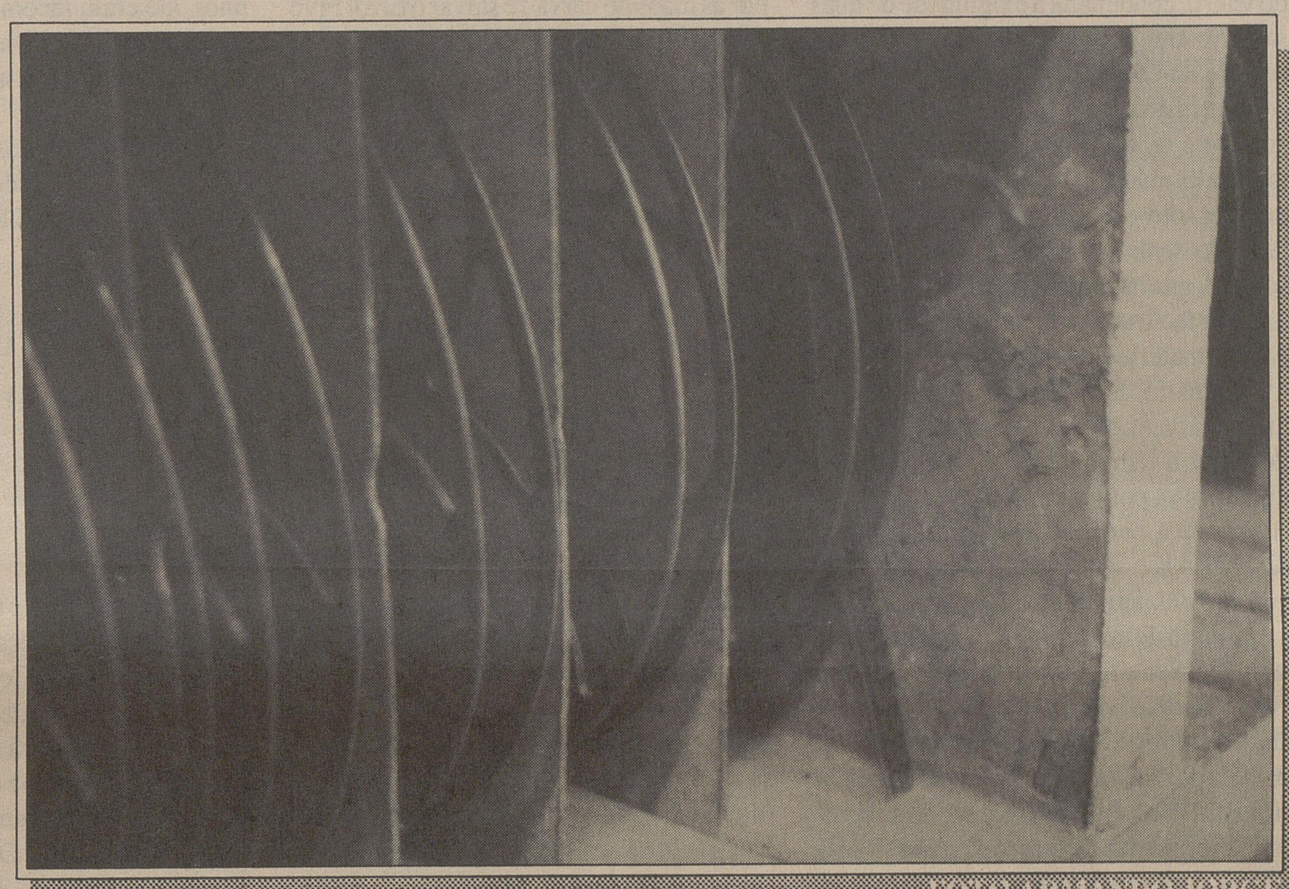


FOTO ARMANDO JORGE

Este novo figurino administrativo tem como primeiro Director Artístico o Dr. Manuel Guerra que permanece no teatro entre Dezembro de 1984 e Dezembro de 1988.

Com a nova estrutura administra-tiva, centrada numa Comissão Directiva em que estão representados os interesses estudantis, estabilizam-se, pela primeira vez desde a inauguração, as relações entre a Academia e o Teatro Académico de Gil Vicente. A partir daqui, esse entendimento passa a depender, fundamentalmente, da capacidade de entendimento e diálogo frontal e frutuoso entre as entidades representadas, e não da boa ou má vontade da figura obsoleta de um único Administrador.

Quando o Dr. Manuel Guerra sai do Teatro Académico de Gil Vicente, por razões pessoais, e não ocorrendo de imediato vontade na Reitoria de abrir novo Concurso Público para nomeação de um novo director Artístico, a Comissão Directiva nomeia interinamente para desempenhar as funções de Director Artistico o Senhor Fausto Crochinho, elemento que entrou para a administração do Teatro em 1986, a convite do Dr. Manuel Guerra para aquele assisti-lo na programação cinematográfica.

Interinamente, Fausto Crochinho é então durante dois anos, o responsável pela programação artística do Teatro Académico de Gil Vicente perante a Comissão Directiva do mesmo.

Nos dias de hoje

Só em Junho de 1990 é aberto pelo Magnífico Reitor, o necessário Concurso Público para o lugar de Director Artístico, sendo nomeado em Outubro do mesmo ano, por decisão de um júri constituído para o efeito, (júri que tem na sua constituição um representante dos estudantes) e após ratificação do Magnífico Reitor, o Senhor António Augusto Barros para novo Director Artístico. Entrando em funções a 1 de Janeiro de 1991, é o actual Director Artístico do Teatro Académico de Gil Vicente, cabendo-lhe a ele e à Comissão Directiva a planificação e execussão do programa das Comemorações do 30º Aniversário do Teatro, comemorações que constituíram motivo primeiro, para a elaboração do presente artigo.

Nota: *A elaboração deste trabalho foi enriquecida pelos imprescindíveis contributos dos Professores Doutoures Roméro de Magalhães e Orlando de Carvalho, do Dr. Teixeira Santos, do Dr. Pedro Mendes Abreu, da Senhora Isabel Campante (que está presentemente a elaborar livro sobre a história do Teatro Académico de Gil Vicente), da Comissão Directiva e de todos os funcionários do TAGV. Foram ainda consultados, para além de documentos académicos existentes no Museu Académico de Coimbra, os livros: A Academia de Coimbra, 1537-1990, de Alberto Sousa Lamy; História do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra; a revista Via Latina do inverno de 1985-86; Portugal, os anos do fim. A revolução que veio de dentro, de Jaime Nogueira Pinto, 1976.*

é uma aventura!
mas, mais do que isso, é um sopro de tantos passados que nos faz sonhar com coragem no futuro...

Um dia no Gil Vicente

Já há muito o galo cantou e a vizinha arremessou o chinelo de quarto para o fazer calar, quando o Gil Vicente abre os olhos e entram em cena as senhoras da limpeza, para que o nosso teatrinho se apresente sempre limpo e asseado. Rapaz este de nobilíssima casta, mui cuidado e mui dado a estas coisas da civilização como as artes em geral.

Enquanto se trata da higiene e da limpeza diárias, entre vassouras, esfregonas e o cheiro doce das ceras, na admninistração do teatro, condenada à exiguidade de duas salas, o dia começa com o movimento sempre único dos ponteiros do relógio em contagem decrescente para a hora do almoço. Entre o "trim-trim" dos telefones e a música da máquina de escrever ou do computador, ouve-se calmamente o riscar do lápis do senhor Emílio. O "homem das contas", que não falha um número de todas aquelas facturas, recibos e demais descrições de material com respectivo orçamento e receituário. É só assinar ali ao fundo e tudo será pago. Nunca a Reitoria se esquece de pagar a tempo e horas o tão precioso duodécimo, por mais que se diga que é insuficiente é precioso, as contas estão em dia... Está lá o senhor Emílio e companhia que não deixam ninguém ficar mal.

A meio de conferir mais uma qualquer relação, lá me foi contando de toda uma vida dedicada àquilo. "Aquilo" é o teatro. Desde cedo esteve metido com estas coisas através da sua antiga profissão de projeccionista. Tinha treze anos quando se dedicou a projectar filmes no velho Sousa Bastos, o pai era lá porteiro, depois mudou-se para o Gil Vicente.

Foram anos e anos de muita atenção, em que ao mínimo deslize lá ia a fita. Naquele tempo ficava sempre um bombeiro num cubículo à entrada da sala de projecção, nada do impessoal extintor, enquanto havia fita, havia sempre um bombeiro de serviço. Ainda hoje lá está aquele espaço vazio que o tempo e a ciência tornaram desnecessário. Era fundamental estar sempre atento, antes do advento do filme de 70 mm. Era um instantinho enquanto a máquina aquecia em demasia e a fita queimava. Às vezes era mesmo necessário pôr as mãos no carvão e salvar o Errol Flyn ou outro herói qualquer. O senhor Emílio foi especialista destas livranças de trabalhos de maior monta aos heróis de toda a gente, mas nunca ninguém soube, pois nunca ninguém imagina o que se passa lá em cima, na sala das máquinas, entre um piano de luzes e um máquina de projectar, entre o sinal do gongo a dar início a mais uma noite de espectáculo e o acender das luzes da sala ao final da noite. "Minhas senhoras e meus senhores está encerrada a sessão". Por trás dos seus olhinhos vivos e inteligentes, adivinha-se toda uma série de histórias e de aventuras. Os olhos brilham-lhe muito enquanto conta, cheio de graça, a dança dos parzinhos de namorados que durante todas estas décadas se sentaram ao fundo da sala, lá no cimo, bem junto à cabine. Houve vezes que até ouviu bonitas declarações, das outras diz que sempre teve mais que fazer e que não gosta de cometer inconfidências. O amor é o que temos de mais sagrado e antigamente os estudantes eram uns desgraçadinhos, até eram incomodados quando estavam tão recatadamente a namorar.

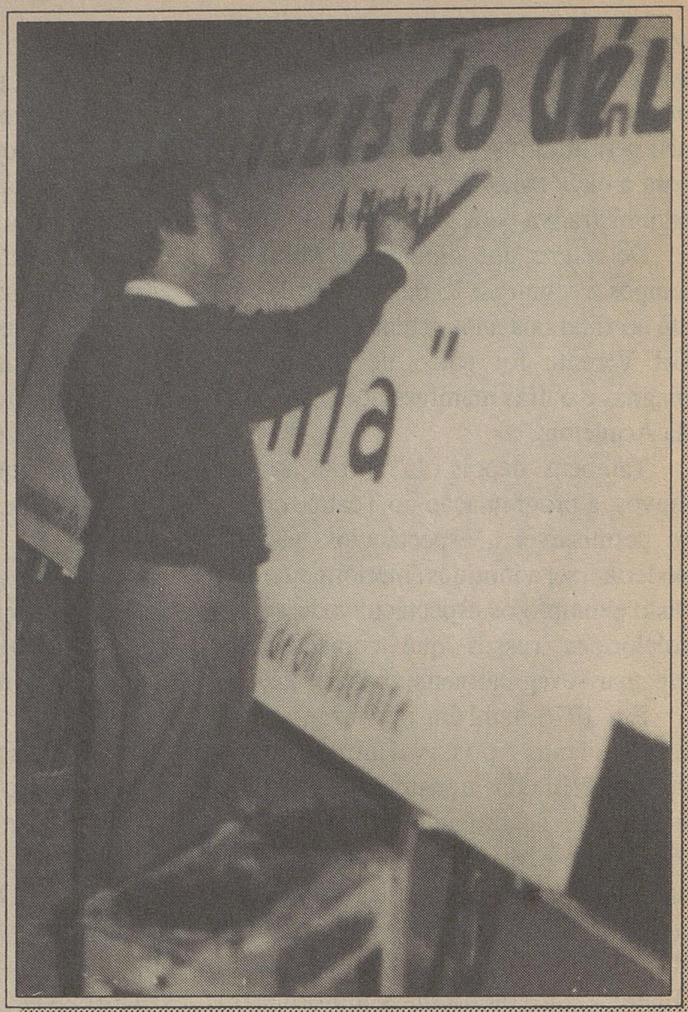


FOTO MARIA EMÍLIA

Crispam-se-lhe as mãos quando fala dos "escutas" e da pide. Os gajos eram tramados! Uma vez até lhe vieram perguntar se não sabia do fulano tal, que por acaso até estava com uma moça bonita lá num dos tais cantos da sala. Como estas coisas das fitas exigem muita atenção, já se sabe que não se tem olhos para mais nada, ele é que não viu nada, só sabe que a moça era bem bonita. De resto nunca soube sequer o nome de ninguém. O projeccionista é o homem da atenção, já se sabe que raramente sai da cabine pois os espectáculos não perdoam. Nunca se viu em lado nenhum do mundo um projeccionista saber de quem anda na sala! É só paisagem... E com os olhinhos sempre brilhantes perguntou-me se eu já não estava a sentir um apertozinho no estômago, que é como quem diz se eu não achava que tinha de o deixar trabalhar que estava quase na hora de almoço. Lá recebi o recado e entrei na sala ao lado onde têm assento o António Augusto Barros, o director artístico, o Zé Luís, seu assessor directo para a produção da programação, e o Dr. Lebreiro, administrador nomeado pela Reitoria para estas matérias teatrais.

Às vezes era mesmo necessário pôr as mãos no carvão e salvar o Errol Flyn ou outro herói qualquer.

Ao fazermos um curto historial do Gil Vicente, foi unanimemente considerado importante e fundamental o "reinado" do senhor Manuel Guerra com o movimento de renovação e nova política directiva imprimida à gestão do teatro. Foi com Manuel Guerra como director artístico, que se pôs em práctica a ideia de comissão directiva como o orgão que chegou aos nossos dias, e que ainda hoje se mantém. Os predicados e vantagens desta, a vontade de devolver o teatro à academia e à cidade de Coimbra mas tornando-o melhor do que ele alguma vez foi, são ainda hoje perceptíveis. Esta mania da dignidade e da qualidade, esta tentativa honesta de equipar o teatro como ele nunca esteve equipado, este desporto em horário de expediente e fora dele, de incomodar e aborrecer governantes e carreiristas, de fazer com que o teatro conste das contas e dos programas destes outros artistas, foi sempre um objectivo a ter em conta. Há que lhe instituir um especial sistema orçamental que isto assim ainda acaba mal. Todos os meses se faz equilibrismo na corda bamba, "atenção Gil, sem rede", qualquer dia ainda...

Convém não lhe agoirar o futuro. Desde sempre disposto a aguentar com tudo, foi sucessivamente palco de tiroteios, cinemas e outras fitas, espectáculos e revistas, teatros de todos os géneros, reuniões e anseios estudantis, reitores em explicações "do que foi que eu fiz", saraus e "coralices", mariquices e bailados, tragédias e caldos entornados, oratórias de bem falantes, palhaços e bruxas, mágicos e ilusionistas, músicos e cançonetistas, quintanistas e estudantada de sempre, bebedeiras servidas a quente, risos nos corredores e nos camarins. A prima-dona estreou-se aqui, o louco do poeta fez ali chichi, o burro daquela trupe escondeu-se ali no fim...

Findo o almoço seria novamente tempo para uma bica, esta agora muito curta e ligeira, não fosse hora de se começar a

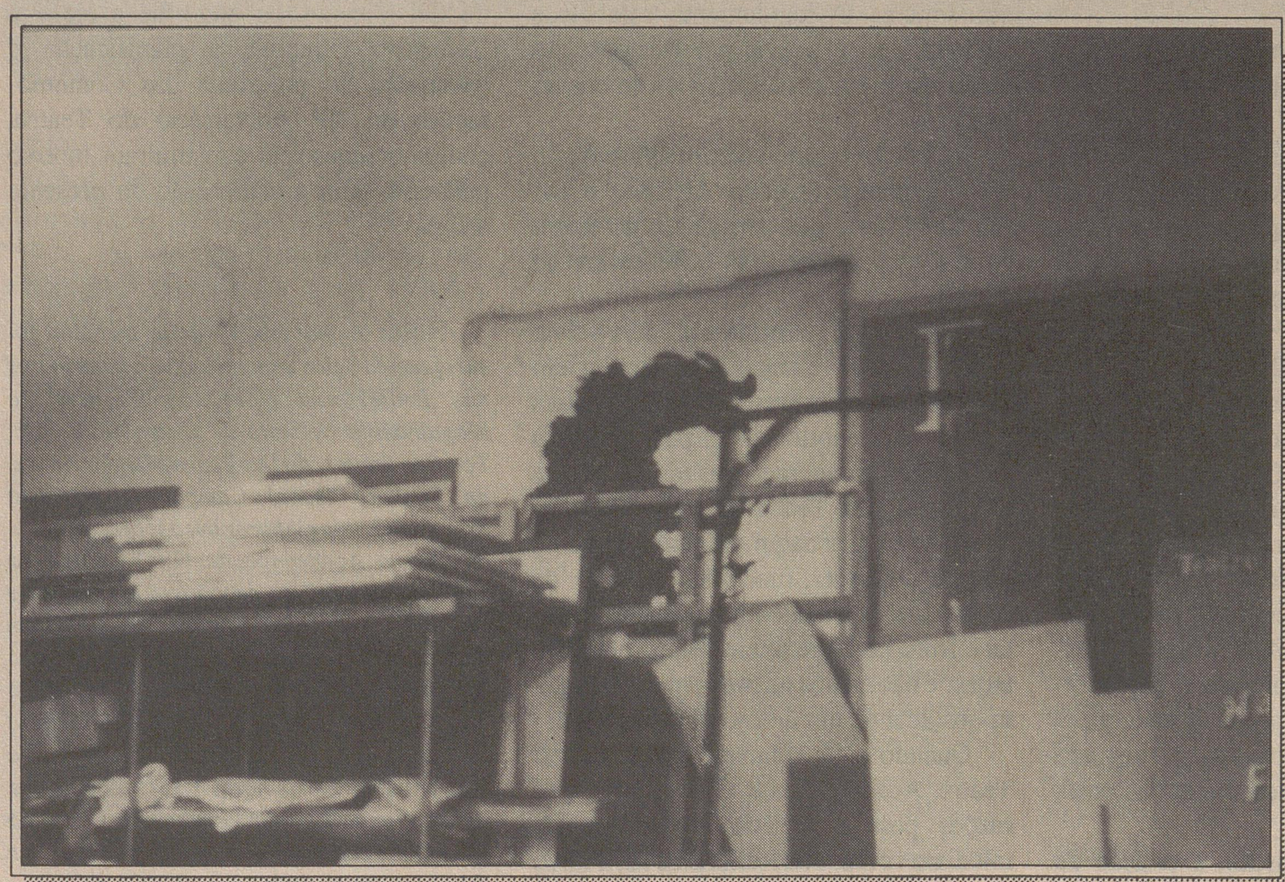


FOTO ARMANDO JORGE

montar o espectáculo para a noite. O público nunca imagina o que é preciso para a montagem de um espectáculo. Como na fábula da nossa infância, facilmente se poderia dizer que "passaram por aqui as fadas" e, se rapidamente fecharmos os olhos, só vemos as luzes da ribalta e o brilho de quem está em cima do palco. Que antes, muito antes sequer do artista entrar em cena, seja mesmo para ensaiar, já por ali passou toda uma série de profissionais: o carpinteiro e o electricista, o sonoplasta e o "chefe de palco", o encenador e o aderecista, o lumonotécnico e a recatada costureira. Só o "ponto" fica de parte por ter caído em desuso o mesmo teatrão que nele se apoiava, ninguém aguentava sem adormecer, ainda hoje lá está o lugar dele antes do fosso da orquestra.

Assim, lá foi sendo colocado em cena um simples tapete de palha, estrategicamente colocado no centro do palco, ao fundo uma cortina negra de feltro, para "a história do tigre" de Dario Fo. Peça monólogo apresentada por Filipe Crawford que, sendo também o encenador, ia dando orientações preciosas ao João da luminotécnica e ao Fausto Cruchinho da produção. O Filipe ficou no palco a ensaiar e nós fomos conduzidos aos camarins pelo Sr. Carvalho, um homem que viveu toda a vida em função deste teatro, ao ponto de ser o seu melhor anfitrião e mestre de cerimónias no que toca a visitas guiadas.

Espontaneamente, aderiu a contar-nos as histórias do TAGV e a mostrar-nos, não sem uma pontinha de orgulho, a casa à frente da qual já esteve em tempos como administrador. Ao que consta em feroz rivalidade com o cine-teatro Avenida, embora o Dr. Pedro Mendes Abreu até tivesse sido um bom conselheiro e orientador desta sala de espectáculos. Mas o Sr. Carvalho diz que há coisas que só conta daqui para três anos, quando se reformar conta tudo, até lá não fica bem contar certas coisas.

Nos bastidores do teatro, mostra-nos a grande sala traseira do piso inferior, a funcionar como carpintaria e oficina, sala de convívio e arrecadação de cenários de milhentas peças e espectáculos. Aponta para o gigantesco cartaz que tem a esfinge do Zeca Afonso e diz-nos que foi pintado por um conhecido artista da praça, mas que não se recorda do nome.

No meio do amontoado de painéis e ferramentas, encontram-se várias latas de tintas e uns poucos pincéis, que nos é

»»

O TAGV E OS ESTUDANTES

António Augusto Barros
Director Artístico do TAGV

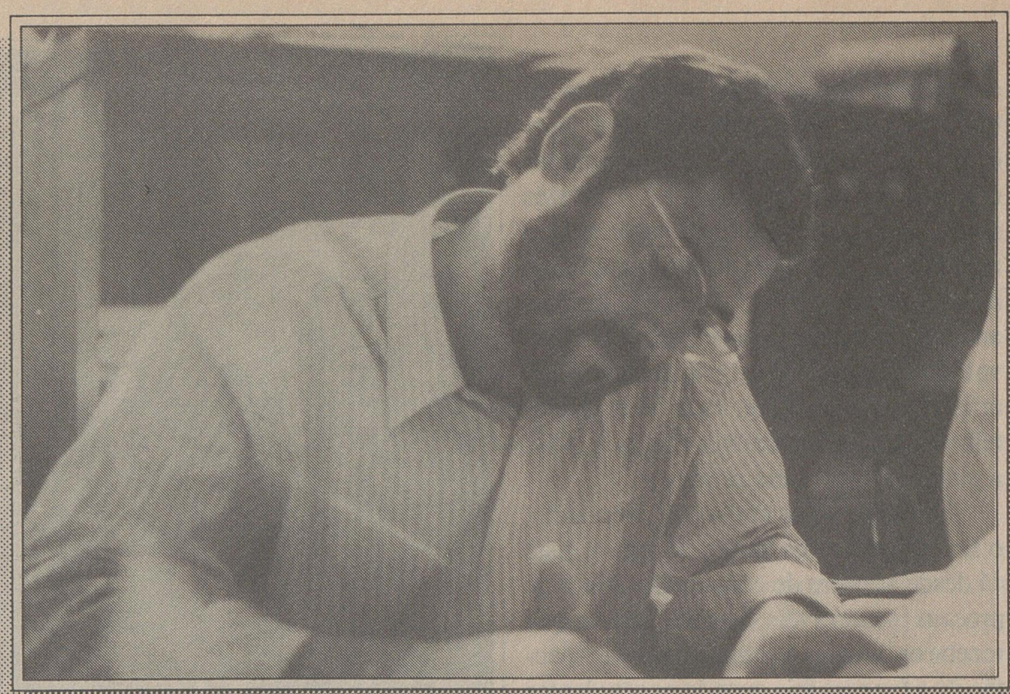


FOTO ARMANDO JORGE

Há cerca de quinze anos, quando vim para Coimbra, já se discutia a participação dos estudantes na gestão do Teatro Gil Vicente. Era uma questão que se arrastava desde que o Teatro fora construído. A situação era grave. Os estudantes não tinham qualquer participação na direcção do Teatro e este estava dependente dos Serviços Sociais. A programação era constituída por cinema, na sua esmagadora maioria, sendo o Teatro obrigado a realizar as receitas necessárias ao seu funcionamento sem qualquer apoio da Reitoria. O professor Ferrer Correia, reitor a quem sempre preocupou esta indefinição e o facto de o TAGV não ter uma programação diversificada e de qualidade, iniciou a resolução do problema nomeando uma comissão, dirigida pelo vice-reitor professor Manuel Pulquério, que incluia já representantes da Associação Académica e dos Organismos Autónomos. O relatório elaborado por essa comissão é ainda hoje uma excelente base de trabalho e de referência. Foi já no reitorado do professor Rui Alarcão e com base no citado relatório, que surgiu em 1984 o estatuto do TAGV. Nele está consagrada a participação estudantil através de dois representantes, em paridade com a Reitoria que para si reserva outros dois lugares (a presidência e a administração). O quinto elemento da Comissão é o director artístico cuja escolha se faz por concurso público mediante a apresentação de um projecto. No júri encarregado de escolher o director artístico também intervêm os estudantes. Ficou assim regulamentado o direito dos estudantes fiscalizarem e participarem na gestão de um Teatro que também é seu.

A ideia de contratar um técnico para o lugar de director artístico serve, a meu ver (apesar de ser suspeito na matéria) para assumir por completo as suas responsabilidades culturais. Lembremos a definição de objectivos traçada pelo citado relatório de 1983: "O TAGV deve definir-se como um centro de cultura sem propósitos lucrativos, ao serviço, em primeiro lugar, da Universidade e, depois, da cidade em que se integra. (...) Uma programação exclusivamente orientada por critérios de qualidade, constituirá a melhor forma de serviço à Universidade e à comunidade mais vasta da cidade". E mais à frente: "As actividades do Teatro não poderão estar dependentes das receitas de exploração, sob pena de cairmos em transigências que comprometam a consecução dos objectivos fundamentais da actividade do Teatro. As receitas que se alcançarem entretanto, se forem significativas, poderão ajudar a concretizar planos cada vez mais exigentes da realização cultural".

Em consonância com estes princípios a dircção do TAGV definiu como tarefas prioritárias:

1) O reequipamento do TAGV com a convicção de que, só assim, ele poderá cumprir todas as funções incluindo a de apoiar tecnicamente o trabalho de criação artística dos universitários.

2) **Estimular a criação artística entre os universitários**, a par de uma fruição mais completa e contemporânea das produções culturais externas. Daí que uma das primeiras medidas fosse apoiar as estreias dos organismos autónomos, dando-lhes tempos de montagem e de estreia gratuitos, cachet simbólico e apoio técnico. Outras medidas estão a ser estudadas para que os estudantes apresentem regularmente as suas iniciativas artísticas no TAGV.

3) Traçou-se um plano de formação conducente e fornecer elementos técnicos mínimos a quem pretende desenvolver projectos de criação que vão do teatro ao cinema passando pela dança e o video. Com este plano procurou-se também formar públicos, tarefa que me parece fundamental. Públicos mais atentos, mais conhecedores e, portanto, mais críticos.

4) Desde o início do ano, altura em que entrei em funções, realizámos acções de colaboração ou co-organização com o CEF, o CEC, o Grupo Ecológico, o TEUC, o Orfeon, o GEFAC, o CITAC, o Coro Misto, a RUC, a Fac. de Letras e a Fac. de Medicina para só citar as respeitantes ao universo académico.

Um Teatro como este tem de dar uma resposta à cidade e ao país. O funcionamento de um espaço cultural alternativo depende da inteligência do seu relacionamento com outras instituições nacionais e mesmo internacionais e este só se consegue com estabilidade na sua direcção e com um projecto artístico coerente que favoreça a circulação de projectos no todo nacional. Queremos que os bons espectáculos não deixem de passar por Coimbra ou preferimos morder sistemáticamente a cauda de um isolamento ritualista e virado para o passado?

O Teatro Académico de Gil Vicente está a dar alguns passos para que se possa apresentar de outra forma dentro de algum tempo: equipado ao nível técnico e humano, com melhores condições de habitabilidade, aberto todo o dia como espaço agradável para conviver, para lançar ou recolher ideias. Como verdadeira casa de Cultura da Universidade que potencia uma actividade na zona universitária que chega a ser "muito rica mas pouco visível", como dizia Reis Torgal no recente seminário que o TAGV organizou.

Não se pretende colocar parêntesis em lado nenhum e muito menos na palavra **académico** constante da designação do Teatro. Essa palavra foi reposta em todos os nossos materiais gráficos. Não existem entre nós mal entendidos, preconceitos ou más-vontades que os justifiquem. Pelo contrário, preferíamos que o largo parentesis de trinta anos em que tem vivido o Teatro desaparece-se gradualmente e que, entretanto se não abrissem outros para a cultura e a criatividade. Essa é uma resposta que se pede aos estudantes e, simultaneamente, uma batalha que, a seu lado, a direcção do TAGV gostaria de travar.

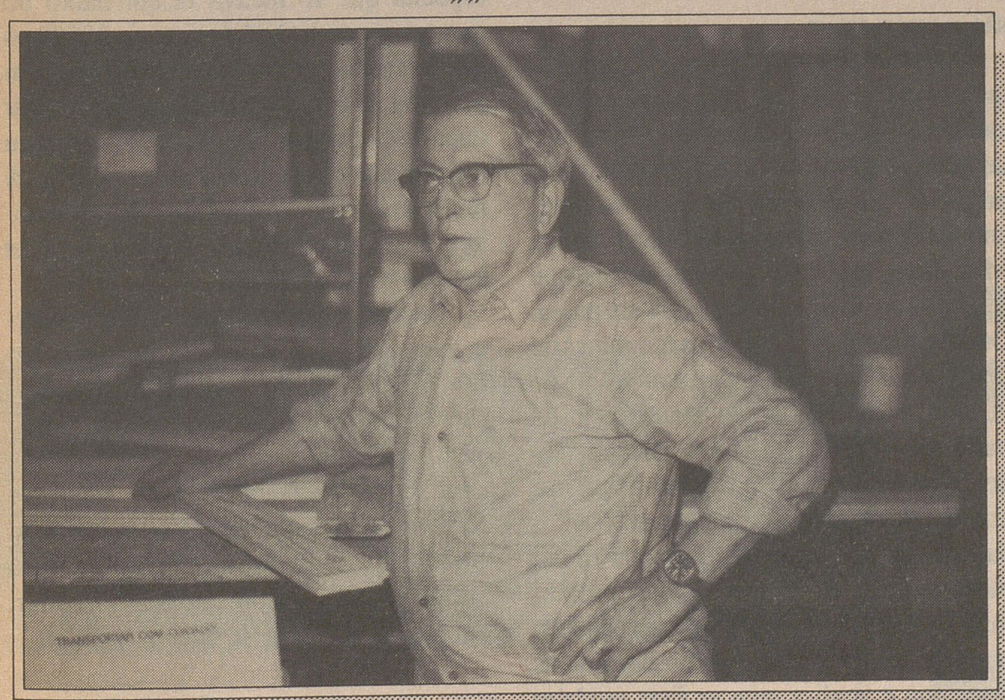


FOTO MARIA EMÍLIA

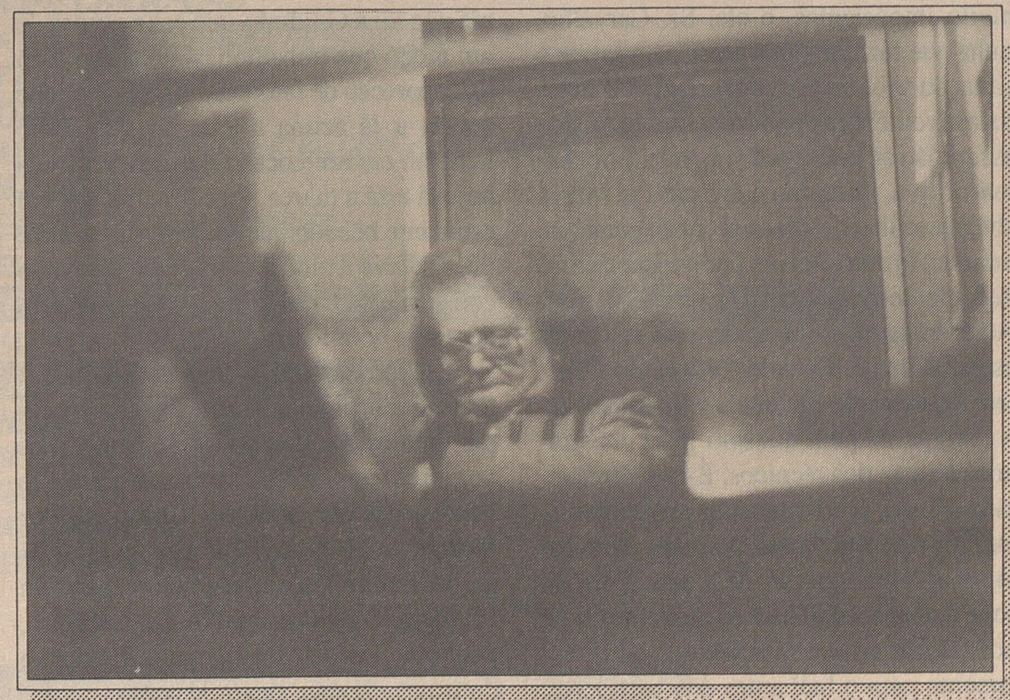


FOTO ARMANDO JORGE

»»

esclarecido servirem de instrumento de trabalho ao Sr. Aciles. Este senhor é quem quem actualmente faz os cartazes pintados dos espectáculos a apresentar. Cartazes simples, quase sempre letras encarnadas e negras pintadas muito certinhas num fundo cinza, são colocados na frente do teatro a anunciar o que por cá se passa. O Sr. Carvalho acrescentou que este senhor é um artista, e que costuma estar lá atrás, no telheirinho que dá para os jardins da A.A.C., a pintar as suas obras-primas.

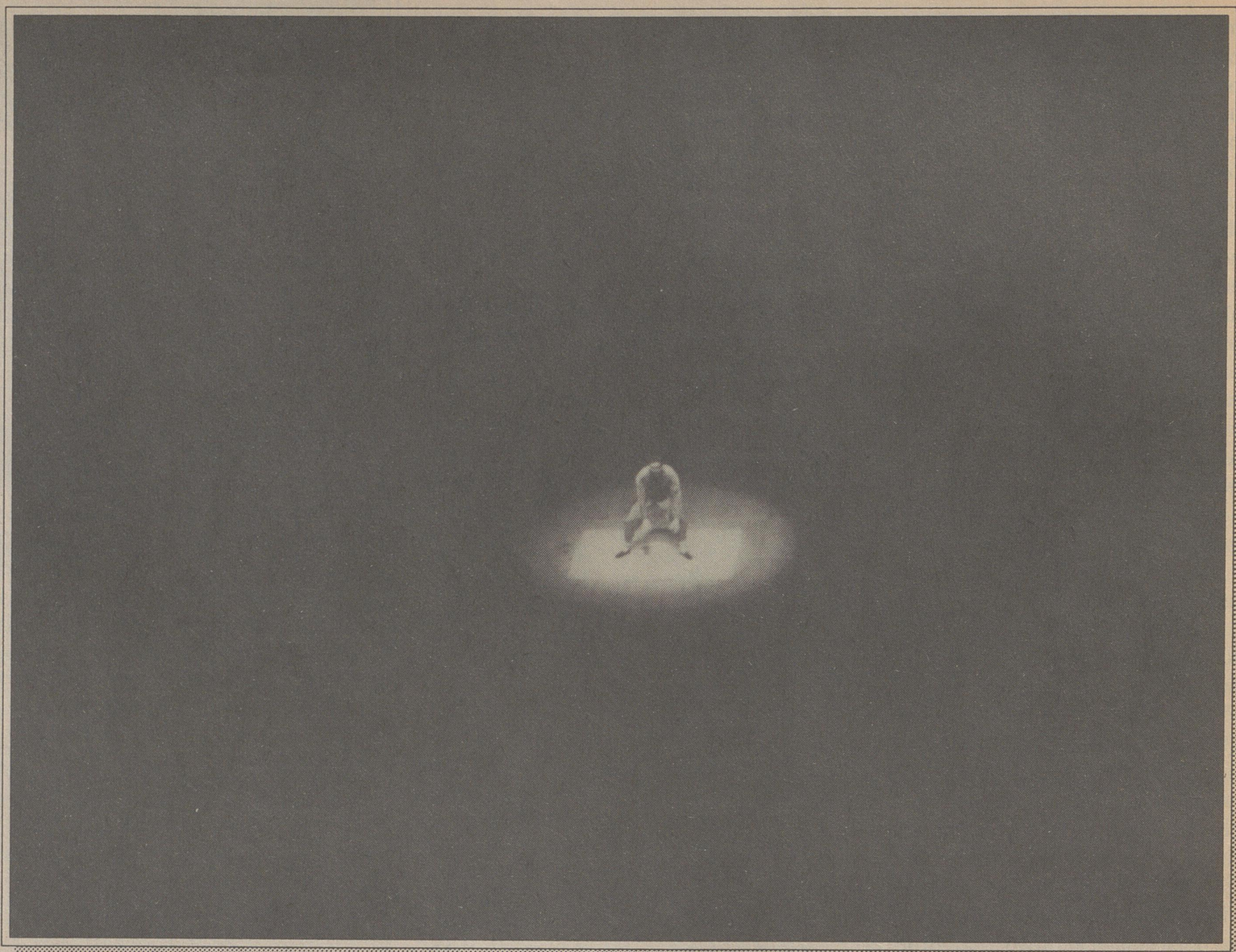
Apresentou-nos então o Sr. Fernando, o funcionário mais antigo do teatro. Está cá desde as obras de construção. Autor de proezas inenarráveis, é aquele senhor que recebe os bilhetes à entrada de cada espectáculo e faz cara feia quando os estudantes se esquecem do cartão que comprova a sua situação, pois ele não tem obrigação de conhecer ninguém.

Depois mostrou-nos as caldeiras do teatro, máquinas velhinhas do tempo da minha avó, que mantinham o teatro aquecido no Inverno bem mais eficientemente que este moderno sistema de ar condicionado que até foi montado ao contrário. Só que o cheiro do petróleo queimado era muito intenso e então deixou de se usar. Como também deixou de ser funcional o sistema de luzes antigo que está instalado numa cabine mesmo por baixo do palco, aquilo é uma peça de museu, talvez fizesse sentido num museu próprio do teatro.

Dali seguimos para um espaço em aberto onde se amontoam as estruturas do palco, os elevadores e as engrenagens para mil e um efeitos. Fica mesmo por baixo do palco e estão também em desuso. Ao lado, quase desapercebida, uma minúscula salinha onde se vê apenas um fogãozinho de chapas. Logo nos é esclarecido que é uma cozinha improvisada, para quando alguémdo "staff" não tem tempo de ir a casa.

E é com a voz lenta e respeitosa que o Sr. Carvalho nos faz visitar os camarins onde a diva esteve da única vez que cá veio, e que têm todos duche e espelho próprio, mas tapete só levam mesmo à própria da hora quando eles, os artistas, cá vêm. Conta que a Amália foi enganada porque estava pouca gente na sala e a senhora, pois está claro, não queria cantar assim. Mas a verdade é que cantou. Estava a pobrezinha recolhida ali no camarim e os doutores, que vinham de um jantar qualquer destes de comemorações, estavam a ficar muito impacientes, e ele, Sr. Carvalho, tinha que fazer alguma coisa para salvar a situação. Achou por bem acender as luzes todas fronteiriças para o palco. No palco assim não se consegue ver nada. Foi chamar a diva, disse-lhe que a casa já estava cheia, a senhora entrou em cena e começou a cantar. Pronto. Foi um lindo espectáculo! Até ele lhe veio bater palmas no fim. Acrescenta logo que agora vem cá cantar especialmente no ciclo "Vozes do Céu", tem a certeza de que ainda vai ser melhor.

Ainda naquele mesmo piso, mostra-nos as salas dos técnicos. É-nos apresentado o João, um dos actuais projeccionistas, que também tem ali uma sala, bem como o sr. Fernando. E, de repente, o João sobe a uma escadinha e eu deixo de o ver, pois existe ali um alçapão que dá directamente para o hall antes dos bastidores, no canto mesmo em frente à porta traseira do teatro.



Passando na sala principal, pelo meio das filas de cadeiras, aponta para cima e fala-nos da teia, da enorme rede que serve de estrutura e de suporte ao palco. Que lá em cima é que é bonito de se ver, mas que tem de se lá ir especialmente equipado que é preciso rastejar e tudo, e ter muito cuidado para não pôr nenhum pé em falso. E aponta um relevo lá bem em cima no tecto, junto às luzes, que aparentemente seria uma questão de infiltração de humidade, e diz-me que foi a Guidinha que era a esposa de um moço que trabalhou cá no teatro. Um dia, apareceu de fato-de-treino e disse que queria ir lá acima à teia. Só que como também era um bocado desastrada, ainda hoje lá está a marca. Pior foi uma vez um estudante bêbado que foi parar lá acima e que depois começou a gritar que não conseguia descer. Uma vergonha, tiveram de vir os bombeiros e tudo!

... este não é um teatro nada pretensioso e que é falsa essa acusaçaõ de intelectual e elitista. Faz-se de tudo nesta casa, recebe--se bem e apresemtam-se bons espectáculos.

Dali passámos ao bengaleiro, onde o Sr. Carvalho meticulosamente mantém em dia uma escala de serviço com todos os porteiros por sessão, projeccionistas e vendedores de bilhetes. Começou por mostrar--nos como é que aquela sala vai ser transformada em segundo espaço da Produção. Ajudado pelo dr. Lebreiro, explicou-nos que finalmente a Produção do teatro vai estar dentro de casa.

No primeiro andar, ao largo do Bar, o "foyer" do teatro, palavra estrangeira para designar um espaço reservado a exposições e convívios. Entre uma cerveja e uma espiadela à Praça ao lado, a estudantada passa ali momentos bem animados aquando dos saraus da academia e espectáculos afim. Só para dizer que este não é um teatro nada pretensioso e que é falsa essa acusaçaõ de intelectual e elitista. Faz-se de tudo nesta casa, recebe-se bem e apresemtam-se bons espectáculos. Nâo é culpa nossa se este é o melhor teatro do mundo! As coisas são mesmo assim.

Rapidamente, o João, o projeccionista, mostra-me a sala das máquinas e a sua cabine. Ri-se do nosso espanto por ver o tamanho imponente de uma máquina de projectar, puxa de um jogo de escovas e, enquanto vai fazendo festinhas à sua Miquelina, vai-nos explicando onde é que se enrola a fita e por onde é que ela passa. Depois, mostra-nos as outras máquinas de projectar, desde a de 30 mm à moderna de 70 mm, e lamenta-se do mau estado de parte das fitas que passou o mês passado do Buster Keaton. O Sr. Carvalho finge-se aborrecido e, apontando para um dos cantos da sala, diz-lhe que até lhe colocou ali um outro extintor, não fosse ele ter problemas. O João ri-se e faz-nos entrar na sala onde ele escolhe as fitas e as limpa, onde as seleciona e analisa, que as fitas também têm de ser estudadas antes de serem projectadas. Na parede existem várias tabelas com o tempo de projecção por metro e um enorme poster do Sporting a garantir que aqui também há bons chefes de família... À saída não podemos deixar de reparar na privilegiada visão que se tem dali para o palco, e o João abre uma janela interior pesada e nos juramos que se ouve ali o espectáculo melhor que no palco.

Descendo em frente ao cubículo do bombeiro, há um terraço enorme com vista alargada para a Praça em baixo. O sr. Carvalho diz-me que o outro, o terraço lá de trás, é bem melhor, que um dia destes temos que lá ir porque só se pode ir pela teia e é um pouco perigoso. Mas diz-nos que se vê Coimbra todinha, até para lá da penitenciária e da Sereia. Conta que uma vez ele e o Sr. Fernando fugiram lá por trás, quando os pides vieram atrás deles. O homem deles tinha lá passado a noite inteira à coca, suspeitava que os estudantes se iam ali reunir, até mandou instalar um telefone especial que só tocava lá em baixo no quartel-general. O número era o 20571 e o Sr. Fernando pregou-lhe uma partida com as "escutas" para a sala. Ia a função começar quando houve um dijuntor que estragou tudo, foram os esquemas todos pelo ar. A malta deu à sola e eles os dois desapareceram lá por cima. Ficou o pide a ligar às escuras para o 20571.

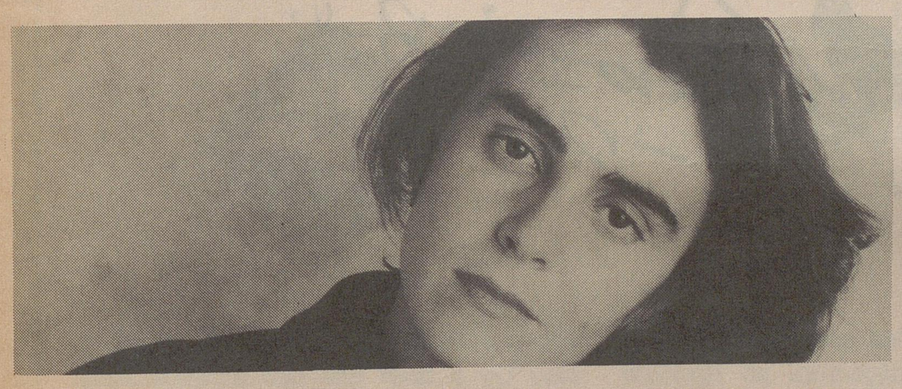
Depois de jantar, sentámo-nos confortavelmente a ver a história do tigre. No fim, fizemos uma rápida visita aos camarins para cumprimentar o Filipe Crawford. O Sr. Carvalho veio apressar-nos a dizer que eram horas de fechar a casa. Mas que podemos voltar sempre que quisermos. Nâo foi preciso ele insistir muito para prometermos que havemos de lá voltar. Sempre. Sanguinho de Cristo!

Maria Redondo

TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

30 ANOS DE CULTURA







PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES

1. ACÇÕES DE FORMAÇÃO

- A) WORKSHOP DE MARIONETAS - BEN VORNHOLT- MAIO
- B) SEMINÁRIO SOBRE ARGUMENTO NO CINEMA- ANTÓNIO CABRITA- JUNHO
- C) VIDEO: LINGUAGEM E UTILIZAÇÃO - JOÃO AZEVEDO- SETEMBRO
- D) WORKSHOP SOBRE MÁSCARA- FILIPE CRAWFORD- OUTUBRO
- E) SEMINÁRIO SOBRE DANÇA CONTEMPORÂNEA- ANTÓNIO PINTO RIBEIRO-NOVEMBRO

2. CICLO DE CINEMA BUSTER KEATON

- -DE 22 DE SETEMBRO A 6 DE OUTUBRO

3. CONJUNTO DE ESPECTÁCULOS DE TEATRO, MÚSICA E DANÇA

A) CICLO VOZES DO CÉU

- -MARIA JOÃO-11 DE OUTUBRO
- -MÍSIA-25 DE OUTUBRO
- -ANABELA DUARTE-8 DE NOVEMBRO
- -EUGÉNIA MELO E CASTRO-20 DE NOVEMBRO
- -NÉ LADEIRAS-6 DE DEZEMBRO
- -AMÁLIA RODRIGUES-13 DE DEZEMBRO

B) OUTROS ESPECTÁCULOS MUSICAIS:

- -DUO OSTERTAG (VIOLINO E PIANO) (COLAB. GOETHE INSTITUT)
- -DRÜMMELE MAA (PERCUSSÃO JAZZ) (COLAB. GOETHE INSTITUT)
- -TRIO 1790 (MOZART) (COLAB. GOETHE INSTITUT)

C) ESPECTÁCULOS DE TEATRO

CENTRO DRAMÁTICO DE ÉVORA

- -"CLÉRIGOS E ALMOCREVES", DE GIL VICENTE (COLAB. CONGRESSO INTERNACIONAL "O HUMANISMO PORTUGUÊS NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS" - 10 DE OUTUBRO
- -"ENTREMEZES", DE CERVANTES (COLAB. CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA) - 26 DE NOVEMBRO
- -"HELM", DE H. MICHELSEN -17 DE DEZEMBRO

FILIPE CRAWFORD

- -"A HISTÓRIA DO TIGRE", DE DARIO FO -17 E 18 DE OUTUBRO

CORNUCÓPIA:

-"ATÉ QUE, COMO, O QUÊ, QUASE", DE S. BECKETT -DEZEMBRO-

TEATRO DA MALAPOSTA

-"ELE HÁ COISAS DO DIABO" (GIL VICENTE)

4. ENCONTRO-DEBATE "COIMBRA: PRIORIDADE À CULTURA?"

- -DIAS 2 E 3 DE NOVEMBRO

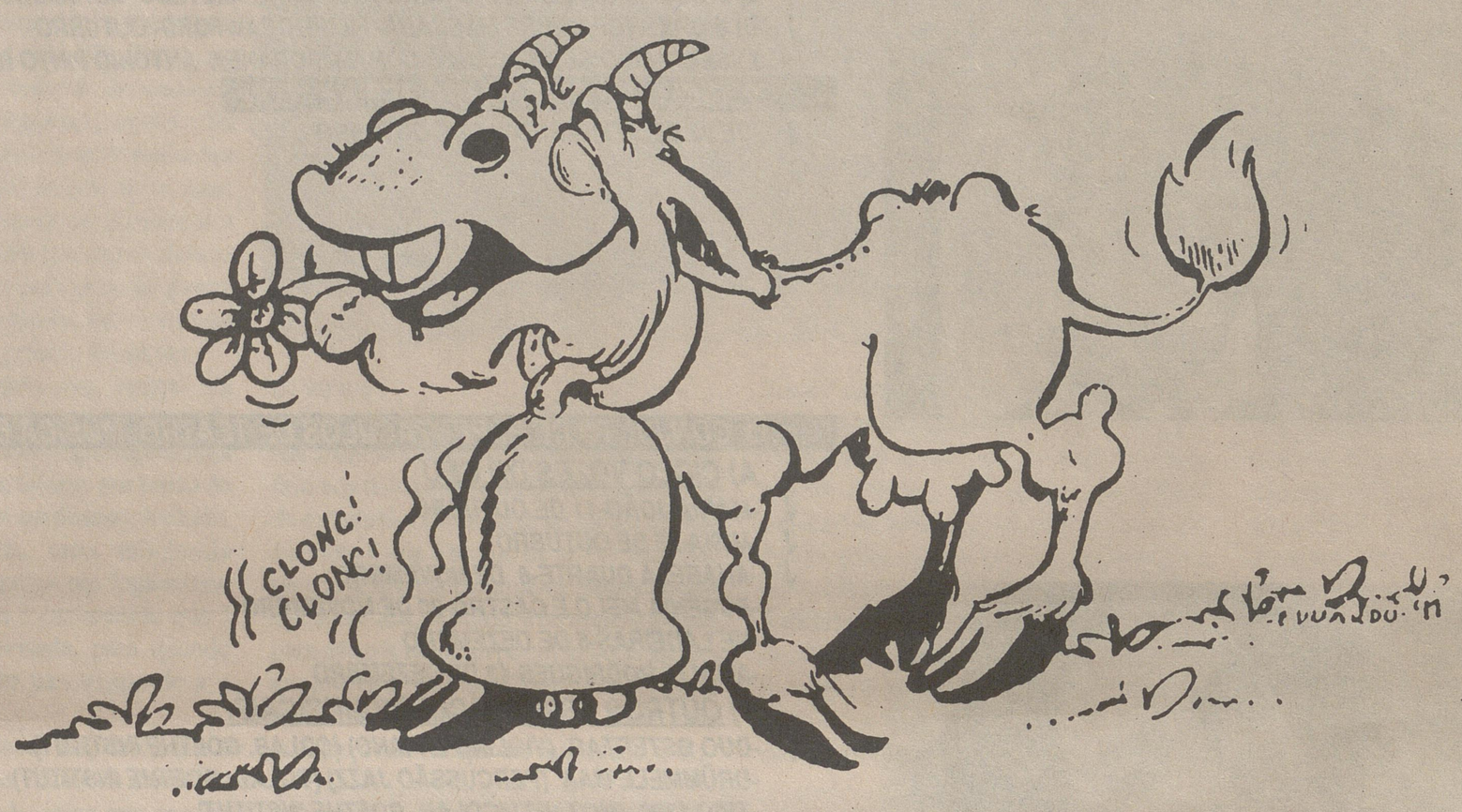
5. NOVEMBRO: MÊS DA DANÇA

CINEMA, VÍDEO, ACÇÃO DE FORMAÇÃO
ESPECTÁCULOS DE DANÇA
-MEG STUART
-PAULO RIBEIRO
-VERA MANTERO

6. PUBLICAÇÃO SOBRE OS 30 ANOS DO T.A.G.V.

7. EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL SOBRE OS 30 ANOS DO T.A.G.V.

A CABRA



O JORNAL DA ACADEMIA

Secção de Jornalismo

Tel 38475

Horário de expediente:

14.00 - 19.00 horas

–

DITOS E DESDITAS

QUESTIONÁRIO

PERGUNTAS:

1. Considera a atribuição do subsídio estatal às Repúblicas, uma manobra política? E o modo como está a ser feita a distribuição dessa mesma verba pelas casas?
2. O processo da decisão sobre a distribuição das verbas no Conselho de Repúblicas foi moroso e difícil. Pensa que a maior celeridade na resolução de problemas dentro do seio dos Conselhos justifica a substituição da Regra da Unanimidade pela da Maioria?

RESPOSTAS

PRESIDENTE DA AAC,
Fernando Alberto Guerra

1. Os projectos não são políticos, o intuito deste projecto não tem nada a ver com objectivos políticos. Visam apenas a preservação de um património que está degradado e que é preciso salvar. É um arranque positivo e há muito tempo desejado.
2. Claro que um projecto destes, que revela uma certa amplitude, não é um processo fácil porque existem as mais variadas soluções e propostas expostas nos Conselhos. Mas está-se sempre a trabalhar no sentido de encontrar as melhores soluções...

REAL REPÚBLICA SPREIT-Ó-FURO



1. Sem sombra de dúvidas, não digo manobras políticas mas uma espécie de cacicagem no período pré eleitoral. No entanto hoje, após as eleições, em que a mesma onda se mantém, não deixamos de pensar que houve uma certa reflexão perante as nossas degradadas casas.

O que realmente é de louvar...
A distribuição é demasiado complexa, mas desde que justa e baseada na boa vontade das casas, em melhores condições, será sempre uma solução apioada pela nossa casa. Esperamos e temos fé que assim seja nos próximos Conselhos.
2. Concordamos realmente com os Estatutos são um impeçilho à resolução de problemas urgentes. Consideramos, no entanto, que eles foram feitos para ter em conta a independência de certas casas e não se subjugarem à resolução das maiorias. Advogamos que haja uma selecção de matérias que necessitem de unanimidade e outras, secundárias, se possam resolver com uma maioria simples ou qualificada de 2/3. É um caso a estudar para mais tarde evitar que futuras resoluções sejam tão cumplicadas e difíceis quando poderiam ser resolvidas com maior brevidade.

REAL REPÚBLICA RÁPO-TÁXO



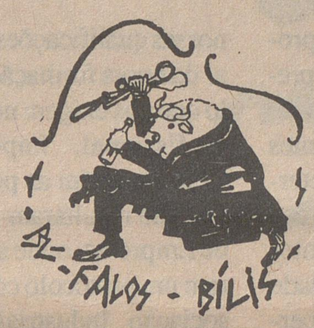
1. Tendo em conta todo o desenrolar do processo da atribuição do subsídio em questão, a nossa República pensa que não foi propriamente uma manobra política, no verdadeiro sentido da palavra, mas sim um aproveitamento da situação degradante das Repúblicas. Consideramos ainda que esta verba deveria ter sido atribuida pelo IPPC e Secretaria de Estado da Cultura. Atendendo ao desenrolar dos diversos Conselhos de Repúblicas, chegou-se a posições concretas para uma resolução viável do problema; e isto em função da escaça verba atribuida. Contudo, não deixamos de salientar que o processo, não foi inicialmente conduzido de acordo com o cunho público que lhe é devido.
2. Sim, devido o processo não ser de fácil abordagem na medida em que a avaliação técnica das necessidades de cada República, ter sido morosa e dificil. A respeito dos Estatutos que regem o Conselho de Repúblicas, a posição da Real República Rapó-Tacho é de que estes poderão vir a sofrer uma evolução. E isto, caso se reconheça que isso contribui para uma melhor e mais rápida resolução das questões com que se deparam as Repúblicas. Somos a favor de tomadas de posição por unanimidade, dentro do Conselho, sem que esta seja usada como forma de coação, dentro do bom espírito por que sempre se pautaram as Repúblicas de Coimbra.

REPÚBLICA BOTA-ABAIXO



1. A aplicação de um dinheiro público é sempre feita em função de uma política de obra feita, e ainda bem que desta vez os visados foram as Repúblicas.
2. Não foi, e o processo ainda não terminou. No entanto enquanto as Repúblicas o entenderem, os Conselhos de Repúblicas continuarão a ser o órgão representativo da definição dos interesses das Repúbicas. Mas é claro que na nossa opinião é necessário uma maior funcionalidade dos C.R.

PRÍNCIPADO DOS BU-FALOS-BILIS



Após terem sido votadas ao esquecimento durante anos, foram as Repúblicas da Coimbra. Consideras património nacional e, como tal, protegidos por lei. Acontece que paralelamente tinham as "casas" atingido um tal estado de degradação que necessitavam de urgentes medidas tendentes à recuperaçõa do espaço físico e do seu património cultural. Às dificuldades, responderam os républicos com uma intensa luta, visando conseguir subsídios para as obras necessárias. Só que estes sempre foram escassos e espaçados no tempo, nunca visando uma recuoeração global, mas tão somente alguns aspectos parciais.

Foi com alguma surpresa e também alguma esperança, que no Pricípado dos Bu-Falos-Bilis se recebeu a notícia de que o Governo, quiçá uma mediada algo eleitoralista, concedeu o subsídio de quinze mil contos para a recuperação das Repúblicas de Coimbra. Quinze mil contos é efectivamente muito dinheiro, só que as Repúblicas e Solares ultrapassam as duas dezenas, estando todas extremamente carênciadas. Uma delas a Comuna dos Galifões, a necessitar de reconstrução integral.

Perante este cenário seria hipocrisia reivindicar o direito a alguma dessas verbas, até porque as nossas necessidades são menores. Não desdenhariamos, no entanto, caso possivel, verbas para obras de conservação e beneficiação no valor de algumas dezenas de contos. Compreendemos contudo, que tal seria algo dificil de concretizar, face ao reduzido montante do subsídio atribuido, e fazemos votos para que num futuro breve se repita este gesto "de boa vontade governamental" de forma a dar novo ânimo a uma instituição tão carênciada como é a casa dos estudantes de Coimbra, na pessoa das suas Repúblicas.

Caixa 1

Esta foi na **Trunfé-Kopus**
Estava X na actividade mais solitária do ser humano, tinha finalmente chegado aos factos, quando juntamente com o calhau caiu o chão da casa de banho.

Nem só moscas caiem na sopa
No **Bota-Abaixo** há quem coma a famosa sopa de estuque. Nova canção da casa: "Porra, tirem os macacos do sotão!"

Nem todas as noites a dois são agradáveis
No **Spreit-Ó-Furo** por vezes as actividades sexuais consistem num mudar a cama do sítio por causa dos líquidos. Do tecto, seus mal intencionadinhos.

Duche a dois na **Rápo-Táxo**
No segundo andar há um chuveiro, que serve também o andar de baixo. Se em baixo há a desvantagem de a banheira ser o guarda-louça, tem a vantagem de se poder presenciar um espectáculo único de equilibrismo numa tábua, sem rede por baixo.

Iª FEIRA DE EMPRESAS

UNIVERSIDADE À PROCURA DE EMPREGO

De 4 a 8 de Novembro decorreu a primeira Feira das Empresas, iniciativa da Associação Académica, ou como agora é usual dizer a Direcção-Geral da AAC. Aproximar a Universidade do meio empresarial foi a ideia de fundo e, segundo os seus responsáveis, os resultados excederam as expectativas.



O certame decorreu em dois espaços distintos, nas faculdades e na Praça de República. Nas faculdades tiveram lugar diversas conferências que serviram para oferecer aos alunos uma nova perspectiva daquilo que os espera quando terminarem a licenciatura. As conferências abrangeram áreas tão diferentes como sejam: a Formação Profissional, onde se destacou o papel da Universidade, do Estado e das Empresas; a Planificação da educação face à realidade profissional. Segundo Marcelo Nuno, um dos organizadores e o mentor do projecto, o facto de estarem presentes pessoas qualificadas para falarem das diferentes áreas abrangidas foi determinante para o êxito das conferências. Os estudantes tiveram assim oportunidade de colocarem diversas perguntas que resultaram num frutuoso debate que constituiu um primeiro passo na aproximação decisiva e imprescindível da Universidade às realidades empresariais. Nas palavras de Marcelo Nuno, as conferências permitiram avaliar o tamanho do iato daquilo que são as nossas qualificações no limiar da nossa formação e aquilo que nos exigem no mundo profissional. Importantes foram também as perspectivas que resultaram da Feira de Empresas, onde se incluiram um protocolo com a Associação Industrial Portuguesa (AIP), que ainda não foi assinado, por não ter estado presente no certame o Presidente daquela associação.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

Segundo Marcelo Nuno, o protocolo tem um conteúdo bastante definido e é bastante amplo, implica uma cooperação entre a Universidade, a AAC e a AIP e tem como âmbito dois niveis. Por um lado, ao nível dos estudantes, a inserção de quadros de pre-licenciados, situação única na nossa Universidade, ao nível dos professores a possibilidade de serem incluidos em empresas associadas da A.I.P. .Por outro lado está prevista a possibilidade de se estabelecerem protocolos de investigação científica permitirá uma actualização constante dos professores, uma actualização teórica dos quadros e ainda a inserção profissional. Para Marcelo Nuno, a Feira de Empresas veio permitir constatar que muitos dos nossos professores não sabem muito bem o que se exige no mundo empresarial, e com a projecção que foi dada ao evento de certeza que abanou as estruturas da Universidade e fez pensar que algo vai mal a ponto de termos sido nós a implementar esta iniciativa.

SAIDAS PROFISSIONAIS

Sendo a primeira realização do género não se esperaria por certo resultados palpáveis pelo menos para aqueles que agora terminam a licenciatura. Marcelo Nuno considera que a Feira de Empresas abriu-lhes de certeza perspectivas, permitiu às pessoas abrir os olhos em relação ao que irão enfrentar. Os que se deslocaram ao Pavilhão de Exposições tiveram ao seu dispor a "Bolsa de Empregos" criada pela Direcção Geral e que segundo Marcelo Nuno verão os seus nomes em grandes empresas do país e eventualmente alguns deles serão contratados.

PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES

Na Praça da República teve lugar a exposição das empresas participantes na Feira. Como não há roas sem espinhos: primeiro foi conseguir a autorização da Câmara para a remoção dos candeiros centrais da Praça. Não foi à primeira, mas como nestes casos tudo se resolve, os candeiros acabaram por sair e o Pavilhão por chegar. Aqui surgiu o segundo problema, o pavilhão insuflável não estava no melhor estado de saúde, os remendos eram muitos, chamaram-se os bombeiros, mas o certo é que a coisa aguentou até ao fim. Obstáculos transpostos, a Exposição serviu para as empresas se darem a conhecer, ao mesmo tempo que os recém licenciados prenchiam boletins de inscrição, na esperança de um empregozito. A prioridade foi dada às empresas da região adiantou-nos Marcelo Nuno, tivemos algumas empresas que não faziam muito sentido estarem na Feira de Empresas da Universidade mas tivemos que ser coerentes, tivemos que as preferir em detrimento de outras empresas nacionais. Marcelo justifica assim o porquê de uma Escola de Condução estar presente no certame, facto que causou estranheza a todos quantos o visitaram O que é que uma Escola de Condução pode oferecer aos recém licenciados ou futuros licenciados da Universiade. Uma questão de coerência diz Marcelo Nuno. Pois! Dizemos nós.

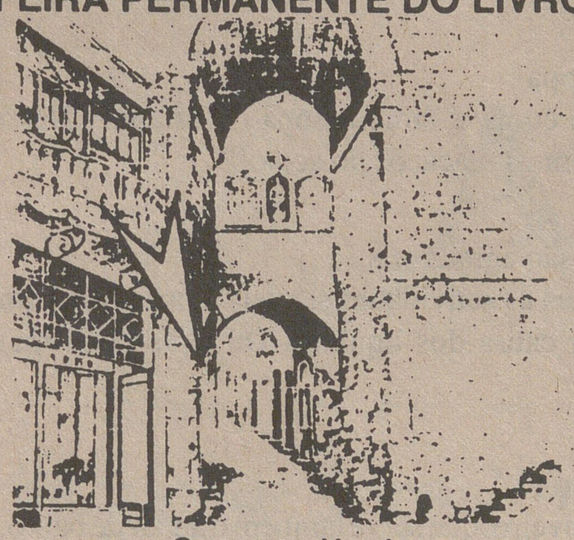
... ATÉ À PRÓXIMA

Realizar um projecto desta dimensão, carece de muitos e variados apoios. Marcelo Nuno desfila um rol de nomes de entiades que de alguma forma contribuiram com o seu apoio para a realização da Feira, mas não esquece a falta de apoio que sentiu por parte da Faculdade de Direito que se recusou a apoiar a iniciativa, o Presidente do Conselho Directivo chegou inclusivé a afirmar que a iniciativa não tinha interesse para a Faculdade de Direito.

Esta semana é o desmontar da tenda, é o preparar da próxima Feira, porque esta iniciativa foi apenas um início do longo caminho a percorrer no aproximar da Universidade ao tecido empresarial. Marcelo Nuno não desarma, diz-se cansado, mas aliviado por a Feira ter chegado ao fim, as pressões foram muitas, não houve tempo para férias ou para exames... mas valeu a pena.

J. A.

FEIRA PERMANENTE DO LIVRO



Compra e Venda

Livros novos, usados, antigos, curiosos e velhos.
Postais, mapas, revistas, jornais, etc.

5 Anos ao serviço da cultura

ARCO DA ALMEDINA, 33 - 35 COIMBRA

Vem comprar na A.A.C...

Papelaria
Fotocopiadora
Livraria
Material Desportivo
Campismo e Turismo
Bar

... Para te servir melhor

sandw ich bar

pub - bar concerto

discoteca -

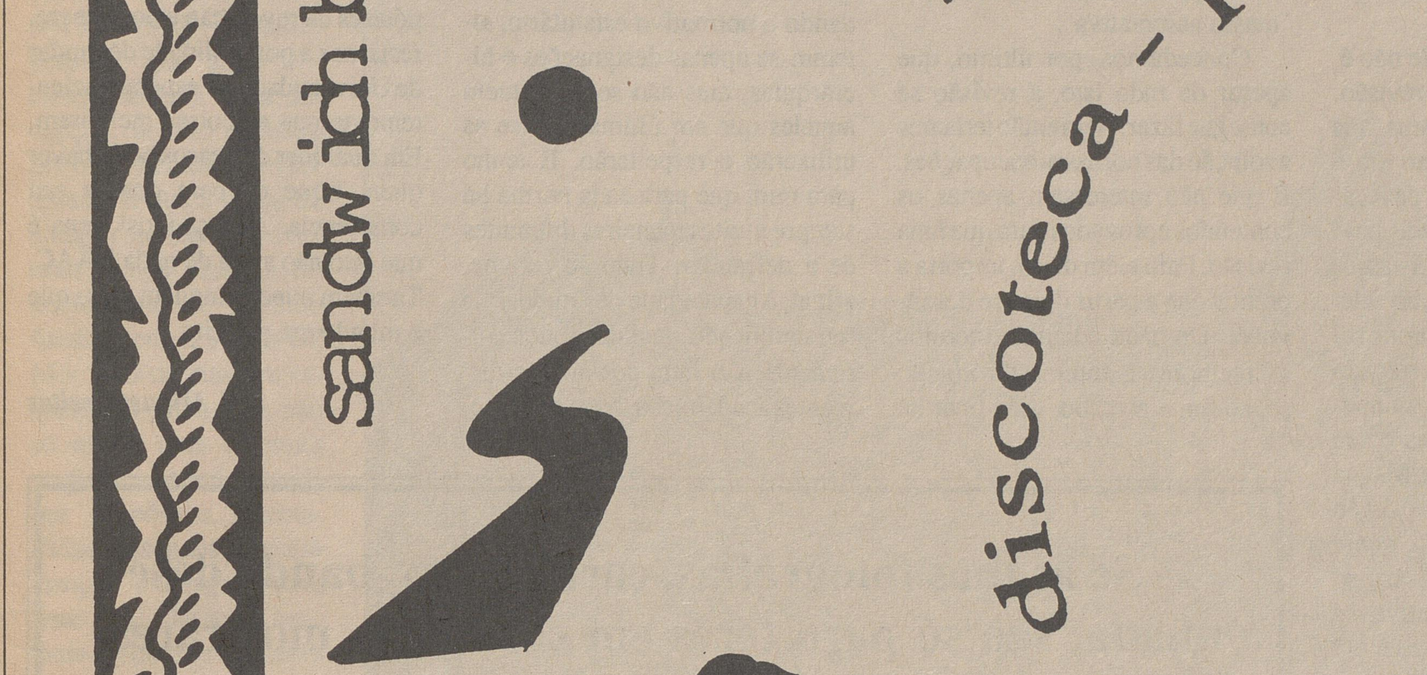
Scotch Club

JAZZ

SEXTAS DE

sexta e sábado

MUSICA AO VIVO





A REVISÃO IMPOSSÍVEL

Muito se tem falado, muito pouco se tem feito para levar a bom termo a revisão dos Estatutos da Associação Académica de Coimbra. Em épocas eleitorais sucessivas, ou em momentos eleitoralmente relevantes, por ela clamam os mais e os menos importantes projectos e candidatos a projectos políticos da nossa praça. Também, nesses momentos o Sol só não gira à volta da Terra porque desde Copérnico se sabe que isso não é assim e nem os nossos politiqueiros de serviço se atrevem a ir tão longe. O problema reside na concretização das promessas que então se fazem. No momento certo, toda aquela energia desaparece e... nada. A montanha acaba por parir um rato. É que custa a reconhecer, mas é verdade: essa revisão é impossível.

Não que isso seja algo de inexorável ou de inextricável. Se há coisa que me repugne é admitir que o conjunto dos sócios de uma qualquer associação não pode, por si, eliminar os vermes que parasitam o seu funcionamento ou, pura e simplesmente, o impedem. Só que não existe vontade nem capacidade para tanto. Nem sequer para rever os Estatutos.

Em vésperas do último acto eleitoral, por exemplo, foi-nos apresentado pela Mesa da Assembleia Magna um anteprojecto de revisão estatutária para eleitor ver. Este realmente viu, votou e calou. Só que não leu, ou teria compreendido que o seu autor, ou autores, pode ser capaz de qualquer coisa, menos de escrever e até de pensar. Mal escrito, ainda pior concebido, era, desde o seu aparecimento, uma iniciativa votada ao fracasso. Mas o que nele chama re-almente a atenção é o seu conteúdo. Complicando em vez de simplificar, recorrendo a expressões controvertidas ou mesmo incompreensíveis de todo, distribuindo ilogicamente o poder entre os diferentes órgãos associativos, sufocando as Secções com uma tutela apertada, regulando com minúcia matérias que deveria premeditadamente deixar lacunosas, este documento dá-nos uma antevisão do que será a vida associativa: ainda menos transparente, ainda menos operacional, o suficiente para dela afastar os poucos associados (políticos excluídos, que esses quase fazem parte da "herança" da Académica) que ainda se interessam pelos trilhos em que corre. Um tal testemunho de mediocridade, pois, nada augura de bom para o futuro da AAC e da revisão dos seus Estatutos.

Esta falta de capacidade não é, porém, o único obstáculo à revisão. Suponhamos, até (que Deus nos perdoe), que o anteprojecto era a resposta para as incertezas da Académica e que os responsáveis pelo processo convocavam os associados a pronunciar-se sobre ele. Nem assim conseguiriam bons resultados, já que o esquema traçado no actual texto estatutário o impediria. Senão vejamos. Reza o seu artigo 25º que "a Assembleia Magna de Voto [para os ignorantes, o órgão máximo da Académica, a quem compete a decisão de revisão] só será considerada deliberativa se 50% dos sócios efectivos da AAC exprimirem validamente o seu voto", para logo acrescentar o artigo 66º que uma tal decisão só pode ser tomada "em reunião especialmente convocada para o efeito com os votos favoráveis de 3/4 dos votantes"(!). Se tivermos em conta que o número de sócios efectivos anda à volta dos dezassete milhares e que a percentagem de votantes nas eleições para os órgãos directivos da Associação tem sido habitualmente inferior (bastante inferior, por sinal) à necessária para tornar deliberativa uma consulta à Assembleia Magna de Voto, é de crer que não é a revisão de uns Estatutos que quase ninguém conhece e todos desprezam, que mobilizará a "massa associativa".

Para os "profissionais" associativos o actual estado de coisas é um paraíso, aos associados qualquer coisa serve, aqueles que gostariam de ver o processo concluído pouco pesam no equilíbrio global da estratégia político-partidária que domina a Associação.

Concedamos, por último, que apesar de tudo isto, a revisão se consegue fazer. Nem então teríamos a solução das nossas preocupações. É que não interessam apenas os conteúdos aprovados para que haja revisão. Para além disso, importa a prática que a partir deles se desenvolva. De nada adiantaria termos os melhores Estatutos do mundo se, ao fim e ao cabo, tudo ficar na mesma, corruptos, compadres e afilhados incluídos. E, embora sem intenções de lançar o pânico, é isso que eu temo virá a acontecer. Mudando o normativo estatutário, alteram-se apenas designações e hierarquias, mas não se substituem aqueles que em última análise as utilizarão e respeitarão. E tenho para mim que para cada norma há sempre muitas maneiras diferentes de a defraudar. Tudo se resume, afinal, à capacidade de "moldar" o seu significado, qualidade que seguramente não falta aos nossos dirigentes académicos. Nem se pense, ingenuamente, que a acção fiscalizadora dos sócios pode pô-los na linha. Se é impossível interessá-los pela revisão, também será impossível interessá-los pelo respeito ao conteúdo que dela resultar.

Revisão impossível, dizia eu. E impossível porque a ninguém verdadeiramente importa, afinal, se ela é feita ou não. Para os "profissionais" associativos o actual estado de coisas é um paraíso, aos associados da AAC qualquer coisa serve, aqueles que gostariam de ver o processo concluído pouco pesam no equilíbrio global da estratégia político-partidária que domina a Associação. Postas de lado as hipóteses da revolução e do milagre, resta-nos a possibilidade de mudar de Universidade ou esperar pacientemente que as coisas melhorem. Em qualquer dos casos pode haver quem fique de bem com a sua consciência. Abençoados! Pena é que isso não sirva de nada à AAC. Também nunca ninguém disse que o mundo era perfeito.

P. Miguel Freitas

Se as tuas fotografias, caricaturas, banda desenhada, são só para teres em casa para mostrares áquelas pessoas que a tua senhoria deixa entrar, e se não gostas de escrever ou relacionar-te com outras pessoas, então continua a ler ...

A CABRA

... sossegado no teu cantinho.

Caso contrário, aparece na Secção de Jornalismo da A.A.C., e ser-te-á dada a oportunidade de mostrares o que vales.



A CABRA

O JORNAL DA ACADEMIA

Horário de expediente:
Segunda a Sexta: das 14 h ás 19 h.

UNIVERCIDADE

Uma noite senti a Beleza nos joelhos.
E achei-a amarga. E insultei-a."

Rim Baud



Vista parcial do Mosteiro de Santa Clara - a-Velha

Quem tomar contacto pela primeira vez com Santa Clara-a-Velha (c.1316-1330) é muito possivel que sinta inicialmente uma certa decepção, se não tambem, provavelmente, algum desprezo. É que a igreja do antigo convento das clarissas, único vestígio remanescente do cenóbio fundado em 1283 por D.ª Mor Dias na margem esquerda do Mondego, não só não é uma estrutura magnificiente e dominada por propósitos ostentatórios—os quais parecem sempre conseguir uma mais fácil adesão do visitante—como se encontra ainda deformada em relação ao seu aspecto original, enterrada nas areias aluviais do rio. Outro factor importante e a nosso ver correlativo é a forma demagógica como o Património Histórico-Cultural tem sido encarado no nosso País. O património arquitectónico, nomeadamente, ao invés de ser alvo de verdadeiras filosofias de salvaguardura e recuperação assentes em processos institucionais de cooperação entre Administração Central e os Municipios tem sido, pelo contrário, objecto de paliativos que mais não faem do que tentar desajeitadamente adiar a única conclusão a que inevitavelmente se chega: a de que o Portugal real se está nas tintas—não tenhamos receio do plebeísmo!—para as diferentes parcelas com interesse artístico e ciêntifico que compõem a sua memória colectiva e que, caracterizando-o, o individualizam. A Igreja de Santa Clara-a-Velha, apesar da sua singeleza quando olhada com os nossos olhos contemporâneos, é um desses pontos de referência na medida em que é um reflexo das possibilidades operativas de um determinado periodo da nossa arte e nesse sentido a expressão de uma época histórica. Para a compreendermos na sua verdadeira dimensão importa que a integremos no contexto em que surgiu, procurando identificar a sua mensagem através das caracteristicas que apresenta.

Apesar de o convento ter sido fundado ainda no século XIII, foi somente em principios do século XIV que se iniciou a construção da actual igreja, a qual substitui a original, mais modesta. Esta obra integrou-se num projecto de melhoramentos levado a cabo por D.ª Isabel de Aragão, mulher de D. Dinis. A atenção e o cuidado no erguer deste templo são indiciados pelo facto de Domingos Domingues, arquitecto régio, ter orientado as obras. Este já havia construido em Alcobaça o claustro da Abadia cisterciense, tendo aí contactado com a igreja monástica. É importante salientar que a Ordem de Cister entregava os projectos construtivos aos seus próprios monges, os quais, ao percorrerem toda a Europa no seu afã edificador (nos inicios do séc. XIII os cistercenses possuiam mais de 700 mosteiros...) uniformizavam grandemente todos os templos da Ordem. Estes tornavam-se reproduções, com ligeiras variantes, das casas-mãe de onde provinham os monges construtores (Fontenay, Pontigny, Noirlac, etc.) . A igreja alcobacense foi certamente construída por um monge oriundo de Claraval (região da Borgonha, em França) ou pelo menos aí formado. Assim o atestam várias semelhanças com aquele templo transpirenaico, hoje destruído. A arte de Alcobaça, contudo, não reflectia a arte do País. Este amadurecia ainda o formulári românico, mais rigido, menos elaborado e sobretudo menos dispendioso do que o imenso evolucionado espaço da igreja abacial. A sabedoria construtiva que aí se expressou não teve, consequentemente, continuação imediata.

Foi mais de meio século após a consagração dessa igreja (1252) que Domingos Domingues tentou construir em Santa Clara um abobadamento idêntico ao que vira em Alcobaça. Após ter erguido as três naves a igual altura cobriu-as totalmente com abóbadas, o que constituíu uma novidade em relação às construções que por essa época se faziam no País, as quais se limitavam a uma cobertura de madeira. No entanto, o arquitecto não conseguiu obter na totalidade o resultado que pretendia já que, além da cabeceira, somente as naves laterais possuem uma abóbada de cruzaria de ogivas. Na nave central, mais ampla, não conseguiu o mestre realizar este artificio, embora o haja tentado. Devido certamente à sua inexperiência em construir perfeitamente estruturas abobadadas, teve de se contentar em cobrir essa nave com uma abóbada de berço quebrado, mais simples, com grossos arcos torais.

Mas há outros aspectos em Santa Clara-a-Velha a chamar a atenção do visitante. Por um lado, a inexistência de transepto; por outro, o sistema de iluminação, composto por frestas com dois lumes—que, no exterior, se vão alterando com possantes contrafortes—e por três rosáceas, uma em cada topo e a terceira numa parede lateral, junto ao campanário, sobre a porta que comunicava com o desaparecido claustro.

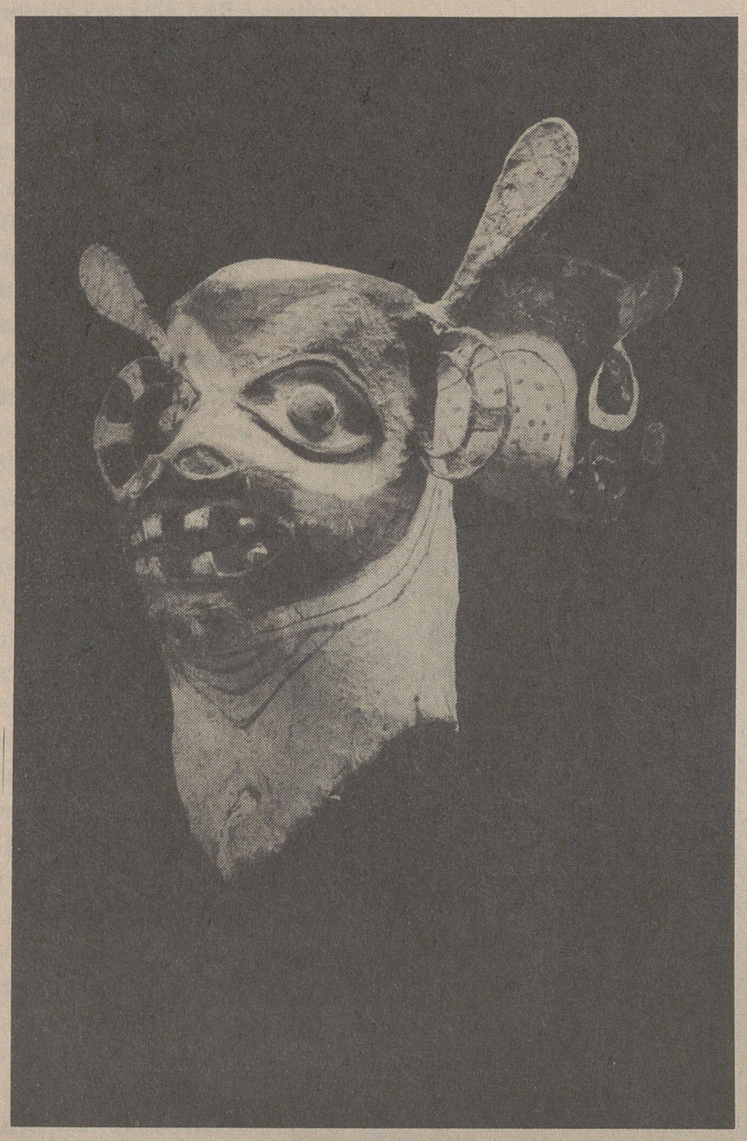
Em 1677 o Convento de Santa Clara foi abandonado, tendo-se a comunidade mudado para o novo cenóbio mandado construir no cimo da colina por D. João IV, ainda na primeira metade de Seiscentos.

A Igreja de Santa Clara-a-Velha integra-se nas obras de patrocínio real que na época dionisíaca procuravam ultrapassar uma certa rudeza técnica e pobreza de programas de fases anteriores, tentando enfileirar, ainda que com uma certa dificuldade, pelo receituário gótico então em voga no resto do Velho Continente, isoladas que haviam ficado experiências anteriores da autoria de técnicos estrangeiros (Igreja abacial de Santa Maria de Alcobaça e Sé Velha de Coimbra). É ainda fundamental referir, neste processo de sedimentação da nova estética, o papel desempenhado pelas ordens mendicantes as quais, acompanhando o avanço para as zonas mais meridionais do território, a contrapunham ao românico nortenho. As construções, essas, continuavam modestas se comparadas com o que se fazia no resto da Europa, onde o Gótico se encontrava já numa fase de pleno amadurecimento e onde as condições sócio-económicas diferiam consideravelmente das existentes no nosso País.

Mark Twain disse um dia que "há 'Grandes Homens' que são apenas anões esticados". Das cidades e dos países poder-se-há dizer coisa semelhante. Portugal, que constroi dispendiosos Centros Culturais e que realiza grandes exposiçõses para belga ver (com belissimas peças, o que até é legitimo e justificável), deixa o seu património degradar-se por vezes de forma irrecuperável—quando esse não é destruido pura e simplesmente, pese embora a Assembleia da República tenha recentemente ratificado a Conveção para a Salvaguardura do Património Arquitectónico da Europa, assinada em Granada em 3 de Outubro de 1985. O nosso País, infelizmente, parece continuar a querer possuir a sua casa deteriorada, embora se esforce por ostentar um bellisimo "hall" de entrada. Contudo, não nos esqueçamos de que cada vez que a beleza é insultada em Portugal todos nós temos a nossa quota parte de responsabilidade e de que de nada serve querermos passar por povo civilizado apenas com o vestirmos um fatinho assertoado ou usarmos uma gravata à moda. Urge, agora mais do que nunca, que amadureçamos como povo e que reivindiquemos tudo aquilo a que temos direito. Será talvez mais dificil do que pormos uns enormes tacões nos sapatos e esticarmos o pescoço, mas será tambem mais seguro e, sobretudo, bem mais digno.

João Garção

O BRASIL EM COIMBRA



sobretudo pode funcionar como projecto educativo.

A Dra. Maria Arminda Miranda, licenciada em História, assegura as visitas guiadas, explana o tema central da exposição, e no final garante uma projecção de diapositivos complementares. Professores, encarregados de educação e alunos dizem-se satisfeitos, e os curiosos e turistas não saem defraudados.

À entrada, o livro dos visitantes constitui um alforge de opiniões variadas, onde o elogio, as palavras de encorajamento e as sugestões se misturam com as críticas. certos visitantes denunciam a pouca luminosidade da exposição, a precaridade do roteiro descritivo das peças, a carestia do catálogo (11 mil escudos!). Uma nova forma de contar a História e problematizar conscientemente aquilo que foi o colonialismo português, em tempos de adesão ao Mercado Comum.

Da História do Museu

O material exposto está devidamente segurado. As peças são propriedade do Museu de Antropologia, com excepção de algumas vindas da Academia de Ciências de Lisboa e da Sociedade de Geografia.

Quando o Museu surgiu, no último quartel do século XIX, inscreveu-se no ideário da Antropologia Física: recolher materiais, conhecer as características e cultura material dos povos dominados, com vista ao exercício de uma governança mais eficaz.

O espólio do Museu é ultramarino por excelência, encerrando colecções riquíssimas, provenientes de Angola, Moçambique, Brasil, cabo Verde e Macau.

Os materiais foram sucessivamente remetidos por militares da Marinha Real, antigos governadores, coleccionadores particulares ligados ao exercício de cargos administrativos. A sua riqueza etnográfica reside essencialmente na sua antiguidade.

Após as demolições da Velha Alta, o Museu de Antropologia transferiu-se para o colégio de São Bento, em 1949, onde funcionava o Liceu José Falcão. As obras de adaptação do edifício — 1949/1966 — condenaram o espólio ao encaixotamento durante algumas décadas. Só em 1966 se tornou possível concretizar uma primeira amostragem dos materiais coleccionados.

Entretanto, por falta de pessoal técnico, o Museu voltava a fechar. Perdido o espaço em 1975, transformado em Secção de Textos, graças ao assalto da extrema esquerda estudantil, só no ano de 91 foi possível transferir o serviço de textos para o Hospital Velho, e devolver o espaço ao Museu. Findas as obras de restauro e adaptação, viabilizou-se a exposição Memória da Amazónia, com a qual reabre oficialmente o Museu. Futuramente, a Galeria comportará exposições anuais (Abril, Natal) privilegiando as colecções do Museu.

Na agenda, desde já, o desejo de concretizar uma exposição sobre instrumentos musicais populares portugueses.

O MUSEU DE ANTROPOLOGIA MOSTRA A AMAZÓNIA

Nos baixos do antigo Liceu José Falcão estende-se a exposição Memória da Amazónia, projecto do Museu de Antropologia da Universidade. Dela têm falado incansavelmente os jornais, a rádio e a R.T.P..

Primeiro começaram a chegar as turmas de História e Artes Visuais, desde os secundários de Coimbra e Região, aos do Porto, para logo de seguida brotarem os convites de extensão da exposição a outros espaços. Há pedidos de cidades como a Figueira da Foz, os Jerónimos em Lisboa, ou o Museu Grão Vasco, de Viseu.

O tema da exposição coaduna-se com as comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos, foca a problemática da colonização portuguesa em terras de além-mar, e



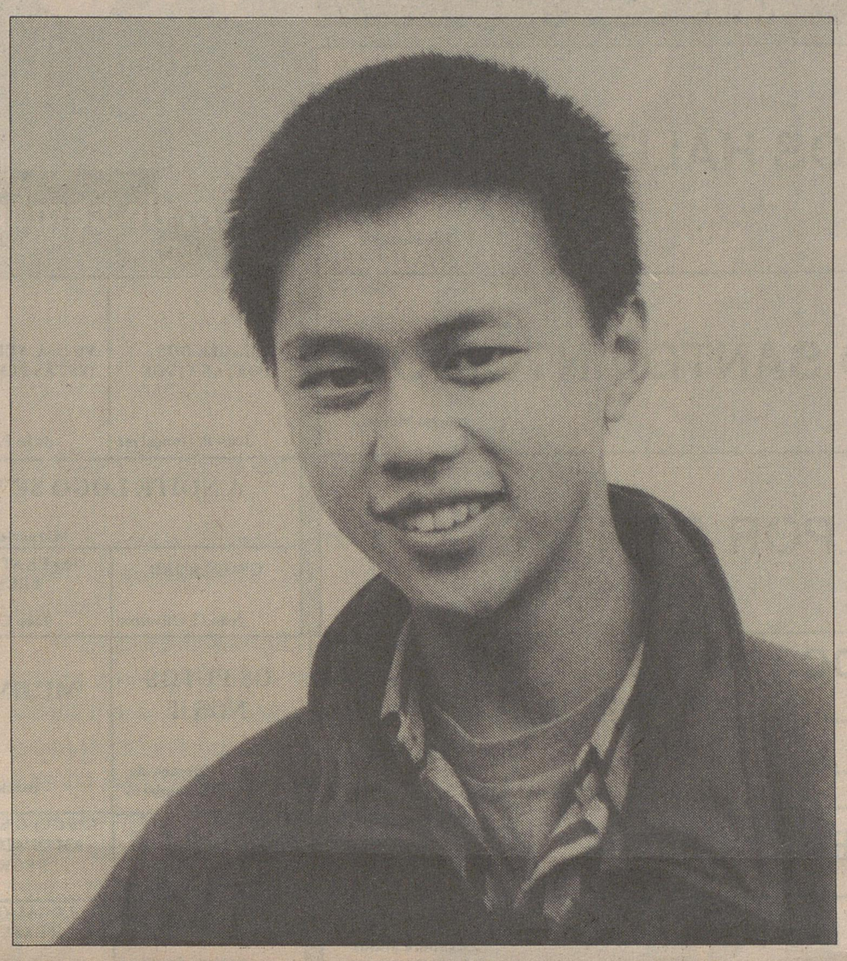
UNIVERSIDADE VIA LATINA

RECEPÇÃO AO CALOIRO

VIA LATINA

DIA 21 - QUINTA - 23.00h - FESTA DE LETRAS
DIA 22 - SEXTA - 23.00h - FESTA DE FARMÁCIA E PSICOLOGIA
DIA 23 - SÁBADO - 23.45h - FESTA DA F.C.T.U.C.
DIA 25 - SEGUNDA - 23.00h - FESTA DE DIREITO
DIA 26 - TERÇA - 23.45h - FESTA DE MEDICINA E ECONOMIA

UM CALOIRO DIFERENTE



Zhu Feng, 20 anos, é um caloiro diferente.

Chegou da China em 88, aperfeiçou o português e agora pediu entrada na nossa Universidade, na Faculdade de Economia—um sonho difícil de concretizar no seu país natal.

Vive na República Prakys-tão, adora a vida comunitária onde, segundo ele, o que importa é apoiar os colegas e que eles nos apoiem.

"A Cabra": Onde nasceste?

Zhu: Eu nasci na cidade de Wuhan, na província de Hubei —duas vezes Portugal, com cerca de cinco mil habitantes— está situada no centro da China.

"A Cabra": Fala-nos um pouco no teu percurso como estudante.

Zhu: Eu completei os meus estudos secundários numa Escola de Línguas Estrangeiras, onde estudei Francês durante dois anos e Inglês durante quatro. Comparada com as outras escolas secundárias do meu país, a minha escola era bastante aberta... bem, não muito, porque todas as escolas eram controladas. Mas, porque éramos uma escola de línguas estrangeiras, recebíamos muitas visitas de estrangeiros, tínhamos alguns professores estrangeiros e até alguns estudantes vindos de fora. Por vezes também tínhamos oportunidade de ir estudar para fora do país — na minha turma cinco alunos passaram um mês no Japão, integrados em famílias japonesas. Naturalmente que isto resultava numa maior abertura, se bem que aos professores e alunos estrangeiros não era permitido viver nas mesmas Residências nem comer nas mesmas cantinas que os estudantes chineses. As relações entre uns e outros era controlado e não eram vistas com muito bons olhos.

"A Cabra": Que importância é dada ao desporto nas escolas e universidades no teu país?

Zhu: O desporto de lazer é uma actividade muito popular nas escolas e mesmo nas universidades que tem polivalentes bem equipados onde os estudantes que querem podem ir treinar. Todas as universidades têm equipas de estudantes que competem em Competições Interfaculdades e Interuniversidades. A nível de competição há escolas especiais para desportistas. Os atletas destas escolas são selecionados a partir do nível pré-primário e treinados para a alta competição.

"A Cabra": Também frequentaste a Universidade na China?

Zhu: Sim, eu frequentava a Universidade para Negócios Estrangeiros em Beijing. Era uma Universidade muito especial — muito pequena, só com 600 alunos — porque os estudantes eram escolhidos pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, com o fim de formar um staff especializado para trabalhar no Ministério após a conclusão do curso.

É uma Universidade com um passado histórico bastante interessante. Fundada por volta de 1950, teve como seu primeiro Reitor Zhou Enlai, o primeiro Primeiro-Ministro da República Popular da China que também acumulava o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros (também o primeiro). O seu sucessor, o Gen. Cheng Yi, foi também uma figura de destaque no nosso país.

"A Cabra": Como tu não vivias em Beijing, onde é que residias no tempo de aulas?

Zhu: Wuhan fica longe de Beijing por isso eu vivia na Residência Universitária da minha Universidade. A Residência, assim como as cantinas, estava situada no mesmo edifício que a Universidade — uma coisa muito comum no meu país.

"A Cabra": Como era a vida dos estudantes fora do horário das aulas?

Zhu: Os estudantes na China mal têm vida nocturna. Os dormitórios apagam as luzes às 23h00, por isso temos que aproveitar o tempo, até essa hora, para estudar, e depois, como não à luz, não é fácil organizar divertimentos. No entanto há excepções como pelos Festivais. Nessa altura a Juventudo Comunista organiza festas e, por vezes, também os próprios estudantes.

"A Cabra": Onde é que vocês organizavam as festas?

Zhu: Como sabes na China há uma escassez de espaço, por isso organizávamos as festas nas salas de aulas, com a devida autorização da Universidade. Se não fizéssemos muito barulho era fácil obter essa autorização.

"A Cabra": Como as luzes eram apagadas às 23h00, onde é que os estudantes que quisessem estudar até mais tarde estudavam? Havia salas de estudo abertas até mais tarde?

Zhu: Não. Se quiséssemos podíamos ficar nas salas de aulas depois destas terminarem, durante algum tempo a estudar, mas depois das 23h00 não havia qualquer outro lugar onde pudéssemos estudar. Muitas vezes, alguns estudantes menos metódicos estudavam nas casas de banho ou então usavam outras fontes de luz. Por vezes usavam pilhas mas, como as pilhas eram caras e não tinham muito dinheiro, era muito comum usar velas. Por vezes os estudantes adormeciam a estudar e provocavam incêndios.

Algumas escolas e universidades também tinham controle de voltagem para impedir que os estudantes usassem aquecedores ou fogões eléctricos. Isto porque antes não havia qualquer tipo de aquecimento nos quartos. Hoje, em Beijing, já há aquecimento central mas mesmo assim só o ligam em Outubro quando já está muito frio.

"A Cabra": Como é o relacionamento entre colegas?

Zhu: Como a competição é muito renhida os estudantes são muito individualistas. Cada um luta pela sua própria sobrevivência e por isso não há muita unidade entre os estudantes. Também há algumas ideologias que estam a piorar as coisas, tornando os relacionamentos superficiais. Existem algumas grandes amizades mas os relacionamentos são normalmente complexos porque, por um lado as pessoas são colegas mas por outro estão em constante competição.

"Durante o tempo de escola é proibido aos estudantes namorar, podendo uma infracção ser punida com a expulsão da escola e proibição da continuação dos estudos.. Na Universidade... não é permitido aos estudantes casarem-se nem viverem juntos."

"A Cabra": E o relacionamento entre estudantes de sexos diferentes?

Zhu: Bem, nós somos uma sociedade muito mais conservadora que a portuguesa. Durante o tempo de escola é proibido aos estudantes namorar, podendo uma infracção ser punida com a expulsão da escola e proibição da continuação dos estudos. Na universidade já não é o mesmo, mas não é permitido aos estudantes casarem-se, nem viverem juntos.

"A Cabra": Deixando agora a China, passamos para Portugal. Quando é que chegaste a Portugal?

Zhu: Em Outubro de 1988.

"A Cabra": Porquê Portugal?

Zhu: Eu queria sair da China para conhecer a vida noutro país. Esse ano só permitiam que viéssemos estudar para Portugal pois queriam que melhorássemos os conhecimentos de português. Foi por essa razão que eu vim aqui estudar. Depois decidi ficar. Aprendi portugês e agora candidatei-me à Universidade de Coimbra.

"A Cabra": Que curso escolheste?

Zhu: Eu pedi ingresso na Faculdade de Economia. Para já ainda não tenho resposta.

"A Cabra": Tu estás a viver numa República, o que pensas destas habitações de estudantes e do seu modo de vida?

Zhu: Eu estou a viver na República Prá-kys-Tão. A princípio eu não tinha uma impressão muito boa das Repúblicas pois pareciam-me um pouco desorganizadas mas agora gosto muito. A minha casa é uma casa muito boa e gosto muito das pessoas que lá vivem. Gosto muito desta vida de comunidade onde o que importa é que as pessoas te apoiem e que tu as apoies.

"A Cabra": Com certeza que é uma experiência nova para ti...

Zhu: Não é, porque eu na escola secundária já tinha vivido uma experiência parecida, quando vivemos em dormitórios.

"A Cabra": Durante a tua estadia cá, para além das aulas de português, como é que tens ocupado o teu tempo?

Zhu: Eu estou a começar traduzir para português um livro de pequenas histórias de um escritor chinês muito conhecido e estudado no meu país, Lu Xun, que deve estar pronta para editar já para o ano que vem. Também faço traduções de documentos e textos para os meus colegas.

Teresa Gomes

Rádio Universidade de Coimbra 107,9 FM

Rui

	à semana	fim de semana	
07H30			
10H00	ESTRANHOS HÁLITOS — Rui Portulez		
12H00	DE QUE COR É O SANTO ANTÓNIO? — Afonso Macedo		
14H00	HISTÓRIAS POR CONTAR — Humberto Duarte		
15H00	LUZ AO FUNDO DO TÚNEL — António Cunha	TRÊS PISTAS — Scotch, Via Latina, States	
16H00	GODZILLA — José Braga, Afonso Macedo		
17H00	O FAZEDOR DE SONS — Filipe Ramos, Fernando Oliveiros		
18H00	RUMORES DO PLANETA — Inácio Castro, Alexandre Matos, João P. Figueiredo		
19H00	INFORMAÇÃO ACADÉMICA		
20H00	CÁ SE FAZEM... — José A. Gomes		
21H00	COMPOSITUM — Ricardo Santos; L'ÉTRANGER — André S. Soares; DIVERGÊNCIA/ BERLIM — Paulo Eno; NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL — Tiago Magalhães		
22H00	ROTA DAS TORMENTAS — Paulo Saraiva, José Diogo		
00H00	RUÍDOS DE FUNDO — Avelino Américo, Pedro Silva, Pedro Dias		
02H00	AS SOMBRAS DO JARDINS DE WILLOW — Paulo Antunes; BALADA DO MAR SALGADO — Afonso Macedo; OLHO PRIVADO — José Diogo; ATAQUE — Manuel Portela		
	segunda feira	terça feira	quarta feira	quinta feira	sexta feira	sábado	domingo
10H00		CLUBE DOS POETAS VIVOS — João P. Gonçalves; VOLTA, SEBASTIÃO! (ESTÁS PERDOADO) — João P. Gonçalves	
12H00		À NOITE LOGO SE VÊ — Margarida M. Silva	
13H00		CROSS ROAD — João C. Oliveiros; FEEL STREET BLUES — João C. Oliveiros	
14H00		OS PUTOS NOS ii — Espaço do Secundário; MUJIMBO — Inácio Castro	
16H00		ECOLOGIAS — Grupo Ecológico; CÍRCULO BRANCO EM QUADRADO NEGRO — C.A.P.C.	
17H00		AMBIENTES — António Santiago; LOCAL QUASE PERFEITO — João L. Emídio	
18H00		ESPÍRITOS ALADOS — José Viegas; HORAS EXTRAORDINÁRIAS — Luisa Lopes, Alexandre Matos	
20H00		O SONO DE UM CURIOSO — Francisco Estrada, José E. Gomes, Francisco C. Pinto	
21H00		O SEXO DO TEXTO — Muriel Anastaze; RÁDIORIENTE — Pedro Lacerda; AOS CONDUTORES DE DOMINGO — Pedro G. Loureiro	
22H00		CARNE DE ARAME — Paula Serra; NINHO DE SERPENTES — Luisa Alexandra; A DIFERENÇA NO SILÊNCIO — P. Silva/ A. Américo	
23H00		INTERIORES — Rui Fernandes; VI UM HOMEM QUE VIU OUTRO QUE VIU O MAR — João J. Cardoso; OS DEGRAUS DO PARAÍSO — Domingos Costa	
00H00		D. DINIS — Pedro Dias, João P. Saraiva; RUÍNAS CIRCULARES — José Braga; STRIP TEASE — Paulo Santos	
02H00	MIL E UMA NOITES		
07H30	música em discos compactos		
10H00			

DESPORTO

Eduardo Jorge

Começar o Campeonato Nacional da I Divisão em Basquetebol, defrontando equipas como a Ovarense, o Beira-Mar, o F.C. do Porto e o Benfica, é sempre difícil para qualquer equipa, mais ainda para os...«caloiros» da Académica, estreantes neste escalão superior, no meio de «doutores» já bem famosos, com os clubes atrás citados.

Contudo e apesar das derrotas inicialmente sofridas, excepção feita ao excelente triunfo frente aos «portistas», a Académica, com uma equipa muito jovem, tem realizado exibições que têm deixado os seus responsáveis satisfeitos, perspectivando-se, por isso, o futuro com um certo optimismo, tendo em conta o objectivo traçado para esta época e que passa pela manutenção.

A Secção de Basquetebol da Académica é uma das mais antigas da Associação Académica de Coimbra e possuidora de um valoroso palmarés, onde se destacam doze títulos de Campeão Nacional e seis conquistas da Taça de Portugal.

Foi exactamente para nos falar do basquetebol da Académica/Norgrupo e da presente temporada, que fomos ouvir João Rafael, Secretário Geral da Secção.

O início de campeonato

— Fazendo uma pequena retrospectiva e tendo em conta as exigências deste difícil início de campeonato, que «balanço» até esta altura?

— Bom, a direcção encara, vá lá, com uma certa naturalidade as derrotas sofridas inicialmente, no entanto fica a certeza das boas prestações que a equipa deixou. Refiro-me concretamente aos dois primeiros jogos, em que oferecemos excelente réplica. Já a vitória sobre o F.C. do Porto foi excelente e esperamos que seja a «rampa de lançamento» para um bom campeonato.

— Ultrapassada esta fase de jogos com elevado grau de dificuldade, seguem-se outros onde se aguardam bons resultados...

— Sim, ultrapassada esta fase, sem dúvida, difícil, tentaremos vencer as partidas que se seguem e assim melhorar a nossa classificação. Embora conscientes das dificuldades que teremos que «derrubar»...

— A época passada, a Académica lutou pela subida, este ano luta para não descer. Qual destes propósitos é o mais exigente?

— Agora exige-se, de facto, muito mais, quer ao nível da organização, quer inclusivé em termos de plantel. Como em qualquer campeonato, as exigências de uma segunda divisão para o escalão superior... triplicam!

O objectivo para esta época

— Quais as linhas de orientação traçadas para esta temporada?

— Estamos a trabalhar com uma equipa muito jovem, a média de idades é pois muito baixa, repare, temos jogadores que rondam os 17 e os 20 anos. E ainda outros que, naturalmente, procuram transmitir a sua maior experiência. Temos cinco reforços, todos eles muito novos, mas com largo futuro à sua frente.

Mais à frente:

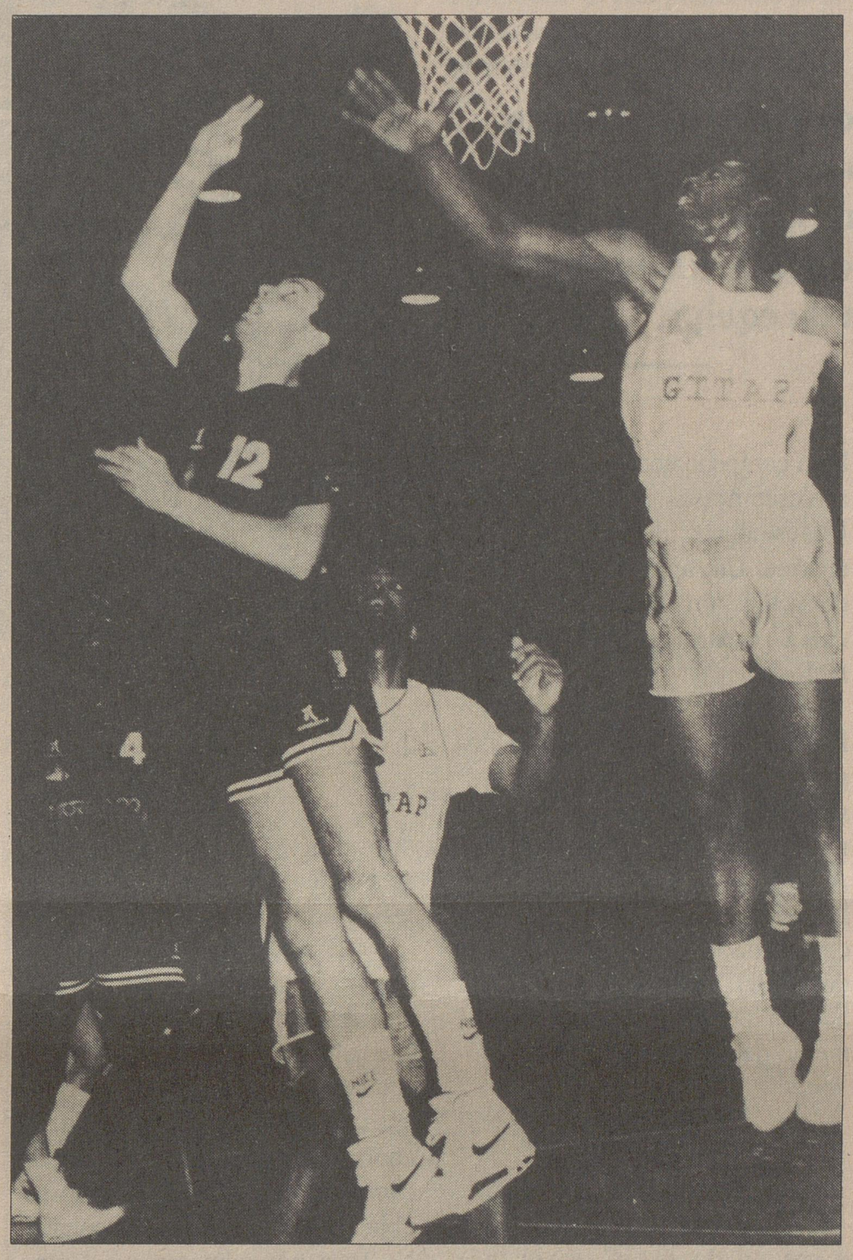
— No fundo, propomo-nos efectuar um campeonato tranquilo, sem sobressaltos. Este ano é realmente importante manter a nossa equipa na I Divisão, para posteriormente podermos visar outros objectivos. Por aquilo que conheço da modalidade, acredito que a Académica possa ficar entre os oito primeiros classificados e assim podermos eventualmente disputar os «play-offs».

A «mística» do basquetebol

— Para fazer face às despesas que o clube, por certo, tem, quais são as fontes de receita da Secção?

— Temos várias, entre receitas, iniciativas e patrocínios. As receitas surgem através dos jogos e dos placares publicitários. Os patrocínios são do Norgrupo e do Banco Totta e Açores e as iniciativas enquadram-se por exemplo na vinda dos «Globthroters» a Coimbra e estamos a pensar noutras. Aliás, penso que esta Secção é uma das mais criativas pelas ideias do presidente, Dr. Maló de Abreu, que tem feito coisas excelentes.

— Os estudantes, a massa associativa em geral, têm aderido, comparecendo aos jogos e apoiando a equipa, ou esse apoio tem ficado aquém do esperado?



— Penso que os estudantes e a massa associativa têm apoiado esta equipa da Académica. As claques dos «Fans», «Manchas Negras» e outras, costumam ir a todos os jogos. E já agora, aproveito esta oportunidade para anunciar que estamos a distribuir, gratuitamente, nas Escolas — e para todos os jogos — três mil convites jovens, para miúdos dos oito aos catorze anos.

— Tendo em vista a promoção da modalidade na cidade...

— Sim, é esse o objectivo. O basquetebol em Coimbra, quer queiramos quer não, é a modalidade mística, digamos, é o basquetebol que outrora teve grandes êxitos e por isso aquele escalão etário de pessoas entre os quarenta e os cinquenta anos, se vai ao futebol... também vem cá ver o basquetebol. Penso que — disse-nos a concluir — depois do futebol somos a segunda modalidade em Coimbra.

«Ficar entre os oito primeiros»
— António Pereira (treinador)

Treinador da turma da Académica, António Pereira falou ao nosso jornal e a nossa reportagem foi auscultar a sua opinião sobre esta esta época de 1991/92, do basquetebol da equipa da «Briosa».

Nas suas primeiras palavras, começou por nos falar sobre o início da competição.

— Tivemos algumas lesões na pré-temporada e não pudemos durante essas quatro semanas iniciais trabalhar como pensávamos. Daí também alguma dificuldade inicial para um ritmo competitivo de I Divisão.

— Que objectivos para esta temporada 91/92?

— Existem dois objectivos. Na área da formação de jogadores, temos traçada uma linha de desenvolvimento. Se o trabalho for bom, é natural que passemos a ganhar mais jogos e em termos competitivos vamos tentar ficar entre os oito primeiros e assim sermos apurados para os «play-offs».

— Satisfeito com o plantel que tem à sua disposição?

— Este é o plantel possível e, como tal, é com este que temos que trabalhar. A maior parte dos jogadores transitam já da temporada anterior, há só duas «caras novas», acredito que vamos conseguir atingir as nossas pretensões.

— Na sua opinião, quais as equipas mais fortes?

— O Benfica e a Ovarense. Penso que uma destas equipas irá vencer este Campeonato Nacional.

Luís Nuno Olim

DIRECÇÃO GERAL DOS DESPORTOS
A NOSSA VOCAÇÃO É APOIAR O DESPORTO
DELEGAÇÃO DE COIMBRA

A BR

Secção de Futebol da A.A.C.
procura dar um salto qualitativo

«Todos sabemos que será muito difícil mas pensamos seriamente na subida»

Convicção expressa ao nosso jornal pelo director da Secção, Luís Bruno, que lança um apelo aos estudantes, para que estes compareçam aos jogos e possa existir assim, um maior apoio à volta da equipa.



Filiada na Associação de Futebol de Coimbra em 1876, portanto, o ano da sua fundação, a Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra, participou no Campeonato da 1ª. Liga — quando se iniciou a competição organizada no nosso país — sendo totalista em presenças na mesma. No Campeonato de Portugal, a Secção conta com 13 participações e no Campeonato Nacional da I Divisão, o destaque vai para um segundo lugar alcançado e duas presenças em provas das competições europeias, Taça das Taças (1969/70) e Taça UEFA (1968/69). Na Taça de Portugal, nas quarenta e seis presenças, o grande feito... histórico, aconteceu com a brilhante conquista do troféu, na temporada de 1938/39.

Acabado o profissionalismo em 1974, a Secção manteve-se por algum tempo só com o futebol universitário, para cinco anos mais tarde, voltar a federar-se na Associação de Futebol de Coimbra, começando por militar na III Divisão Distrital.

Em 1986, foi implementado o «Plano para desenvolvimento da Secção» e cedo apareceram os «frutos» dessa aposta, uma vez que no ano seguinte acontece a ascensão à II Divisão Distrital e logo depois nova subida, desta feita à I Divisão Distrital. O futebol universitário não é descurado e depois de um «jejum» de vinte e seis anos, a A.A.C. sagra-se Campeã Nacional Universitária em 1990.

Esta época, a aposta reside na feitura de uma boa carreira na I Divisão Distrital, com vista à subida à nova Divisão de Honra... Distrital. Mas o primeiro lugar — esse dará acesso à subida à III Divisão Nacional — não está posto de parte, a equipa tem vindo a trabalhar bem, o plantel é homogéneo e o treinador denota ambição e competência. Todo o grupo está confiante num bom campeonato. Mas é feito um apelo, com vista... a um maior apoio. Dos estudantes, dos colegas universitários. Um apoio que nos jogos constitua um incentivo para a A.A.C. cada vez poder fazer mais e melhor.

Estudante de Engenharia Informática, Luís Bruno é um dos mais recentes elementos que passou a integrar os quadros da direcção da Secção de Futebol da A.A.C.. Num treino realizado no Estádio Universitário, fomos encontrá-lo a acompanhar os trabalhos do plantel. E conversámos sobre a Secção de Futebol, num depoimento que aqui fica registado.

Os objectivos para esta época

— Quais são os objectivos que a equipa da A.A.C. se propõe atingir na presente temporada?

— Acima de tudo — começa por nos dizer — pretendemos obter uma boa classificação e que passará por ficarmos entre os seis primeiros da nossa série. Porque, como sabe, para a próxima época será criada a Divisão de Honra Distrital, que comportará as seis equipas situadas abaixo dos vencedores das duas séries, A e B.

— Isso quer dizer que a subida à III Divisão Nacional está fora de questão?

— Não, não. Sabemos que será muito difícil subirmos este ano, pois só o primeiro classificado terá esse «direito». Mas estamos a trabalhar bem e o treinador e os jogadores — e nós também — estamos a pensar muito seriamente na subida de divisão. Temos potencial para efectuar uma boa temporada.

— Outra competição em que a equipa se encontra envolvida é a Taça da Associação de Futebol de Coimbra. O ano passado, a A.A.C. atingiu as meias-finais. E, esta época, teremos os «estudantes» a lutarem pela Taça?

— Bom, a nossa participação tem em vista chegarmos até à final e, se assim acontecer, naturalmente que jogaremos para ganhar. Mas aqui também o factor sorte irá «pesar» um pouco, recordo que o ano passado actuámos sempre em campos adversários. Mas o nosso objectivo principal é o campeonato. Na Taça, naturalmente que tentaremos ir o mais longe possível...

— A pré-temporada teve lugar em Itália, num Torneio organizado pela Universidade de Sienna. Que «balanço»?

— Sabe, tivemos alguns problemas, nem todos os elementos da equipa puderam deslocar-se a Itália, pois tinham exames. Ficámos em quarto lugar no Torneio, num total de sete equipas participantes.

— Pensa que a equipa da A.A.C. poderia ter deixado outra «imagem»?

— Poderíamos ter tido outro tipo de participação, se todos os elementos tivessem podido estar presentes. Mas foi bom, projectou-se o nome da Academia e houve um intercâmbio que é salutar a todos os níveis.

Noutro tom:

— Posso-lhe adiantar que estamos a pensar em realizar cá em Coimbra um Torneio com estas características, com Universidades de fora. Vamos tentar levar esta iniciativa por diante, mas ainda estamos numa fase de estudo, digamos assim.

A A.A.C. e os estudantes

— Esta equipa da Académica continua fiel aos seus «princípios», os atletas do plantel são estudantes universitários.

— Sim. E daí também as adversidades, vá lá, que daí resultam, da dificuldade que reside em conciliar o binómio estudo/desporto. Há certas fases do campeonato, em que a equipa se ressente disso, o que, convenhamos, é de certo modo natural. Há determinados elementos que não podem vir treinar em certos dias, existem as frequências, os exames. Também por isso temos que possuir um plantel de certo modo vasto. Só cá jogam estudantes do ensino superior, é essa a filosofia.

Uma «revelação» curiosa:

— Sabe, de toda a gente que está ligada ao plantel da equipa da A.A.C., só o roupeiro e o massagista é que não são estudantes universitários... Até o nosso treinador, Paulo Falcão, estuda.

— A A.A.C. é um clube amador, ou seja, não paga salários aos jogadores.

— Exacto, os jogadores estão aqui por gosto, apenas pagamos o almoço antes dos jogos e os equipamentos provêm do nosso patrocinador, a Umbro.

— Sentem-se pouco apoiados pela Universidade?

— Fundamentalmente necessitávamos de um regime especial de exames, há outras secções, por exemplo, que têm. Repare, quando aconteceu a nossa deslocação em Setembro a Itália, houve adiamentos de exames e pudemos efectuar alguns mais tarde. Isso foi muito bom.

— E em termos de apoio a nível da malta estudante?

— Ainda bem que me fala nisso, pois aproveito aqui para pedir maior apoio dos nossos colegas estudantes nos jogos que realizamos. Sabe, quando actuamos no nosso recinto, parece que estamos a jogar fora. Vem pouquíssima gente ver-nos jogar. E esse era um apoio que por certo muito iria incentivar a equipa!

— Os estudantes têm entrada gratuita para assistirem às partidas?

— Sim, os estudantes, desde que apresentem o respectivo cartão, não pagam para assistir aos encontros, enquanto que o público em geral paga duzentos escudos pelo bilhete.

Luís Bruno a finalizar:

— Estamos a tentar arranjar os «amigos da Secção», que no fundo são antigos jogadores, ou amigos nossos, de forma a «arrastá-los» para todos os domingos virem cá ao Estádio Universitário apoiar a equipa da A.A.C. nos jogos.

RIOSA

Pouco apoio dos estudantes

«Mesmo quando actuamos em "casa" parece que estamos a jogar... "fora"»

Palavras do «capitão» da equipa da A.A.C., *Rui Pedro*, que também é um dos directores da Secção de Futebol, que procura cada vez mais incrementar a sua actividade.

Aluno do 4º. ano de Engenharia Civil, Rui Pedro não só acumula as funções de capitão da equipa da A.A.C., como também é um dos directores da Secção. Já jogou futebol e está nesta equipa, pelo gosto que o liga à modalidade e à Academia.

Também ele falou à nossa reportagem, começando por nos referir os seus objectivos para a presente temporada.

— A nível individual procuro dar o meu melhor à Secção e espero que esse melhor possa ser... muito, *diz-nos, esboçando um sorriso*. No que diz respeito ao colectivo, aí vamos procurar alcançar uma classificação que nos permita o apuramento para a nova Divisão de Honra, que se vai formar para o ano. Mas se a dado passo do campeonato, verificarmos que poderemos lutar pelo primeiro lugar... não enjeitaremos essa hipótese. Vamos ver...

E prossegue:

— Paralelamente e não menos importante, iremos trabalhar com vista a incrementar a nossa Secção, para que, de ano para ano, possamos engradecer o nome da nossa Academia. Também isto será importante, tendo em vista o futuro.

O ambiente dos jogos

— Colegas seus já me contaram que nas partidas disputadas «fora», por vezes deparam-se com ambientes hostis...

— Sim, infelizmente é verdade. Mas também outro problema — e que não é novidade — é que mesmo quando jogamos em «casa», no fundo estamos a actuar «fora». No primeiro encontro disputado no Estádio Universitário para o campeonato, o nosso treinador foi insultado várias vezes, fomos apupados, enfim...

— A única vantagem, acaba por ser o facto de actuarem num campo relvado.

— É verdade que sim. As outras equipas não estão habituadas e a relva cansa mais do que um pelado.

— Portanto, falta apoio em termos de público afecto à equipa da A.A.C....

— Exacto, também é verdade que temos pouca divulgação. Mas vamos procurar dar mais a conhecer a nossa representatividade na Academia. Para isso também contamos com o vosso apoio. Mas, fundamentalmente, queria pedi-lo ao pessoal da Academia, pois nós jogamos para eles e representamo-los, mas, dizia eu, pedia-lhes um maior apoio nos jogos que realizamos cá. E quem quiser jogar futebol que venha ter com a nossa Secção.

— Uma proposta que a A.A.C./O.A.F. vos fez há algum tempo atrás, no sentido de alguns juniores saídos do clube virem representar a Secção foi recusada por vocês. O que é que se passou concretamente?

— Nessa altura eu era um mero jogador e participei na Assembleia Geral como sócio. O que se passou na altura é que as pessoas que votaram contra, não o fizeram contra a ideia proposta, mas fundamentalmente porque se pensou que a Secção iria perder as características que ela tem de ser amadora e formada apenas por estudantes do ensino superior, que era uma coisa que a A.A.C./O.A.F. não ia querer deixar ficar assim.

Depois:

— A intenção era pôr os jovens saídos dos juniores do O.A.F. na nossa equipa e só uma pequena parte dos jogadores é que seriam universitários. Essa proposta não foi, portanto, aprovada.

Patrocínios e protocolos

— Existe um protocolo com a «Tecla», que vos proporciona onze cursos por ano.

— Sim, são vários cursos ministrados pela «Tecla», mas em princípio, parece-me que os mais solicitados são a nível da Informática. Isso já está preparado para apresentar aos jogadores da equipa e é algo que naturalmente nos satisfaz.



— O patrocínio com a Umbro a nível de equipamentos fornece-vos bom material...

— Bom, não,... óptimo! Temos todo o material desportivo, equipamentos, bolas, botas, fatos de treino, etc... Estamos muito contentes com esse patrocínio e aproveito para desta forma, publicamente, apresentar o nosso agradecimento. A Norsport — uma empresa de Vila do Conde que rèpresenta a Umbro — está a fazer esta divulgação através de nós, essencialmente pela simpatia que a nossa equipa lhes transmite. Precisamos agora é do apoio da D.G. e dos Serviços Sociais, para conseguirmos algumas contrapartidas.

— Quais serão?

— Antes de tudo queremos e vamos efectuar uma cerimónia oficial — que gostaríamos que fosse realizada no D. Dinis — de celebração do contrato. Onde contamos ter presentes diversas entidades oficiais, a representante da Umbro, Norsport e a comunicação social.

— Como é que se encontra a situação financeira da Secção?

— Na recente viagem efectuada a Itália, tivemos algumas dificuldades em conseguir dinheiro para a deslocação. Os jogadores tiveram, durante as viagens, que dormir no autocarro, pagar as suas próprias refeições, mas estamos habituados, somos puramente amadores. Bom, mas respondendo concretamente à sua pergunta e de uma maneira geral, estamos com algumas dificuldades e limitações.

— Há que procurar pois «fontes» de receitas...

— É isso que temos feito e através de um protocolo celebrado com a D.G. temos publicidade no campo de Santa Cruz por nossa conta, através dos placares. Vamos procurar firmas que estejam interessadas, no fundo, em colaborar connosco e a serem publicitadas desta forma. O campo de Santa Cruz é um local bom para isso, pois tem uma faixa de ocupação muito elevada, todos os dias da semana tem lá muita gente a ver e a praticar desporto.

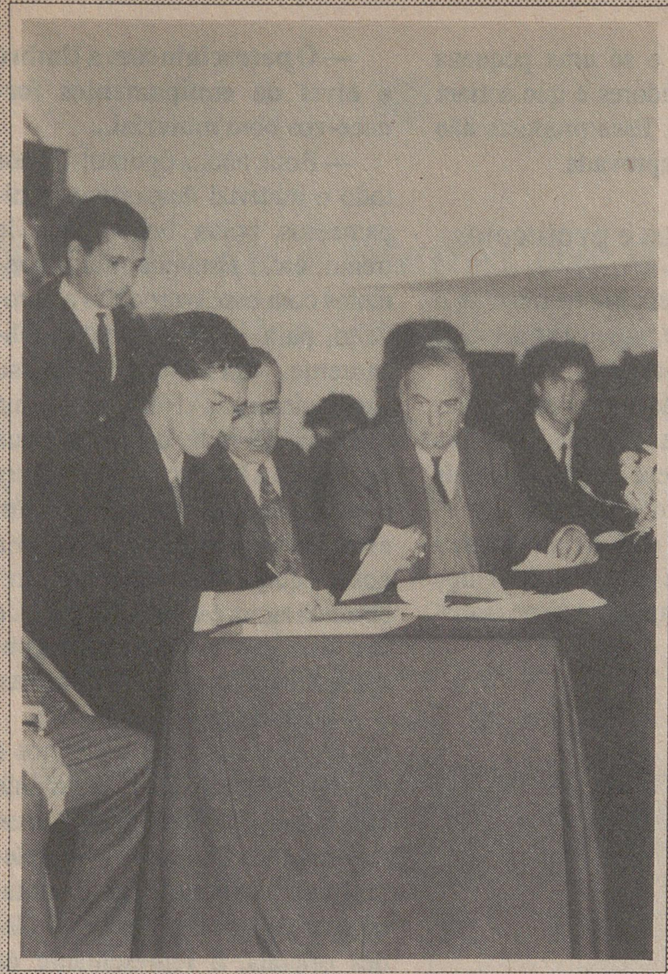
«A Cabra» acompanhou a Académica na Taça A.F.C.

Depois de na temporada anterior ter atingido as meias-finais da Taça da Associação de Futebol de Coimbra, a equipa dos estudantes começou da melhor forma a sua participação na edição deste ano, ao vencer, na partida da 1ª. eliminatória, o Ribeirense — equipa que milita na II Divisão Distrital — por uma bola a zero. A nossa reportagem esteve presente em Ribeira dos Frades e assistiu ao encontro.

Foi uma partida duramente disputada, mas sem «quezílias», em que o maior domínio pertenceu sempre à equipa da A.A.C., que mereceu por inteiro a vitória e o consequente apuramento para a segunda eliminatória. O golo solitário aconteceu à passagem dos oitenta e dois minutos, autoria do «capitão» Rui Pedro.

Miguel, Saraiva e Gabriel foram os elementos que mais se salientaram, numa equipa unida, sempre muito lutadora, com «raça» e disciplinada.

A equipa da A.A.C. alinhou da seguinte forma: Miguel; Sérgio, Alberto, Duarte e Paulo Maranhão. Eduardo; Rui Campos (Rui Fonseca aos 79m), Saraiva e Patrício (Gabriel aos 58m), Rui Pedro (cap.) e Mexia.



A celebração oficial do contrato que ligará a Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra com a Umbro— representada no nosso país pela empresa Norsport— teve lugar no Centro Cultural D. Dinis, com a assinatura por ambas as partes, de um vínculo, que terá a duração de três temporadas, englobando já a presente época.

Assim, o plantel da A.A.C., será todo ele equipado com o material desportivo da Umbro, uma das mais conceituadas marcas desportivas, que no nosso país, para além da Académica, só patrocina o Sporting Clube de Portugal.

Na cerimónia, estiveram presentes orgãos da comunicação social, os jogadores do plantel da Académica e alguns convidados, entre os quais se destacam, pela Norsport, Agostinho Gomes e Manuel Gomes, o Presidente da A.A.C., Fernando Guerra, Prof. Campos Neves em representação do Reitor da Universidade e João do Carmo e Rui Pedro, directores da Secção de Futebol da «Briosa»

No final dos discursos da «praxe», houve uma pequena, mas muito apreciada, actuação da «Estudantina».

«Estou satisfeito com o plantel»

—Paulo Falcão (treinador)

Paulo Falcão, aluno de Engenharia Química, é o treinador da equipa. Faltam-lhe três «cadeiras» para acabar o curso e ainda está indeciso sobre o seu futuro em termos de carreira profissional. Com vinte e sete anos de idade, já foi campeão da II Divisão Distrital, na época anterior, ao serviço do Eirense. Aceitou o desafio da Académica e espera levar a equipa a uma posição de relevo.

— Era um grande desafio para mim treinar a Académica — *começou por nos afirmar* — **acho há aqui condições para se fazer um bom trabalho, falta só um pouco de organização e motivação psicológica. Estamos a melhorar a esse nível.**

— Treinador ou Engenheiro, qual será a sua opção em termos de futuro?

— Gosto muito das duas vertentes. Vou ter de equacionar em termos de qual será para mim a mais rentável, pois, como disse, gosto muito de ambas.

— Como é que veio encontrar o plantel?

— Um bom grupo de trabalho. Temos um plantel grande e estamos a criar um bom espírito de grupo.

— O objectivo é alcançar um lugar que permita subir à Divisão de Honra?

— Acho que à partida não devemos lutar por esse objectivo, pois creio que somos uma das melhores equipas da série. Podemos e vamos lutar para... a subida à III Divisão Nacional. Mas se não subirmos, paciência, procuraremos uma classificação digna.

— Satisfeito com o plantel?

— Sim, com uma ou outra carência. Temos apenas dois guarda-redes, por isso precisamos de mais um. E talvez mais um «central». Mas os jogadores do plantel têm qualidade e tenho soluções. O problema até é escolher os dezasseis...

A terminar:

— Vamos procurar jogar bem e motivar as pessoas a virem cá ver a equipa da A.A.C. jogar e assim incentivar a equipa. No último jogo já tínhamos vinte estudantes a ver o encontro, já foi muito bom, tínhamos para aí (rindo-se)...mais dezanove que no encontro anterior. Talvez no próximo já possamos ter cá cinquenta espectadores. Era bom e seria um grande incentivo para todos nós.

Eduardo Jorge

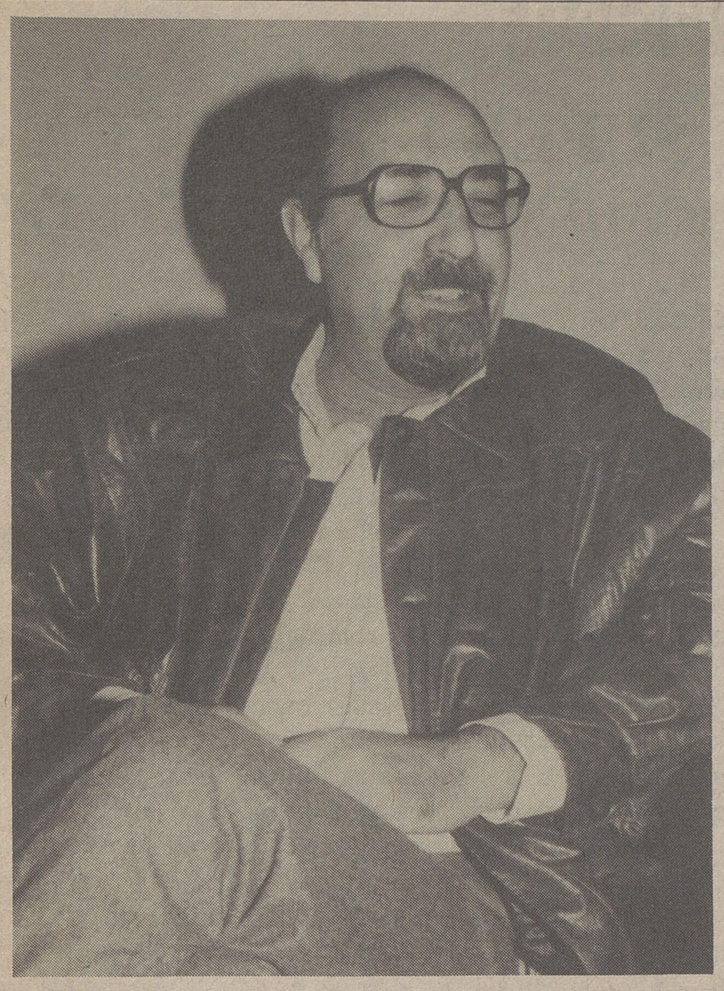
NOMES	*NATURALIDADE*	*CURSO*	*ANO*	*POSIÇÃO*
Miguel Sanches	Lisboa	Física	4º	G-R
Rui Pacheco	Coimbra	Farmácia	5º	G-R
João Garção	Portalegre	História da Arte	4º	G-R
Eduardo Pacheco	Tavira	Eng. Geológica	5º	Defesa
Paulo Soares	Coimbra	Eng. Informática	3º	Defesa
João Carlos	Íhavo	Medicina Dentária	6º	Defesa
Sérgio Almeida	Águeda	Eng. Química	4º	Defesa
Paulo Maranhão	Alcobaça	Biologia	4º	Defesa
José Hilário	Miranda do Corvo	Eng. Civil	4º	Defesa
Filipe Reis	Leiria	Economia	5º	Defesa
Cunha Ferreira	Coimbra	Economia	3º	Defesa
Duarte Filipe	Espinho	Direito	5º	Defesa
José Andrade	Luanda	Eng. Electrotécnica	5º	Defesa
Alberto Zulueta	San Sebastian	Medicina	5º	Médio
Paulo Miguel	Oeiras	Eng. Mecânica	4º	Médio
Pedro Godinho	Coimbra	Economia	5º	Médio
Pedro Saraiva	Coimbra	Medicina	4º	Médio
Luís Quadrado	Sabugal	Química Industrial	5º	Médio
Rui Pedro	Estarreja	Eng. Civil	5º	Médio
Gabriel Brito	Cabo Verde	ISCA	3º	Médio
Jaime Silva	Coimbra	Economia	5º	Médio
Patrício Figueiredo	Viseu	Eng. Mecânica	2º	Médio
Rui Campos	Coimbra	Eng. Electrotécnica	2º	Médio
Artur	Coimbra	Eng. Electrotécnica	1º	Médio
João Mexia	Coimbra	Eng. Civil	4º	Avançado
Quim	Coimbra	ISEC	2º	Avançado
Miguel Escobar	Paraguai	ISSSC	1º	Avançado
Rui Fonseca	Angola	Eng. Civil	5º	Avançado

Treinador: Paulo Falcão
Preparador físico: Prof. Branco
Massagista: Laurentino Soares

umbro
umbro
umbro
umbro
umbro

DESPORTO UNIVERSITÁRIO EM REFLEXÃO

"Na Universidade de Coimbra prática regular só... 1,5 a 2,0%



Nome - Adriano Teixeira Barbosa de Sousa
Idade - 49 anos
Naturalidade - concelho de Felgueiras
Curriculum Académico - licenciado em Farmácia pela Univ. de Coimbra em 1970
- doutorado pela Universidade de Montpellier (França) em 1977
Curriculum Desportivo - dirigente da Secção de Voleibol da A.A.C. entre 1968 e 1989
- dirigente do Estádio Universitário desde 1984
Cargos que exerce - Pres. do Cons. Directivo da Faculdade de Farmácia da U.C.
- Prof. Associado da Fac. de Farmácia da U.C.
- Pres. da Comissão Directiva do Estádio Universitário

Ligado ao desporto na Universidade de Coimbra desde 1968, altura em que, frequentando o 3º do curso de Farmácia, ingressou na Secção de Voleibol da Associação Académica de Coimbra na qualidade de dirigente, Adriano Teixeira Barbosa de Sousa é desde 1984 um dos principais responsáveis pelo Estádio Universitário, onde exerce actualmente o cargo de Presidente da Comissão Directiva.

As boas recordações que guarda dos tempos de estudante universitário, levam Adriano Sousa a falar com saudade da "velha" Académica, em que o desporto era praticado por amor à camisola, e em que os jogadores das equipas dos "estudantes" eram mesmo estudantes. Fala com particular carinho do Marques, que veio para Coimbra dar chutos na bola com a 4ª classe e que daqui saiu doutor em Direito.

Quando, em 1977, regressou de França, com o doutoramento feito, encontrou outra Académica, mais virada para a cidade. Aliás, considera que foi a própria cidade, com a sua indústria, comércio e entidades responsáveis, que se colocou sob a sombra da A.A.C., desviando-a da sua função primordial - a formação desportiva e cultural dos estudantes universitários, e colocando-a ao serviço de toda a comunidade.

Adriano Sousa defende uma mudança na política desportiva da A.A.C., convidando a uma reflexão sobre o número de alunos da Universidade de Coimbra que praticam desporto regularmente - 1.5 a 2%, isto é, entre 250 e 300. Estará a A.A.C. a desempenhar a função para a qual foi criada e a atingir os objectivos a que se propôs? E depois há o Estádio Universitário, que tem uma certa dificuldade em justificar as dezenas de milhar de contos que gasta todos os anos, supostamente para proporcionar aos estudantes universitários infraestruturas desportivas adequadas. Mas se só 300 alunos praticam desporto regularmente, isso não quer dizer que a Universidade está a pagar algumas centenas de contos, anualmente, por cada atleta universitário? E o dinheiro que quase não chega para começar as aulas...

Uma das principais razões apontadas pelo Prof. Adriano Sousa para o escasso número de estudantes/atletas é a falta de hábitos desportivos da juventude portuguesa, que, ao não serem adquiridos nos primeiros anos de escolaridade, dificilmente o virão a ser na Universidade. Refere a importância decisiva da Lei de Bases do Sistema Desportivo, que vai criar os referidos hábitos desde a escola primária até à Universidade. Só falta a sua implementação através de normas regulamentares.

Outro passo fundamental a ser dado para aumentar o número de praticantes na Universidade de Coimbra é a diminuição da carga horária, considerada excessivamente pesada e inadequada a uma prática desportiva regular. Mas, neste aspecto, Adriano Sousa considera que a iniciativa deve partir dos próprios estudantes, alertando os órgãos competentes da Universidade para a necessidade de haver uma redução horária que permita uma compatibilização das actividades curriculares com a prática desportiva. Também as directivas comunitárias que se prevê venham a ser emanadas neste domínio irão obrigar à diminuição da carga horária.

Negando a existência do Desporto Universitário como uma realidade autónoma, Adriano Sousa defende que o desporto é todo igual, mudando apenas a sua estruturação e organização em função dos seus praticantes. Assim, só teria sentido falar de Desporto Universitário em função dos estudantes que praticam desporto nas suas Universidades. No entanto, Adriano Sousa considera que em Portugal não existe aquilo a que se possa chamar desporto praticado na Universidade. O que existe são atletas de clubes privados que frequentam cursos universitários e que, por serem estudantes universitários que praticam desporto, constituiriam o Desporto Universitário. Segundo Adriano Sousa deu-se a volta ao contrário, considerando que Desporto Universitário é aquele que é praticado pelos estudantes no seio da sua Universidade e não aquele que é praticado nos clubes privados por estudantes universitários.

Adriano Sousa define-se a si mesmo como "defensor do Estádio Universitário". Responsável por esse complexo desportivo desde 1984, é com entusiasmo, mas também com alguns receios, que fala do crescimento que tem conhecido e, principalmente, no desenvolvimento que irá conhecer a médio prazo. A construção do tão esperado Pavilhão III já vai poder arrancar. Mas só a primeira fase, porque os 50 mil contos, conseguidos através do contrato-programa celebrado entre a Direcção Geral do Ensino Superior, a Reitoria da Universidade de Coimbra e a Associação Académica de Coimbra, não dão para mais. A inscrição, já assegurada, da obra no PIDDAC de 1992/1993 irá assegurar a conclusão do Polidesportivo. Depois há a Piscina, para a qual ainda não há dinheiro, mas que se espera construir. Já em relação à tão falada pista sintética de atletismo, Adriano Sousa não quer tomar nenhuma posição, considerando mesmo como solução ideal a criação de um terceiro espaço, em alternativa às hipóteses em confronto - Estádio Universitário e Estádio Municipal. Mas, se derem dinheiro ao Universitário para construir a pista, também não se recusa.

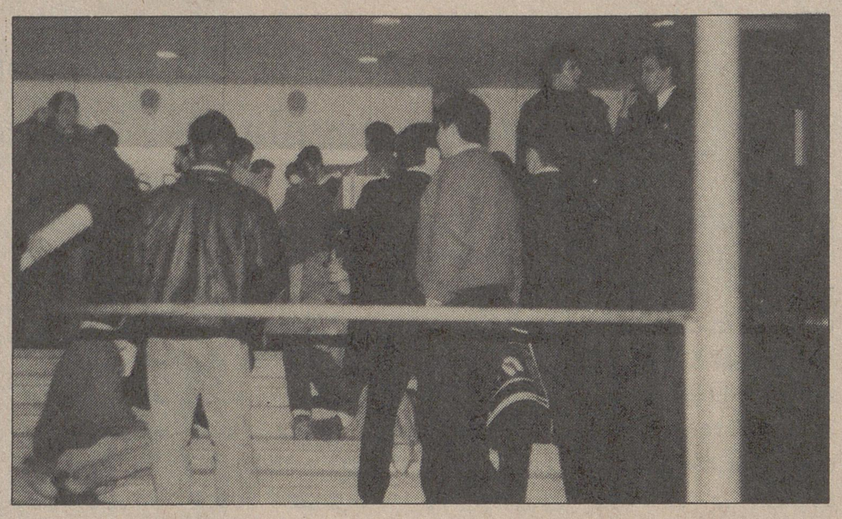
Questão de abordagem obrigatória, no que diz respeito à gestão do Estádio, é a que se prende com a própria Comissão Directiva que, respeitando o articulado do novo regulamento, é formada por dois elementos nomeados pela Reitoria da Universidade e por dois elementos da A.A.C.. Apesar de reconhecer que os interesses defendidos por si, como presidente de Comissão Directiva, e pelo Prof. José Falcão, são por vezes divergentes dos interesses defendidos pelos elementos da A.A.C., considera que nunca se chegou a um ponto de ruptura, alcançando-se sempre soluções de compromisso. Faz também questão de afirmar que, apesar de possuir voto de qualidade em questões de desempate nunca fez uso dele, preferindo remeter esse poder para o Reitor. Explica que as divergências que têm existido se devem, normalmente, ao facto de os interesses da Reitoria se reflectirem na necessidade de serem feitos investimentos que tenham em vista a futura Licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física, ao passo que os interesses defendidos pela A.A.C. são os que passam pela resolução dos problemas das suas secções desportivas.

É pela criação da Licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física que passa, segundo o Prof. Adriano Sousa, o futuro do desporto na Universidade de Coimbra. Verdadeiramente empenhado na sua criação, defende que a Licenciatura irá beneficiar não só as secções desportivas da A.A.C. e os estudantes universitários, mas também as escolas secundárias da região, que assim verão preenchidas as suas carências de professores de educação física especializados. Igualmente importante será o seu papel na gestão de espaços desportivos, como é o caso do próprio Estádio Universitário, e, em última instância, na criação de um espírito desportivo na Universidade de Coimbra e na própria dignificação da prática desportiva. Adriano Sousa defende a sua criação no seio de uma Faculdade própria - a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, evitando assim os inconvenientes da inclusão numa das faculdades existentes. Prevê-se que a Faculdade, a ser criada, arranque nas instalações do Estádio Universitário, sendo futuramente transferida para as instalações desportivas do Polo II. Se, por razões de ordem financeira, a criação da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física não for viável a curto ou médio prazo, Adriano Sousa coloca mesmo a hipótese de a Licenciatura ser criada noutra Faculdade, disponibilizando desde já a Faculdade de Farmácia, de cujo Conselho Directivo é Presidente, para o seu arranque.

Rui Faria da Cunha

GIL VICENTE NÃO TEM FANS !

No passado dia 6, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) teve dois espectáculos simultâneos. Um estava desde logo previsto e teve lugar no palco do Teatro, era uma banda inglesa integrada nas comemorações do GEFAC; o outro aconteceu à entrada, com a "exibição" dos FANS que protestavam o facto de terem sido preteridos no seu Sarau.



Manifestação dos FANS frente ao TAGV

A história conta-se em poucas linhas,.a polémica gerada à sua volta é que duvidamos caiba nesta página. Como todas as histórias: era uma vez... um grupo de rapazes, os FANS, que resolveu fazer um Sarau. Contactaram a Direcção-Geral da AAC em Julho e propuseram o dia 6 de Novembro para a data do seu espectáculo no TAGV. A DG/AAC comunicou tal pretensão à Comissão Directiva do TAGV no dia 5 de Setembro e a 2 de Outubro a Comissão Directiva responde negativamente a tal pretensão, alegando que para a data pretendida tinha preferido um espectáculo organizado pelo GEFAC, que trazia a Coimbra um grupo inglês. A Comissão Directiva baseou-se em critérios de qualidade artística e cultural, não respeitando a cronologia dos pedidos. A partir daqui começa a polémica.

A Direcção-Geral recorre ao Reitor para que este interceda a seu favor. O Reitor mostra a sua solidariedade, mas diz nada poder fazer pois reconhece autonomia à Comissão Directiva do TAGV. A situação protela-se no tempo e a resposta negativa é dada pela DG/AAC aos FANS a 1 de Novembro, uma semana antes da data escolhida para o espectáculo.

Os FANS não se conformaram. Solicitaram o espectáculo com a antecedência devida, já tinham os cartazes e os convites prontos quando, a uma semana do evento, lhe dizem que na verdade o espectáculo não ia ser realizado. Consideram-se traidos, **o Teatro é Académico e os Saraus fazem parte de uma cultura dominante de 17 mil pessoas.** Consideram ainda que o Reitor nada resolveu quando o poderia ter feito, **ele traiu a sua base de existência**, dizem.

A DG/AAC defende a realização do Sarau porque ele foi marcado antes do espectáculo do GEFAC. Diz que o TAGV é académico e como tal tem que receber os espectáculos dos estudantes. **Se calhar já não é assim tão académico**, refere Fernando Guerra. Aqui a questão complica-se. **Nós pensamos que é fundamental uma restruturação global do TAGV, para que este venha ao encontro dos interesses dos estudantes**, diz Fernando Guerra, o Presidente da AAC. É sabido que o Director Artístico é escolhido por concurso público mediante a apresentação de um programa global que é escolhido por um juri constituido pelos restantes membros da Comissão Directiva. É também sabido que a escolha foi feita por unanimidade. Como é que o Presidente da AAC vem agora dizer que o tal programa não serve? E se não serve, porque é que o representante da AAC na Comissão Directiva não votou contra? Fernando Guerra diz ainda, **um espaço como aquele** (TAGV)

É também sabido que a escolha foi feita por unanimidade. Como é que o Presidente da AAC vem agora dizer que o tal programa não serve?

tem que ser rentabilizado.

Neste processo, António Augusto Barros, Director Artístico do TAGV, não poupa criticas à Direcção-Geral, diz que esta sonegou informação aos FANS, a tal que dava o indeferimento do pedido. Acusa a DG/AAC de manipulação dos FANS para objectivos pouco claros. Refere que **o critério de ordem cronológica não serve para uma programação, caso contrário não estavamos aqui a fazer nada, enquanto projecto artístico.** Quanto à questão do Teatro ser ou não académico Augusto Barros não vacila, **o que é isso de servir os estudantes? É apenas marcar aquilo que eles propõem,ou é, pelo contrário, e é aquilo que temos feito, com um projecto artístico, fornecer-lhes espectáculos não comerciais, de qualidade, muitas vezes alternativos que eles, desde logo, não tem em mais lado nenhum.**

António Piedade é o representante da AAC na Comissão Directiva do TAGV, não quis fazer declarações à "A Cabra", mas sempre conseguimos saber que, desde que foi nomeado,ainda não conseguiu falar com o Presidente da AAC, ao que parece por falta de agenda deste. Esse encontro, que ultimamente voltou a ser adiado, terá lugar ainda esta semana, onde tudo poderá acontecer. Fernando Guerra considera que, **temos que rever a nossa posição e saber se vale a pena ou não termos representante no TAGV.** Até ao momento todas as decisões da Comissão Directiva têm sido tomadas por unanimidade, o que coloca o Presidente da AAC numa posição delicada.

Questionado sobre a questão do TAGV dar lucro, Augusto Barros considera possivel mas não com o seu projecto., **terá que vir para aqui outra pessoa, terão que fazer outro projecto artístico, terão que rever os Estatutos do Gil Vicente, e depois se quiserem trazer o Marco Paulo e por aí adiante, então vai dar lucro. Trata-se de saber se a própria Academia estará interessada neste tipo de intervenção cultural. Se estiver pode dar lucro.**

A resposta cabe pois à Academia.

J. A.

OPINIÃO

SUPER DISCOTECA ACADÉMICA "GIL VICENTE"

De um espaço com as dimensões significativas do Teatro Académico de Gil Vicente, tudo será possível dizer. Admira-me até que, com o grau de desenvolvimento atingido pelo consumismo universitário, DG's, SS's e demais organizações de poder interventivo, todas inspiradas nas mais modernas e pragmáticas facetas do liberalismo, nunca se tenham proposto a transformação do Gil numa Super-Discoteca (com palco e tudo), afinal tão mais rentável!

As secções e organizações estudantis obteriam assim um espaço de eleição. O público seria certo, o espaço óptimo de envolvência e, assim, em vez do D. Dinis, parco na sua capacidade cultural "entre canecas", seria possível extravasar com maior plenitude a boémia e pachorrenta "irreverência coimbrã.

Difícil não era. No fundo, só tinhamos que passar o bar para dentro da sala e doar as cadeiras a uma qualquer instituição de caridade. Pelo menos, assim existiria uma quantidade nada negligenciável de público que, pela motivação da sede, não perderia pitada dos espectáculos estudantis tornando mais fácil o conhecimento daquilo que a academia de Coimbra se encontra a debitar. Afinal de contas, saraus e afins estão tão "démodés" que se torna premente actualizar e adaptar este tipo de performances aos novos valores da juventude de hoje. Nós, os estudantes, passaríamos assim a ter um espaço de divertimento moderno, reinventado na própria casa sinónimo de vanguarda na sociedade da abundância e democracia de sucesso que se vive actualmente em Portugal.

As DG's (laranjas, rosas ou desbotadas) veriam assim com bons olhos a tomada definitiva desta última Bastilha, deste novo espaço para a causa estudantil. Em termos históricos, seria a realização de um sonho de gerações de estudantes desde há já um século. Nem sempre com os mesmos objectivos, claro, mas as coisas mudam e as pessoas também - porque não ? O espaço, desta forma estudantalizado, seria o veículo por excelência da explanação criativa da "política cultural" de qualquer DG. Além disso, seria facílimo conseguir um acordo, quiçá um protocolo como hoje em dia é moda fazer) com o Governo Civil, de forma a que este espaço estivesse aberto até às seis da manhã (?). Dos trunfos políticos que tal atitude traria, ui!... nem quero falar.

Os Serviços Sociais, como novos empresários da noite, esfregariam as mãos de contentes. Sim, porque, naturalmente os SS's seria quem faria a administração da nova casa. As bolsas certamente aumentariam !. Sim, é preciso não esquecer a vertente de apoio social universitário que uma medida destas implicaria. À força da rentabilidade financeira deste espaço, as regalias dadas aos estudantes aumentariam concerteza significativamente em quantidade e qualidade.

O Reitor é que poderia não ficar lá muito contente. Mas como este nunca aquece nem arrefece, com duas ou três visitas guiadas, apercebendo-se da maciça adesão dos estudantes ao projecto, facilmente se renderia à evidência...

Claro ! A concorrência directa é que não gostaria nada. Mas como a adesão à C.E.E. "a concorrência é o principal motor do progresso económico" esta até devia era agradecer à academia e à universidade o por em prática uma ideia destas.

Mais uma vez, ao contrário do que os poderes camarários e governativos pensam, a academia daria o seu contributo sócio-económico-cultural ao desenvolvimento da cidade, da região e, quem sabe, da Nação.

Será preciso argumentar mais ?

Não fica assim tudo contente com a forma como resolvemos todas as questões em relação a um espaço apelidado em alguns corredores como "um bichinho caro para a reitoria" ? Não resolve na base os problemas que se põem a nível de utilização deste espaço à superstrutura da AAC que é a Direcção Geral ? Não dá aos dezassete mil e tal estudantes aquilo que eles querem que é um espaço próprio para poderem extravasar ? Não será esta mais uma das formas de a pobre Universidade deficitária poder suprir os problemas que a autonomia ("a desejada") levantou?

Que necessidade temos de um espaço com qualidade, como uma programação pensada, da qual toda a imprensa faz eco (a gente quer lá ter espaço nos Media).?

Porquê hesitar ?

Dê-mos asas à nossa forma de estar. Os argumentos estão dados, se nos pusermos a pensar demasiado estragamos tudo.

Armando Jorge